



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE

NATHALIA TIAGO DOS REIS

**Entre Camadas Invisíveis: Uma análise da arquitetura corporativa
do Superlimão**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Nathalia Tiago dos Reis

3. Título do trabalho

Entre Camadas Invisíveis: uma Análise da Arquitetura Corporativa do Superlimão

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Nathalia Tiago Dos Reis, Usuário Externo**, em 07/10/2025, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eline Maria Mora Pereira Caixeta, Professora do Magistério Superior**, em 07/10/2025, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5701805** e o código CRC **8D150FD7**.

NATHALIA TIAGO DOS REIS

**Entre Camadas Invisíveis: Uma análise da arquitetura corporativa
do Superlimão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Projeto e Cidade.

Área de Concentração: Projeto, Teoria, História e Crítica.
Linha de pesquisa: História e Teoria da Arquitetura e Cidade.

Orientadora: Professora Doutora Eline Maria Mora Pereira Caixeta.

Coorientador: Professor Doutor Wagner de Souza Rezende.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Reis, Nathalia Tiago dos
Entre Camadas Invisíveis [manuscrito] : Uma Análise da
Arquitetura Corporativa do Superlimão / Nathalia Tiago dos Reis. -
2025.
0 219 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Eline Maria Mora Pereira Caixeta; co
orientador Dr. Wagner de Souza Rezende.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em
Projeto e Cidade, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de
figuras, lista de tabelas.

1. Arquitetura Corporativa. 2. Camadas Invisíveis. 3.
Fenomenologia. 4. Bem-estar. 5. Superlimão. I. Caixeta, Eline Maria
Mora Pereira, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **018/2025** da sessão de Defesa de Dissertação de **Nathalia Tiago dos Reis**, que confere o título de Mestre(a) em **Projeto e Cidade**, na área de concentração em **Projeto, Teoria, História e Crítica**.

Aos **trinta de setembro de dois mil e vinte e cinco**, a partir das **quatorze horas**, **via webconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“Entre Camadas Invisíveis: uma Análise da Arquitetura Corporativa do Superlimão”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Eline Maria Mora Pereira Caixeta (FAV/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Wagner de Souza Rezende (UAECSA-UFG)**, co-orientador; Professora Doutora **Maíra Teixeira Pereira (CCET/UEG)**, membro titular externo; Professor Doutor **Camilo Vladimir de Lima Amaral (FAV/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Eline Maria Mora Pereira Caixeta**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **trinta de setembro de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Eline Maria Mora Pereira Caixeta**, Professora do **Magistério Superior**, em 30/09/2025, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Vladimir De Lima Amaral**, Professor do **Magistério Superior**, em 03/10/2025, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maíra Teixeira Pereira**, **Usuário Externo**, em 03/10/2025, às 12:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wagner De Souza Rezende**, Professor do **Magistério Superior**, em 03/10/2025, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5686286** e o código CRC **1936B065**.

AGRADECIMENTOS

A jornada de uma dissertação é feita de páginas escritas, mas também de silêncios partilhados, noites insones, afetos discretos e presenças que sustentam. A cada linha deste trabalho subjazem mãos que me ampararam e olhares que me encorajaram — e é a todos vocês que dirijo minha mais profunda gratidão.

A Deus, cuja presença silenciosa me ofereceu força nos momentos de exaustão e clareza nas encruzilhadas do caminho. Em cada incerteza, encontrei uma fé que me sustentou e uma esperança que me guiou.

Aos meus pais, Antonio Carlos e Fátima, por serem meu alicerce. Por me ensinarem, desde sempre, que o conhecimento é também um gesto de amor. Sua confiança irrestrita e generosidade cotidiana foram farol constante nesta travessia.

À minha irmã, Isabella, cuja presença é abrigo e cuja escuta é um gesto de afeto. Parceira de vida e inspiração sensível, compartilhou comigo alegrias e dúvidas com doçura e leveza.

A Renan, meu companheiro, pela paciência amorosa e pelo apoio incansável. Sua presença foi respiro nos momentos mais áridos, e sua escuta transformou o peso em aprendizado.

Aos colegas do mestrado, pela partilha de saberes e pelas trocas que tornaram essa caminhada mais plural e menos solitária. As conversas nos corredores e os desabafos honestos foram também matéria de construção coletiva.

Aos amigos da vida, pela escuta generosa, pelas pausas necessárias e pelas pequenas celebrações que relembram que o viver vai além da pesquisa. Sua presença silenciosa, mas constante, ajudou-me a manter o centro quando tudo parecia disperso.

Aos meus orientadores, cujo rigor acadêmico e exigência constante marcaram profundamente este percurso.

Ao escritório Superlimão, por abrir generosamente suas portas, seus arquivos e seus processos, oferecendo não apenas dados, mas acolhimento, escuta e

confiança. A cada conversa e visita, fui lembrada de que a arquitetura mais potente é aquela que pulsa junto com as pessoas que a habitam.

À equipe da Ampfy, pelo acesso sensível e respeitoso ao espaço que ajudaram a moldar. Sua colaboração foi essencial para que esta pesquisa se enraizasse no cotidiano e nos gestos reais do habitar corporativo.

E, por fim, à Universidade Federal de Goiás, pela oportunidade de formação e pelo espaço de diálogo e pensamento crítico que possibilitaram meu amadurecimento acadêmico e pessoal.

A todos vocês, dedico este trabalho com sincero agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar de que maneira espaços corporativos que ampliam sua concepção arquitetônica para a humanização dos ambientes favorecem a apropriação significativa pelos usuários, ativando o que a autora denomina camadas invisíveis — conceito desenvolvido neste trabalho para designar dimensões intangíveis do espaço relacionadas a formas de ocupação, dinâmicas sociais, fluxos de interação, significados culturais e identitários, atmosferas e sensações percebidas. Parte-se da hipótese de que organizações e arquitetos alinhados a essa consciência projetual produzem ambientes mais colaborativos e mais propensos à ativação dessas camadas no uso cotidiano. Metodologicamente, adota-se uma abordagem teórico-reflexiva ancorada na fenomenologia, que tem sua origem nas reflexões filosóficas de Heidegger e Bachelard sobre o habitar e a poética do espaço, incorporando no campo arquitetônico autores como Juhani Pallasmaa, cujos textos aproximam a fenomenologia da produção arquitetônica contemporânea, ao enfatizar a percepção sensorial e atmosférica, e Herman Hertzberger, cuja obra, embora dialogue com essa perspectiva ao destacar o papel ativo dos usuários, articula também princípios do estruturalismo ao compreender a arquitetura como estrutura aberta a ser continuamente completada no uso cotidiano. Esse referencial, aliado ao método composicional de Gillian Rose para análise imagética, sustenta as estratégias de pesquisa, que incluem observações *in loco* com vivência incorporada da pesquisadora (*usuária-observadora*), colagens analíticas, levantamento fotográfico e entrevistas com arquitetos e usuários, realizadas nos espaços da sede do Superlimão e da agência Ampfy, ambos em São Paulo. Para aprofundar a identificação da presença e da ativação das camadas invisíveis, a análise considerou um conjunto de atributos capazes de revelar como os espaços se tornam significativos no uso cotidiano. Entre eles, destacam-se os elementos decorativos, a identidade visual, a diversidade e a convivência, assim como os modos de participação e representatividade que emergem na dinâmica social dos ambientes. Esses aspectos, articulados metodologicamente, funcionam como indicadores da forma pela qual os usuários se apropriam dos espaços, atribuem sentidos e transformam a arquitetura em experiência compartilhada. Os resultados indicam que a sede do Superlimão apresenta maior abertura, flexibilidade e caráter “inacabado”, estimulando apropriações espontâneas e múltiplos modos de uso; já a Ampfy, embora mais estruturada por um layout pré-definido, ativa camadas invisíveis por meio de estímulo à participação, incentivo à convivência e valorização da identidade, promovendo usos significativos e vínculos afetivos. Conclui-se que a tentativa de integrar as dimensões sensíveis desde o gesto projetual até a vivência cotidiana amplia a capacidade dos espaços corporativos de gerar sentido, fortalecer laços

de pertencimento e promover bem-estar, reafirmando a arquitetura como prática poética, ética e culturalmente situada; a pesquisa oferece contribuição conceitual, definição e operacionalização das camadas invisíveis, e metodológica, protocolo de colagens + atributos, abrindo frentes para investigações futuras mais extensivas sobre subjetividade, trabalho e percepção sensível no ambiente corporativo.

Palavras-chave: arquitetura corporativa; camadas invisíveis; fenomenologia; bem-estar; Superlimão.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate how corporate spaces that expand their architectural conception toward the humanization of environments foster meaningful appropriation by users, activating what the author defines as *invisible layers*—a concept developed in this research to designate the intangible dimensions of space related to forms of occupation, social dynamics, flows of interaction, cultural and identity meanings, atmospheres, and perceived sensations. The hypothesis is that organizations and architects aligned with this design awareness produce more collaborative environments that are more conducive to the activation of these layers in everyday use. Methodologically, the research adopts a theoretical-reflective approach anchored in phenomenology, whose origins lie in the philosophical reflections of Heidegger and Bachelard on dwelling and the poetics of space. Within the architectural field, this perspective incorporates authors such as Juhani Pallasmaa, whose writings bring phenomenology closer to contemporary architectural production by emphasizing sensory and atmospheric perception, and Herman Hertzberger, whose work, while dialoguing with phenomenology in highlighting the active role of users, also articulates principles of structuralism by conceiving architecture as an open framework to be continuously completed through daily use. This framework, combined with Gillian Rose's compositional method for visual analysis, supports the research strategies, which include on-site observations with the embodied experience of the researcher (user-observer), analytical collages, photographic surveys, and interviews with architects and users, carried out in the headquarters of Superlimão and the Ampfy agency, both in São Paulo. To deepen the identification of the presence and activation of the invisible layers, the analysis considered a set of attributes capable of revealing how spaces become meaningful in everyday use. Among them, decorative elements, visual identity, diversity, and conviviality stand out, as well as modes of participation and representativeness that emerge in the social dynamics of the environments. These aspects, methodologically articulated, function as indicators of how users appropriate spaces, assign meanings, and transform architecture into a shared experience. The results indicate that the Superlimão headquarters displays greater openness, flexibility, and an "unfinished" character, encouraging spontaneous appropriations and multiple modes of use; whereas Ampfy, though more structured by a predefined layout, activates invisible layers by stimulating participation, fostering conviviality, and reinforcing identity, thereby promoting meaningful uses and affective bonds. It is concluded that the attempt to integrate sensitive dimensions from the design gesture to everyday experience expands the capacity of corporate spaces to generate meaning, strengthen bonds of belonging, and promote well-being, reaffirming architecture as a poetic, ethical, and culturally

situated practice. The research contributes conceptually, by defining and operationalizing invisible layers, and methodologically, by presenting the protocol of collages and attributes, opening avenues for future investigations into subjectivity, work, and sensitive perception in corporate environments.

Keywords: corporate architecture; invisible layers; phenomenology; well-being; Superlimão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Planta livre e integração visual no espaço de trabalho – Sala principal da sede da Johnson Wax.....	47
Figura 02. Evolução da configuração espacial em escritórios – Comparação entre layout de 1920 e de 1950.....	48
Figura 03. Plantas de escritórios no conceito Landscape Office – disposição orgânica e flexível do mobiliário.....	49
Figura 04. Módulos do sistema Action Office – configuração flexível para estações de trabalho (1968).....	50
Figura 05. Cena do filme Playtime (1967) – representação dos cubículos corporativos.....	52
Figura 06. Edifício Centraal Beheer (1972) – área de convivência.....	53
Figura 07. 590 Madison Avenue – espaço público aberto.....	54
Figura 08. Espaço interno do escritório TBWA\Chiat\Day – integração de áreas e uso de vegetação interna artificial.....	58
Figura 09. Planta do conceito Living Office – integração de diferentes tipologias de espaços de trabalho.....	61
Figura 10- Zonas funcionais: Áreas de trabalho compartilhadas.....	63
Figura 11- Ambientes de socialização, descanso e descompressão.....	64
Figura 12- Ambientes de descanso e descompressão.....	65
Figura 13- Espaços humanizados na Sede Youse, projeto de Guto Requena.....	69
Figura 14- Espaços humanizados no escritório da Pitá Arquitetura.....	70
Figura 15- Espaços humanizados no projeto da sede da Questto.....	71
Figura 16 - Espaços humanizados no projeto da sede da SouSmile.....	72
Figura 17. Quadro sintético das imagens poéticas em Bachelard.....	81
Figura 18 Volumetria Central Beheer.....	84
Figura 19. Interior Central Beheer.....	85
Figura 20. Planta Central Beheer.....	86
Figura 21. Salão de trabalho com layout aberto e vegetação integrada. Sede da Google em São Paulo.....	101
Figura 22. Vista externa com cobertura de madeira e integração à paisagem natural. Projeto YPY.....	104
Figura 23. Fachada principal preservando características originais e integrando nova cobertura metálica. Projeto Marília.....	105
Figura 24. Lounge principal com mobiliário regional e elementos reciclados. Google Campus, São Paulo.....	106
Figura 25. Recepção com design orgânico e elementos naturais. Sede da Microsoft, São Paulo.....	107
Figura 27. Fachada com design sustentável e materiais naturais. McDonald's Paraíso, São Paulo.....	109
Figura 29. Localização da sede da Ampfy no bairro Vila Madalena, São Paulo.....	111

Figura 30. Fachada da sede da Ampfy vista a partir da rua, com destaque para o volume envidraçado e elementos de proteção lateral.....	112
Figura 31. Entrada para o subsolo da sede da Ampfy, com vegetação integrada ao percurso e fechamento lateral em aço corten.....	115
Figura 32. Recepção da sede da Ampfy, marcada pelo uso intenso da cor amarela e iluminação embutida em estrutura metálica perfurada.....	116
Figura 33. Plantas baixas dos pavimentos da sede da Ampfy.....	118
Figura 34. Área de convivência — sede da Ampfy.....	119
Figura 35. Materialidade — sede da Ampfy.....	121
Figura 36. Salão de trabalho — sede da Ampfy.....	123
Figura 37. Estações de trabalho — sede da Ampfy.....	124
Figura 38. Entrada Ampfy - Colagens das Camadas Invisíveis.....	126
Figura 39. Planta Subsolo - Atributos das Camadas Invisíveis.....	127
Figura 40. Copa no subsolo - Colagens das Camadas Invisíveis.....	128
Figura 41. Espaço de convivência preparado para o evento.....	129
Figura 42. Planta Térreo - Pavimento de convivência - Atributos das Camadas Invisíveis.....	131
Figura 43. Pavimento de convivência - Colagens das Camadas Invisíveis.....	132
Figura 44. Pavimento de trabalho - Colagens das Camadas Invisíveis.....	136
Figura 45. Planta Pav. Pavimento 1- Atributos das Camadas Invisíveis.....	137
Figura 46. Planta Pav. Pavimento 2 - Atributos das Camadas Invisíveis.....	137
Figura 47. Localização – Sede do Superlimão.....	140
Figura 48. Interações na cidade – Jan Gehl.....	141
Figura 49. Vista da fachada da obra Superlimão.....	142
Figura 50. Entrada principal Superlimão.....	144
Figura 51. Primeiro Nível - Escritório Superlimão.....	145
Figura 52. Descida para o piso inferior - Escritório Superlimão.....	147
Figura 53. Segundo nível - Escritório Superlimão.....	148
Figura 54. Circulação em Loop.....	149
Figura 55. Salão de trabalho - Escritório Superlimão.....	150
Figura 56. Entrada - Colagens das Camadas Invisíveis.....	152
Figura 57. Planta esquemática térreo Sede Superlimão - Atributos das Camadas Invisíveis.....	154
Figura 58. Colagens das Camadas Invisíveis.....	155
Figura 59. Colagens das Camadas Invisíveis.....	159
Figura 60. Planta esquemática Pav. Superior Sede Superlimão - Atributos das Camadas Invisíveis.....	161
Figura 61. Colagens das Camadas Invisíveis.....	162
Figura 62. Área Externa/ Fumódromo.....	166
Figura 63. Pavimento de trabalho.....	167
Figura 64. Transição de pisos, decorações, materialidades - Ampfy.....	168
Figura 65. Elementos decorativos - Ampfy.....	169

Figura 66. Vista para área externa - Ampfy.....	170
Figura 67. Detalhes - Superlimão.....	175
Figura 68. Laboratório - Superlimão.....	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Atributos

Tabela 02. Interpretação Composicional

Tabela 03. Resultados atributos Ampfy

Tabela 04. Resultados atributos Superlimão

Tabela 05. Quadro sintético comparativo dos dois casos

SIGLAS

NR17- Norma Regulamentadora do Ministério do Trabalho

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAMADAS INVISÍVEIS.....	17
ARQUITETURA CORPORATIVA: TEORIA E PROJETO NO SÉC XXI.....	22
METODOLOGIA.....	25
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	32
1 ARQUITETURA CORPORATIVA NA PÓS-MODERNIDADE	35
1.1 ARQUITETURA CORPORATIVA NA ERA DA INFORMAÇÃO: ENTRE DESEMPENHO E BEM-ESTAR.....	36
1.2. AS TRANSFORMAÇÕES DA ARQUITETURA CORPORATIVA CONTEMPORÂNEA..	44
1.2.1.Os novos paradigmas da organização espacial dos interiores.....	45
1.2.1.1 A arquitetura corporativa pós 1990.....	56
1.2.2 Novas tecnologias, novos materiais, novas apropriações.....	61
1.2.3 Camadas invisíveis: uma estratégia analítica do espaço corporativo?.....	73
1.3 SUJEITO, CORPO E ESPAÇO: ORIGENS DE UMA NOVA ABORDAGEM DE PROJETO	75
1.3.1 Gaston Bachelard: A Poética do Espaço (1958).....	79
1.3.2 Herman Hertzberger: Lições de Arquitetura (1991).....	82
1.3.3 Juhani Pallasmaa: “Os Olhos da Pele” (2011) e “A imagem corporificada” (2013)	87
1.3.4 Christian Norberg-Schulz: Genius Loci: Towards a phenomenology of	89
architecture (1980).....	89
1.4 A FENOMENOLOGIA COMO BASE TEÓRICO-REFLEXIVA NA LEITURA DO ESPAÇO..	91
2 O ESCRITÓRIO SUPERLIMÃO: DOIS CASOS EM SÃO PAULO	97
2.1 AMPFY - SÃO PAULO, 2016.....	110
2.1.1 Análise segundo a metodologia composicional de Gillian Rose (2001).....	110
2.1.2 As camadas invisíveis da Ampfy.....	124
2.2 SUPERLIMÃO – SÃO PAULO, 2024.....	139
2.2.1 Análise segundo a metodologia composicional de Gillian Rose (2001).....	139
2.2.2 As camadas invisíveis da Sede do Superlimão.....	150
3 PARA UMA CRÍTICA DA ARQUITETURA CORPORATIVA DO SUPERLIMÃO ATRAVÉS DAS CAMADAS INVISÍVEIS	164
3.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS — ESTUDO DE CASO: SEDE DO AMPFY.....	164
3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS — ESTUDO DE CASO: SEDE DO SUPERLIMÃO	174
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	186
APÊNDICE A- ROTEIRO ENTREVISTAS ARQUITETOS SUPERLIMÃO	197
ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	199
ANEXO B- TERMO DE COMPROMISSO	202
ANEXO C- TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUIÇÃO	203
ANEXO D- APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA	206
ANEXO E - Transcrição das Entrevistas	207

INTRODUÇÃO

Os “espaços corporativos”¹ são ambientes destinados à realização de atividades administrativas, burocráticas e intelectuais. Eles podem abranger desde sedes de grandes empresas até escritórios de menor porte. Ao longo desta dissertação, adota-se o termo com o objetivo de evitar interpretações equivocadas quanto à natureza desses ambientes. Embora a palavra “escritório”² seja utilizada como sinônimo, isso ocorre apenas por sua frequência no vocabulário cotidiano. Historicamente, “escritório” refere-se a espaços tradicionais voltados ao trabalho individual, e não expressa, de forma plena, a complexidade dos ambientes atuais.

Compreender como esses espaços se transformaram ao longo do tempo exige traçar um panorama histórico, pois decisões arquitetônicas e organizacionais do passado influenciam diretamente os modelos contemporâneos de ambiente de trabalho. Embora não haja uma data específica que marque o surgimento desses espaços de trabalho, sua origem está associada à consolidação das primeiras organizações formais e ao avanço da burocratização. Nikil Saval (2015, p. 24) observa que esses espaços surgem como resposta à crescente demanda por funções administrativas, acompanhando o crescimento da burocracia e a busca por uma organização mais estruturada e eficiente.

A evolução dos escritórios tradicionais para os espaços corporativos atuais ocorreu paralelamente ao crescimento das fábricas, sobretudo durante a Revolução Industrial, entre os séculos XIX e XX. Nesse período, os escritórios eram formados por pequenas salas com poucos funcionários, geralmente menos de dez pessoas, o que conferia um caráter familiar e intimista ao ambiente. Com o aumento das demandas administrativas, esses espaços foram sendo ampliados e frequentemente anexados às fábricas, a fim de facilitar a comunicação entre os setores produtivos e administrativos.

¹ Segundo o dicionário Michaelis (2023), a palavra corporativo significa: 1 Relativo à corporação. 2 Que segue o estatuto de uma corporação. O termo espaço corporativo será predominantemente utilizado para se referir a estes ambientes. No entanto, ainda podem aparecer similares como: locais ou ambiente de trabalho.

² Segundo o dicionário Michaelis (2025), a palavra escritório significa: 1 Compartimento de uma casa ou cômodo de um imóvel, em geral mobiliado com prateleiras para livros, escrivaninha, poltrona etc., destinado à leitura e às atividades de escrita; gabinete. 2 Móvel antigo com tampa de carteira escolar ou mesa para escrever-se sobre ela; escrivaninha. 3 Sala ou conjunto de salas destinadas ao atendimento de clientes e entabulações de negócios.

O avanço da tecnologia e a popularização das telecomunicações reduziram a necessidade de proximidade física entre departamentos, permitindo que os escritórios se expandissem nos centros urbanos ao longo do século XX. Saval (2015, p. 115) destaca que, em 1923, “Nova York construiu cerca de 22 milhões de metros quadrados de espaço para escritórios”. Essa transformação impulsionou a transição de ambientes pequenos e personalizados para grandes lajes corporativas, com áreas amplas e padronizadas, projetadas para acomodar centenas de trabalhadores.

A nova configuração espacial exigiu modelos de gestão mais eficientes, e o taylorismo se consolidou como um dos mais influentes. Criado por Frederick Taylor, o modelo buscava otimizar a produção e racionalizar o tempo nas fábricas, e logo foi aplicado aos espaços administrativos. Isso influenciou diretamente o layout e o mobiliário dos escritórios, desenhados para eliminar movimentos desnecessários e maximizar a produtividade (Saval, 2015, p. 74). O taylorismo, portanto, extrapolou a indústria e passou a orientar também o design dos espaços corporativos, promovendo uma organização funcional e rígida.

Um exemplo emblemático dessa lógica é o Edifício Larkin, projetado por Frank Lloyd Wright em 1903. O edifício apresenta uma disposição seriada de mesas e cadeiras, evidenciando a ênfase na eficiência. As salas de reuniões individuais e os pavimentos superiores, com visão sobre o térreo, permitem aos supervisores controlar as atividades dos funcionários. Michel Foucault (1987, p. 154)³ analisa que a arquitetura moderna não busca mais ser admirada, como os palácios antigos, mas sim permitir um controle interno, tornando os ocupantes visíveis e, conseqüentemente, controláveis.

Se por um lado o taylorismo garantiu ganhos de eficiência, por outro impôs rigidez ao ambiente de trabalho, restringindo a criatividade e a espontaneidade dos funcionários. A constante vigilância transformou o escritório em um espaço impessoal e padronizado, onde os trabalhadores eram vistos como peças substituíveis em um sistema funcional, porém desumanizado.

³ Em textos como “Vigiar e Punir” (1975) e “Microfísica do Poder” (1978), Foucault introduz reflexões sobre disciplina, vigilância e poder, revelando como a organização espacial está ligada a práticas de controle social. Sua obra tornou-se fundamental para compreender a arquitetura como dispositivo de poder.

Esse modelo de gestão foi amplamente difundido, principalmente nos Estados Unidos, onde, entre os séculos XIX e XX, o crescimento das cidades intensificou as mudanças nos espaços corporativos. No Brasil, o processo ocorreu de forma semelhante, especialmente durante a verticalização dos centros urbanos. Sylvia Ficher (1994, p. 68–69) destaca que:

Em 1923, era concluído o Sampaio Moreira, o 'pai dos arranha-céus' de São Paulo, [...] em 1929, era inaugurado o Martinelli, então o mais alto edifício do mundo com estrutura de concreto. Em outra esquina da mesma praça, em 1935, começava a construção do Banco de São Paulo [...] (Ficher, 1994, p. 68-69).

Enquanto os espaços corporativos se expandiam e o taylorismo se consolidava, o movimento moderno ganhava força na arquitetura. Em um contexto marcado por guerras e instabilidade social, o modernismo valorizava a funcionalidade como princípio central (Argan, 1992, p. 186–187). Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), iniciados em 1928, tornaram-se eventos-chave para debater temas urbanos e arquitetônicos. Kenneth Frampton (1997, p. 327) observa que os participantes defendiam a “introdução de dimensões normativas e métodos de produção eficientes como um primeiro passo para a racionalização da indústria da construção”.

Nesse contexto, a funcionalidade passou a orientar o projeto arquitetônico, e o corpo humano foi adotado como referência técnica para a concepção dos espaços. Tal lógica, alinhada ao taylorismo, visava à maximização do desempenho. Christian Norberg-Schulz (2008, p. 229–230, tradução nossa) afirma:

O movimento desenvolveu assim os princípios gerais do “funcionalismo” e do “estruturalismo”, acreditando que a expressão da função e da estrutura geraria novas formas significativas. [...] Por outro lado, o Movimento Moderno acreditava que o significado emergiria espontaneamente de cada situação única, e a 'nova tradição' era entendida como um 'método' e não como uma interpretação da linguagem da arquitetura. Hoje percebemos que o significado requer uma compreensão mais geral do mundo, bem como uma linguagem de formas para a sua expressão.

Como consequência, os espaços corporativos sofreram uma transformação profunda ao longo do século XX. Em poucas décadas, deixaram de ser locais íntimos e familiares para tornar-se ambientes mecanizados, voltados à produtividade. A arquitetura, em sintonia com os discursos industriais, adaptou-se a

esse novo paradigma, alterando as relações espaciais e a experiência dos trabalhadores.

A partir da segunda metade do século, no entanto, a crítica pós-moderna passou a incorporar uma visão mais sensível e subjetiva sobre o corpo no espaço. Ele deixou de ser compreendido apenas como instrumento funcional e passou a ser visto em sua complexidade, física, emocional e simbólica. As experiências sensoriais e afetivas começaram a ser valorizadas, refletindo uma busca crescente por bem-estar, conforto psicológico e ambientes que favoreçam a colaboração.

Esse olhar ampliado marca uma virada na forma como os espaços corporativos são concebidos. Ele abre espaço para novas abordagens que consideram o impacto subjetivo e simbólico da arquitetura na vida cotidiana. É nesse contexto que se inserem as discussões do próximo capítulo, centradas nas *Camadas Invisíveis* dos ambientes corporativos, aquelas que, embora não imediatamente perceptíveis, influenciam profundamente a experiência do usuário e seu sentimento de pertencimento.

CAMADAS INVISÍVEIS

Para além das questões técnicas, é essencial adotar um olhar atento aos aspectos sensíveis e subjetivos que permeiam a relação entre o corpo e os espaços de trabalho, aqui denominado por "*Camadas Invisíveis*". Este termo, adotado nesta dissertação, refere-se a elementos que, embora intangíveis, exercem profunda influência sobre a experiência humana no ambiente corporativo. Incluem-se aqui aspectos como forma de ocupação, as dinâmicas sociais, os fluxos de interação, os significados culturais e identitários, bem como as atmosferas e sensações percebidas. Ainda que não se manifestem de forma palpável, são fundamentais para a constituição do espaço vivido, por se relacionarem com a percepção e o entendimento pessoal e possuírem valor e dignidade próprios.

A noção de *Camadas Invisíveis* foi inspirada por autores que exploram a relação entre o corpo humano e o ambiente de maneira sensível e subjetiva. Destacam-se Martin Heidegger, Gaston Bachelard e Juhani Pallasmaa, cujas

abordagens filosóficas evidenciam que a interação com o espaço transcende a percepção visual e tátil, envolvendo dimensões emocionais, psicológicas e existenciais. Embora o termo tenha sido formulado para esta pesquisa, ele se insere em um campo mais amplo de discussões que dialogam com a filosofia e a psicologia ambiental.

A ampliação do debate sobre o corpo, especialmente no contexto da crítica e da teoria arquitetônica pós-moderna, foi um dos catalisadores para a transformação da arquitetura corporativa. A partir da segunda metade do século XX, essa reflexão passou a incorporar de forma mais significativa os aspectos subjetivos da experiência humana nos espaços de trabalho, modificando a dinâmica desses ambientes não apenas para atender às funcionalidades técnicas, mas também para acolher as necessidades emocionais, sensoriais e identitárias dos usuários. A crítica pós-moderna, ao romper com os paradigmas racionalistas e universalistas do modernismo, passou a valorizar a complexidade do corpo enquanto sujeito sensível, ampliando o entendimento da arquitetura como experiência vivida e encarnada, influenciada por questões de gênero, afeto, memória e pertencimento.

A ampliação do debate sobre o corpo, especialmente no contexto da crítica e da teoria arquitetônica pós-moderna, foi um dos catalisadores para a transformação da arquitetura corporativa. A partir da segunda metade do século XX, essa reflexão incorporou de forma mais significativa os aspectos subjetivos da experiência humana nos espaços de trabalho, modificando a dinâmica desses ambientes para atender não apenas a exigências funcionais, mas também às necessidades emocionais e psicológicas dos indivíduos.

Embora o debate sobre arquitetura e bem-estar tenha se intensificado após 1950, a preocupação com essas dimensões já era observada anteriormente. George Elton Mayo, psicólogo e sociólogo australiano, publicou em 1933 sua teoria das relações humanas, destacando como as condições de trabalho afetam a saúde mental e emocional (Saval, 2015, p. 71). Mais recentemente, o psiquiatra francês Christophe Dejours reforça essa perspectiva ao afirmar que: “Trabalhar, pois, não é somente executar os atos técnicos, é também fazer funcionar o tecido social e as dinâmicas intersubjetivas [...]” (Dejours, 2007, p. 58).

Na arquitetura, o debate sobre as dimensões subjetivas do espaço ganhou força no pós-modernismo, particularmente a partir de meados do século XX. O movimento modernista, centrado na funcionalidade e na eficiência, acabou por negligenciar os aspectos subjetivos da experiência espacial. Essa limitação motivou críticas de grupos como o Team X, que, durante o IX CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), questionaram o esquematismo da Carta de Atenas e propuseram a inclusão de valores como *identidade* nos espaços arquitetônicos (Montaner, 2012, p. 30).

Como resultado dessas críticas e dos debates oriundos de áreas como sociologia e psicologia, surgiram novas abordagens para o design e a concepção dos espaços arquitetônicos de maneira mais ampla. A antologia teórica de Kate Nesbitt (2008) sintetiza os principais marcos entre 1965 e 1995 que contribuíram para a formação de uma “nova agenda para a arquitetura”. Essa agenda propõe a superação das limitações do racionalismo e do funcionalismo modernos, incorporando paradigmas como a fenomenologia, a estética do sublime, a linguística, a semiótica, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, a desconstrução, o marxismo e o feminismo, todos relevantes para repensar não apenas o espaço corporativo, mas os aspectos subjetivos que envolvem a relação do sujeito com o espaço edificado na sua experiência cotidiana.

A fenomenologia, um dos paradigmas mais influentes no pós-modernismo, propõe uma abordagem mais sensível da relação entre corpo e espaço. Para Nesbitt (2008, p. 31), essa linha de pensamento analisa “a interação do corpo humano com seu ambiente. Sensações visuais, táteis, olfativas e auditivas constituem a parte visceral da apreensão da arquitetura.” Assim, a arquitetura passa a ser compreendida não apenas pela funcionalidade, mas também pelos efeitos sensoriais que provoca.

Inspirado por essa abordagem, Christian Norberg-Schulz afirma que a arquitetura pós-moderna promoveu um retorno à fenomenologia, agregando a ela uma nova valorização das “memórias” do passado (Nesbitt, 2008, p. 247). Essa perspectiva está alinhada ao conceito de *Camadas Invisíveis*, pois entende que o

ambiente arquitetônico afeta não apenas a percepção física, mas também evoca memórias, emoções e estados subjetivos que moldam a experiência humana.

No caso específico de projetos de espaços corporativos, essa mudança se refletiu em novas propostas de layout e mobiliário, como o *Landscape Office* e o *Action Office*, desenvolvidos nas décadas de 1950 e 1960. Esses modelos buscavam flexibilizar a relação entre trabalhador e ambiente por meio da introdução de vegetação natural nos ambientes interiores, da eliminação de barreiras rígidas entre os espaços e da valorização de áreas abertas e colaborativas (Saval, 2015, p. 317). Alinham-se à concepção do *Landscape Office* os projetos das sedes da Boehringer Mannheim (1958–1960), E.I. DuPont de Nemours (1967) e Stadtwerke Karlsruhe (1975–1977) (Combine Consulting, 2024). O *Action Office*, por sua vez, teve ampla difusão a partir do mobiliário modular, sendo incorporado na sede da Herman Miller, influenciando significativamente o design dos escritórios nas décadas seguintes.

Nas décadas seguintes, sobretudo entre os anos 1980 e o início do século XXI, as propostas voltadas à humanização dos espaços corporativos conviveram com processos de padronização e intensificação do controle sobre os ambientes de trabalho. Embora o discurso sobre bem-estar e qualidade de vida tenha ganhado espaço, muitas das transformações anteriores foram incorporadas de forma fragmentada, ou esvaziadas de suas intenções originais. Persistiram desafios relacionados à despersonalização dos espaços, à invisibilidade das relações subjetivas e à dificuldade de considerar o ambiente de trabalho como território sensível e socialmente construído.

Ainda assim, o campo da arquitetura seguiu tensionado por iniciativas críticas e experimentações que mantiveram vivo o debate sobre o corpo, a percepção e a experiência. A emergência de novas formas de organização do trabalho, aliada à ampliação do interesse por questões ligadas à saúde mental, à identidade e ao pertencimento, fortaleceu a necessidade de abordagens mais sensíveis nos projetos arquitetônicos. É nesse contexto que a presente pesquisa se insere, articulando-se a produções acadêmicas contemporâneas que têm se debruçado sobre as dimensões subjetivas do espaço, especialmente no campo da fenomenologia.

Na academia brasileira, abordagens que investigam os aspectos subjetivos da experiência espacial têm ganhado força, especialmente em estudos fundamentados na fenomenologia. Autoras como Natalia Bula (2015), Carolina Bini (2015), Leila Guilhermino (2015), Maria Cristina Furtado (2018) e Ligia Marchi (2015) se destacam por explorar a experiência subjetiva do espaço. Por meio de metodologias próprias ou adaptadas, essas pesquisadoras investigam como o corpo se relaciona com os ambientes arquitetônicos, revelando aspectos invisíveis, porém determinantes.

A fenomenologia, como paradigma teórico, oferece uma nova chave de leitura para o espaço arquitetônico. Em contraste com a abordagem tradicional centrada na forma e na função, ela propõe a análise do ambiente a partir das sensações, vivências e apropriações corporais. Essa perspectiva revela dimensões ocultas, mas essenciais para o bem-estar e para a dinâmica social dos usuários.

Entretanto, no campo da arquitetura corporativa, essa abordagem ainda é incipiente. A maioria das pesquisas concentra-se em aspectos ergonômicos ou históricos, como mostram os estudos de Sheila Ornstein (2001), Cláudia Andrade (2000), Theo van der Voordt (2001) e Marcella Martinez (2018). Ainda assim, investigações mais recentes, como as de Alice Brasileiro (2008) e Karine Colling (2023), já apontam caminhos mais alinhados à proposta desta dissertação.

Hoje, arquitetos como Juhani Pallasmaa continuam a investigar essas camadas subjetivas. Para o autor, a arquitetura não deve ser compreendida apenas como resposta funcional, mas também como um reflexo da memória, da imaginação e da capacidade humana de conceber o mundo (Pallasmaa, 2013, p. 119).

Para fundamentar esta investigação, foram adotados referenciais teóricos que articulam história, crítica social e percepção sensível. Nikil Saval, com *Cubiculados*, oferece base histórica para compreender a evolução dos espaços de trabalho. Byung-Chul Han, com *Sociedade do Cansaço*, e Zygmunt Bauman, com *Modernidade Líquida*, analisam as transformações socioculturais e suas implicações para o ambiente profissional. No campo da arquitetura, as contribuições fenomenológicas de Christian Norberg-Schulz, Gaston Bachelard, Juhani Pallasmaa e Herman Hertzberger são fundamentais para o aprofundamento da análise sensível do espaço corporativo.

Com base nessas referências, esta dissertação busca contribuir para o avanço do conhecimento sobre arquitetura corporativa no Brasil. Mais do que responder a exigências funcionais, os espaços de trabalho são construções simbólicas que influenciam afetos, relações de poder e modos de produção. Com isso, propõe-se uma nova forma de compreender o ambiente corporativo: não apenas como estrutura física, mas como campo experiencial que integra corpo, memória e subjetividade.

ARQUITETURA CORPORATIVA: TEORIA E PROJETO NO SÉC XXI

O espaço construído possui uma capacidade única de evocar sensações e sentimentos no usuário, como tranquilidade, confusão ou até mesmo reações fisiológicas, como calor, frio e fome. Isso ocorre devido à habilidade do sistema nervoso humano de interpretar o ambiente com base nas experiências individuais de cada pessoa (Reis, 2023, p. 7). No entanto, muitos espaços corporativos contemporâneos são projetados de forma a negligenciar as necessidades físicas e psicológicas dos indivíduos que os ocupam. A rigidez e a falta de flexibilidade nesses ambientes geram monotonia, restringem a criatividade e comprometem a experiência do trabalhador.

A autora A. Krysta Sykes, no livro *Constructing a New Agenda: Architectural Theory 1993–2009*, cita Deborah Berke, em *Thoughts on the Everyday* (2010, p. 56), que critica a arquitetura que ignora o usuário. Segundo Berke:

[...] Na arquitetura, padrões de bom gosto parecem ditar que a presença do corpo não seja percebida nas construções. Em fotos de arquitetura raramente aparecem pessoas, e o verdadeiro usuário é frequentemente ignorado pelo arquiteto. O resultado é esterilidade. A presença visceral não deve ser negada. (Sykes, 2010, p. 56)

Espaços estéreis, como os descritos por Berke, são comuns no ambiente corporativo contemporâneo e afetam diretamente a saúde física e mental dos trabalhadores. Ao priorizar apenas a funcionalidade e a produtividade, esses ambientes tendem a negligenciar as dimensões subjetivas do ser humano, favorecendo o surgimento de doenças relacionadas ao trabalho, como a síndrome

de Burnout. Nesse contexto, o trabalhador, imerso em um espaço impessoal e rigidamente estruturado, encontra poucas oportunidades para manifestar sua individualidade e conectar-se com seu “eu” subjetivo.

Esse fenômeno é evidenciado pelo *karoshi*, termo que surgiu no Japão nos anos 1960, após a morte súbita de um trabalhador da maior empresa de distribuição de jornais do país, causada pelo excesso de trabalho. Em 2007, aproximadamente 147 trabalhadores japoneses morreram por condições associadas à carga horária excessiva e aos turnos irregulares (Carreiro, 2007, p. 132). No Brasil, João Júnior e Frida Fischer (2015) destacam que a exposição a fatores psicossociais desfavoráveis no ambiente laboral é comum entre trabalhadores afastados por transtornos mentais (Júnior; Fischer, 2015, p. 742).

Diante desse cenário, muitos trabalhadores buscam formas de “escape” para lidar com a rotina exaustiva, como hobbies, práticas esportivas ou a religião, recursos que funcionam como válvulas de alívio para a monotonia (Imbrizi, 2005, p. 218). Tais estratégias revelam o quanto o ambiente de trabalho pode sobrecarregar mentalmente o indivíduo, reforçando a urgência de medidas que promovam maior qualidade de vida nas organizações.

Hoje se entende que a arquitetura tem potencial para impactar positivamente o bem-estar dos trabalhadores e suas relações subjetivas com o espaço, aqui denominada de *Camadas Invisíveis*. Projetos arquitetônicos que partam de uma atitude mais consciente sobre esses aspectos podem favorecer ambientes mais acolhedores, que incentivem o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. No entanto, o impacto da arquitetura está intrinsecamente ligado à cultura organizacional e ao contexto político e social do trabalho contemporâneo.

A precarização da jornada de trabalho e a ausência de políticas de proteção ao trabalhador o expõem a riscos psíquicos e emocionais. No célebre livro “Modernidade Líquida”, publicado em 2000, Bauman (2001) observa que a flexibilidade das relações de trabalho, fruto do colapso de estruturas sólidas da época, havia gerado uma maior liberdade apenas aparente. Segundo o autor, essa liberdade, em vez de libertadora, transforma-se em insegurança permanente, pois está inserida em um contexto mais amplo de instabilidade social e fluidez das

relações humanas. No âmbito do trabalho, isso se traduz na sensação de autonomia e escolha, que muitas vezes encobre vínculos frágeis, instabilidade contratual e pressão constante por desempenho.

Já na atualidade, Byung-Chul Han⁴ (2015, p. 16–17) argumenta que o excesso de trabalho e a busca incessante por desempenho configuram uma forma de autoexploração, mais insidiosa do que a exploração externa, conduzindo a uma sociedade psíquica e emocionalmente adoecida. Dessa maneira, embora a arquitetura seja essencial na criação de ambientes saudáveis, ela, por si só, não basta. A transformação das relações de trabalho exige também uma revisão crítica dos fatores socioculturais e organizacionais que moldam a experiência do trabalhador.

Para promover o bem-estar de forma eficaz, a gestão e a cultura empresarial devem se alinhar a um ambiente construído que priorize o ser humano. Os espaços de trabalho precisam acolher não apenas as funções laborais, mas também atividades que favoreçam a expressão pessoal, a escuta ativa, o convívio social e o equilíbrio emocional. Práticas como momentos de pausa conscientes, espaços para trocas informais, intervenções artísticas e experiências sensoriais podem atuar como mediadoras entre o cotidiano do trabalho e as dimensões mais subjetivas da experiência humana. Embora esse alinhamento dependa de fatores macroestruturais, é possível promover avanços em nível micro: por meio de uma gestão consciente, que integre o bem-estar psicológico à cultura organizacional.

No caso de estudo desta dissertação, uma das estratégias utilizadas por algumas organizações para melhorar as condições de trabalho é o projeto arquitetônico. Nesse contexto, esta dissertação analisa o projeto arquitetônico como recurso estratégico adotado por empresas para melhorar as condições de trabalho. Escritórios que ampliaram sua visão para além da funcionalidade técnica demonstram que o ambiente construído pode contribuir de forma significativa para a saúde mental de seus ocupantes.

⁴ “Müdigkeitsgesellschaft” (“A Sociedade do Cansaço”) foi publicado em 2010 e traduzido em 2015 para o português. Nesse ensaio, Han analisa a lógica neoliberal da produtividade e do desempenho, evidenciando os impactos psicológicos e sociais da pressão por performance, com forte incidência no ambiente de trabalho contemporâneo.

No cenário brasileiro, destacam-se três escritórios que propõem estratégias projetuais voltadas à valorização da experiência sensível dos usuários no ambiente de trabalho: SuperLimão, Studio Guto Requena e Pitá Arquitetura. Cada um deles adota perspectivas que procuram articular espacialidade, afeto e identidade, rompendo com lógicas puramente funcionais e propondo conexões mais subjetivas com os usuários. Embora as motivações e os discursos desses escritórios variem, observa-se em suas práticas uma tentativa de considerar o impacto emocional e psicológico da arquitetura.

O SuperLimão, com mais de duas décadas de atuação, demonstra atenção especial às sensações e percepções dos usuários. Suas soluções arquitetônicas valorizam o estímulo sensorial por meio de texturas, cores e aromas, buscando criar experiências imersivas (Ghisleni, 2022). Já o Studio Guto Requena prioriza a dimensão afetiva dos espaços, defendendo uma arquitetura que se conecte com o lado emocional e subjetivo dos usuários (Estúdio Guto Requena, 2024). Por sua vez, a Pitá Arquitetura adota uma abordagem centrada no usuário, preocupando-se em contar histórias por meio da forma, a fim de criar ambientes que dialogam com a identidade dos ocupantes (Pitá Arquitetura, 2024).

Esses exemplos demonstram que, quando alinhada a uma cultura organizacional consciente, entendida aqui como os valores e práticas que guiam as decisões e relações dentro de uma empresa, a arquitetura torna-se uma ferramenta poderosa na promoção do bem-estar no trabalho. Ao integrar as dimensões física e emocional do espaço a práticas de gestão humanizadas, é possível construir ambientes laborais que não apenas atendam às exigências de produtividade, mas que também favoreçam a saúde mental e a qualidade de vida dos indivíduos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em um estudo de caso aprofundado. O objetivo é investigar, por meio da fenomenologia, como a arquitetura corporativa pode fomentar ou limitar a existência de *Camadas Invisíveis*.

O objeto de estudo compreende dois projetos desenvolvidos pelo escritório Superlimão: a sede da agência Ampfy (2016) e a sede atual do próprio Superlimão (2024). Fundado por Antonio Carlos Figueira de Mello, Lula Gouveia e Thiago Rodrigues, o escritório é reconhecido por tratar a arquitetura como um meio de provocar sensações e influenciar comportamentos, ao buscar constantemente estreitar a relação entre as pessoas e os espaços que habitam (Superlimão, 2025). A relevância do Superlimão se evidencia também por seu portfólio, que inclui projetos para Microsoft Brasil, IdeaZarvos, Social Tailors, Populos e Ambev on Poli, e pelos prêmios recebidos, como o *Wienerberger Brick Award* (2016) e o *Prêmio Saint-Gobain AsBEA* de Arquitetura (2021).

Para viabilizar o acesso a informações aprofundadas, foi estabelecida uma parceria formal com o escritório Superlimão, com duração de dois anos, iniciada em dezembro de 2022. Essa parceria proporcionou amplo acesso a entrevistas com os arquitetos responsáveis, arquivos fotográficos, desenhos técnicos, diagramas e demais registros que enriqueceram as análises qualitativas. A primeira reunião com os sócios do escritório ocorreu no final de 2022, enquanto as visitas presenciais aos dois projetos foram realizadas em julho de 2024, ocasião em que foram registradas percepções sensoriais, comportamentais e espaciais por meio de anotações e registros fotográficos⁵.

Ambos os projetos selecionados para estudo de caso foram escolhidos por sua tipologia corporativa, facilidade de acesso, relevância no cenário atual de escritórios e pela colaboração ativa do escritório durante o desenvolvimento da pesquisa. O Ampfy, localizado na Vila Madalena (São Paulo), representa uma intervenção interna em um edifício projetado por outro escritório. A transformação de um imóvel residencial em espaço corporativo oferece subsídios para discutir a adaptabilidade espacial, as relações entre arquitetura e cotidiano urbano, além da apropriação de interiores por diferentes dinâmicas de trabalho. Já o projeto da sede do SuperLimão, localizada na Vila Madalena (São Paulo), ocupa um imóvel originalmente construído para abrigar um estúdio de fotografia e artes. Posteriormente adaptado pelos próprios arquitetos para funcionar como sede do

⁵ O Projeto de Pesquisa referente a essa dissertação foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás

escritório, o espaço passou por diversas intervenções, refletindo um processo contínuo de transformação e apropriação, alinhado ao modo colaborativo e experimental de atuação da equipe.

A justificativa metodológica baseia-se em Colling (2023), que argumenta que o estudo de casos específicos é fundamental para investigar espacialidades e subjetividades no contexto dos escritórios. Segundo a autora, a leitura atenta de limites (invólucros), objetos (mobiliário) e percepções (experiência espacial) permite compreender de modo aprofundado as formas de apropriação e organização no ambiente de trabalho contemporâneo. A partir desse referencial, as análises foram desenvolvidas em três etapas:

Etapa 1 — Levantamento

Compreendeu a coleta de dados por meio de visitas in loco aos dois espaços selecionados para a análise, aplicação de entrevistas semiestruturadas⁶ com arquitetos, além da realização de levantamento fotográfico, documentação técnica e coleta de material gráfico. Esta etapa teve como objetivo construir uma base empírica ampla, necessária para captar não apenas o aspecto físico dos espaços, mas também seus usos cotidianos e atmosferas.

Etapa 2 — Análise

A etapa de análise foi conduzida com base na fenomenologia, orientada por autores que problematizam a experiência do espaço para além de sua materialidade. Conforme Pallasmaa (2011), em *Os Olhos da Pele*, a experiência da arquitetura é multissensorial, pois somente a integração dos sentidos possibilita uma conexão mais significativa entre o ser humano e o ambiente construído. Da mesma forma, Gaston Bachelard (2000), em *A Poética do Espaço*, defende que o espaço habitado carrega um significado emocional profundo, conectado às experiências subjetivas do indivíduo. Ele sugere que o ambiente, especialmente o doméstico,

⁶ As entrevistas foram realizadas de acordo com o Comitê de Ética e suas transcrições, assim como a menção dos entrevistados, foram autorizadas pelos mesmos.

possui uma capacidade única de despertar memórias e afetos, criando uma relação íntima entre o ser humano e o ambiente.

A compreensão das experiências espaciais sensíveis encontra fundamentos em diferentes perspectivas teóricas, que, articuladas entre si, ajudam a construir a proposta metodológica desta pesquisa. Norberg-Schulz (1980), ao desenvolver a noção de *gênio do lugar*, no livro *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*⁷, enfatiza a dimensão simbólica dos espaços, defendendo que o ambiente carrega sentidos que transcendem o aspecto físico. Essa abordagem repercute nas propostas de Hertzberger (1999, p. 242), para quem os elementos arquitetônicos devem ter autonomia expressiva, permitindo que cada componente do espaço fale por si, intensificando a consciência do usuário sobre os fenômenos do cotidiano.

Essas ideias se aprofundam nas contribuições de Duarte *et al.* (2007, p. 511), que observam como a presença de elementos gráficos e simbólicos nos ambientes revela formas subjetivas de apropriação e pertencimento cultural. Da mesma forma, Peter Zumthor (2006), em *Atmosferas*, propõe que a arquitetura seja capaz de despertar emoções por meio de articulações sensoriais, luz, materiais, sons e escalas, criando uma presença emocional tangível. Para ele, um bom ambiente é aquele que nos “envolve” e “afeta”, mesmo antes da racionalização do espaço.

Nesse contexto, foram mobilizadas abordagens metodológicas que, embora distintas, dialogam entre si ao reconhecer a complexidade da experiência espacial. A noção de “multiplicidade sensorial”, defendida por Pierre Von Meiss (1991, p. 16), contribui para uma leitura do espaço que considera simultaneamente estímulos táteis, visuais, sonoros e atmosféricos, ampliando a percepção do usuário. Partindo dessa mesma sensibilidade⁸, Bula (2015) propõe um conjunto de categorias

⁷ Norberg-Schulz publicou “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture” em 1980. O livro é referência central na introdução da fenomenologia ao campo arquitetônico, destacando a noção de lugar e a relação entre paisagem, estrutura e significado.

⁸ Von Meiss (1991) recorre às palavras de Michel Serres para explicitar a inseparabilidade dos sentidos na experiência do espaço, sugerindo uma percepção multissensorial que rejeita a seletividade. Segundo Serres: “ninguém jamais cheirou e apenas cheirou o perfume único de uma rosa. O corpo sente o cheiro de uma rosa e de mil outros ao redor, ao mesmo tempo em que toca a lã, olha uma paisagem variada, estremece com ondas sonoras e, simultaneamente, rejeita esse fluxo de sensações para tomar tempo de imaginar, meditar abstratamente ou entrar em êxtase, agir ou interpretar de dez formas diferentes seu estado, sem deixar de experimentá-lo.” (apud Von Meiss,

analíticas, ancoragem, movimento, qualidades sensíveis e atmosfera, que permitem interpretar como os sujeitos constroem vínculos e significações em sua relação com o espaço⁹. Já Guilhermino (2015), a partir de uma fenomenologia inspirada em Zumthor, enfatiza a criação de atmosferas arquitetônicas como condição fundamental para a experiência sensível do ambiente, contribuindo para uma compreensão mais subjetiva e afetiva da espacialidade¹⁰.

Ao mesmo tempo, outros estudos oferecem elementos para o entendimento das relações entre espaço e práticas sociais. Pimentel e Carrieri (2011, p. 15) discutem aspectos como circulação, apropriação-exclusão e organização espacial¹¹; Bettega (2016) insere a questão dos rituais e da cultura corporativa; e Queiroz (2002) introduz noções de territorialidade e privacidade¹². A partir desses aportes, o conceito de *Camadas Invisíveis*, elaborado neste trabalho, procura dar conta dos

1991, p. 16, tradução nossa). A citação reforça a ideia de que os sentidos atuam de forma integrada e simultânea, permitindo uma leitura complexa e sensível do espaço, fundamental para pensar a experiência arquitetônica para além do visual.

⁹ Ancoragem, que trata da conexão entre arquitetura e o lugar, integrando elementos naturais, culturais e simbólicos para gerar pertencimento e significados; movimento, que valoriza os percursos e a apreensão do espaço ao longo do tempo, enfatizando o papel do deslocamento e das descobertas visuais na construção da experiência; qualidades sensíveis, que consideram os estímulos multissensoriais, como textura, luz, som e temperatura, na conformação dos espaços e sua capacidade de afetar os usuários; e, por fim, atmosfera, entendida como a síntese dessas dimensões, abrangendo percepções emocionais, sensoriais e cognitivas que emergem na relação entre o corpo e o espaço vivido (Bula, 2015).

¹⁰ Para Leila Guilhermino (2015), a atmosfera arquitetônica é uma resposta emocional subjetiva, construída pela relação sensível entre o sujeito e o espaço, a partir dos estímulos contextuais — como texturas, luz, sons e demais elementos do ambiente. A autora entende a atmosfera como uma percepção afetiva que pode emergir tanto de espaços interiores quanto exteriores, moldada por uma experiência situada e relacional.

¹¹ A organização do espaço refere-se à disposição momentânea de seus elementos fixos, cuja configuração revela uma dinâmica histórica que o modela continuamente. A circulação de fluxos diz respeito ao trânsito de pessoas, objetos e símbolos no interior do espaço, envolvendo tanto dimensões objetivas quanto subjetivas, evidenciando relações de poder e pertencimento. As práticas de apropriação-exclusão marcam os usos seletivos do espaço por determinados grupos, estabelecendo fronteiras simbólicas que distinguem e hierarquizam sujeitos sociais. Por fim, a percepção do espaço contempla as representações cognitivas e simbólicas construídas pelos indivíduos a partir de suas vivências e memórias, revelando a dimensão afetiva e coletiva do espaço vivido (Pimentel e Carrieri, 2011)

¹² A privacidade é compreendida como uma dimensão simbólica associada à possibilidade de expressão individual no ambiente construído, que se manifesta tanto por meio de escolhas estéticas quanto pela adequação funcional do espaço às atividades cotidianas. Sua percepção está diretamente ligada ao sentimento de bem-estar, sendo afetada por mudanças no layout ou na configuração simbólica dos ambientes. Já a territorialidade é entendida como o mecanismo de apropriação e regulação do espaço que envolve tanto o controle dos níveis de privacidade quanto a construção de uma identidade espacial. Ela articula status social, memória e interação, moldando a forma como o indivíduo se relaciona com o espaço e, reciprocamente, como o espaço se adapta à sua presença e identidade (Queiroz, 2002).

vínculos subjetivos e das experiências que não são imediatamente visíveis, mas que estruturam o uso e a significação dos espaços.

É nesse ponto que a contribuição de Jean-Paul Thibaud (2012) se torna estratégica, por trazer uma leitura contemporânea das ambiências urbanas como fenômenos sensíveis e intersubjetivos. Sua proposta amplia a discussão para além do espaço arquitetônico isolado, reforçando a importância das transições entre interior e exterior como condição essencial para experiências espaciais ricas em memória, afeto e sentido.

Etapa 3 — Representação

Por fim, foram definidas seis categorias analíticas com base na síntese do referencial teórico, buscando operacionalizar os conceitos discutidos ao longo do trabalho. Essas categorias, identidade visual, elementos decorativos, diversidade, convivialidade, participação e representatividade, orientaram a produção de representações visuais como parte integrante do processo de análise, e não apenas como ilustração dos resultados. Seguindo a concepção de Leupen *et al.* (1997), entende-se que a representação gráfica tem papel ativo na construção do pensamento projetual e na formulação de interpretações espaciais¹³.

A representação foi realizada em dois formatos complementares:

1. Diagramas em planta, nos quais os atributos foram mapeados sobre a organização espacial dos ambientes analisados.
2. Colagens conceituais, voltadas à expressão das camadas sensíveis, afetivas e sociais presentes nos espaços, ampliando a leitura dos aspectos simbólicos e subjetivos da experiência arquitetônica.

¹³ Segundo Leupen *et al* (1997, p. 18) , embora modelos tridimensionais sejam capazes de representar espacialidades com maior realismo, é por meio dos desenhos – especialmente os de projeção ortográfica ou paralela – que se realiza a análise do projeto. A análise gráfica, nesse contexto, não se limita à representação final, mas constitui um processo contínuo de abstração e interpretação. Os desenhos, mesmo os de apresentação, ao organizarem informações visuais de forma clara e estruturada, tornam-se ferramentas fundamentais para compreender os espaços e suas intenções projetuais, ainda que muitas vezes estejam destituídos de medidas ou referências construtivas precisas.

Tabela 01. Atributos

Atributo	Descrição
Identidade visual	Presença de elementos gráficos, cromáticos e formais que evidenciam a marca, o propósito institucional e os valores simbólicos da empresa, contribuindo para a construção da identidade do espaço e sua comunicação visual.
Elementos decorativos	Objetos, texturas e composições que afetam sensorialmente a vivência do espaço.
Diversidade	Representações plurais de corpos, culturas, modos de vida e subjetividades, que evidenciam a presença de diferentes experiências sociais e simbólicas nos espaços.
Convivialidade	Espaços e mobiliários que incentivam o encontro informal, o descanso, a troca e evidenciam o que aqui se denomina por <i>Camadas Invisíveis</i>
Participação	Marcas deixadas pelos usuários; espaços customizáveis ou evidências de apropriação.
Representatividade	Avalia o quanto o espaço corporativo reflete, valoriza e integra a identidade, diversidade e cultura dos usuários que o habitam, promovendo pertencimento e inclusão

Fonte: Autora, 2025

Esses atributos foram inspirados na leitura combinada de Pallasmaa, Thibaud, Norberg-Schulz, Hertzberger e Zumthor, e derivam de uma metodologia prévia desenvolvida pela autora em artigo publicado nos anais do congresso *Ambiências* (Reis; Rezende, 2024). A adaptação desses critérios permitiu que o olhar fenomenológico se manifestasse de forma visual e comparativa, oferecendo maior clareza sobre como cada ambiente incentiva, ou não, o pertencimento simbólico e material dos usuários.

As fotografias foram analisadas a partir da interpretação composicional, metodologia de análise visual proposta por Gillian Rose (2001), que se concentra na leitura formal da imagem em si. Esse método considera cinco elementos principais — conteúdo, cor, organização do espaço, iluminação e conteúdo expressivo — buscando compreender como cada um deles atua na construção do significado visual.

Ademais, as colagens produzidas nesta pesquisa foram interpretadas à luz dos referenciais fenomenológicos e sociais já mencionados, considerando que a leitura imagética é também uma forma de construção narrativa, simbólica e subjetiva. Assim, elas permitiram captar gestos, usos e formas de apropriação que escapam às representações técnicas, como as plantas e cortes arquitetônicos, revelando as *Camadas Invisíveis* que constituem a vivência dos espaços corporativos.

Por meio dessa tríade, levantamento empírico, análise fenomenológica e representação imagética e cartográfica, a pesquisa busca contribuir com a ampliação dos repertórios teóricos e metodológicos na leitura de ambientes corporativos contemporâneos, destacando o papel da arquitetura na mediação entre espaço, corpo e cultura.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação foi estruturada para oferecer uma análise aprofundada dos espaços corporativos contemporâneos, com foco no bem-estar dos usuários e na influência das correntes pós-modernas sobre a prática arquitetônica. O trabalho

organiza-se em quatro capítulos, cada um com um papel específico no desenvolvimento da pesquisa.

O **Capítulo 1** estabelece a base teórica e histórica para a análise dos espaços corporativos. A pesquisa é contextualizada dentro do cenário político e sociocultural do pós-modernismo, com ênfase nas transformações ocorridas ao longo do século XX e seus impactos sobre os ambientes de trabalho. O capítulo também traça a trajetória da arquitetura corporativa, desde meados do século passado até sua consolidação na contemporaneidade. Ao longo da exposição, discutem-se as principais teorias arquitetônicas que abordam a experiência do usuário no espaço, com destaque para a percepção sensorial e as emoções provocadas por esses ambientes.

O **Capítulo 2** apresenta a análise dos dois estudos de caso selecionados: a sede da agência Ampfy e o escritório do Superlimão. A investigação adota uma abordagem fenomenológica, baseada em observações in loco, registros fotográficos e entrevistas com os arquitetos responsáveis. A análise é guiada por seis atributos sensíveis — elementos decorativos, identidade visual, diversidade, convivialidade, participação e representatividade — que funcionam como operadores conceituais para interpretar as *Camadas Invisíveis* da arquitetura. Essas camadas representam as dimensões subjetivas, sensoriais e afetivas que permeiam o espaço e influenciam diretamente a experiência do usuário. Para complementar a análise verbal, foram produzidas colagens visuais que sintetizam simbolicamente essas camadas, permitindo a percepção de atmosferas e formas de apropriação não visíveis por meio de representações técnicas. A combinação dessas frentes evidencia como uma arquitetura corporativa atenta às *Camadas Invisíveis* pode fortalecer o vínculo entre espaço e sujeito, promovendo bem-estar e identificação no ambiente de trabalho.

O **Capítulo 3** é dedicado à análise dos resultados dos dois casos analisados. Utilizando os aportes teóricos de Gaston Bachelard, Herman Hertzberger e Juhani Pallasmaa, a análise aprofunda-se em questões como a experiência sensorial do espaço, a interação entre usuário e ambiente e a importância de criar espaços que promovam bem-estar físico e emocional. A análise dos projetos permitiu identificar

convergências e divergências em suas abordagens, oferecendo uma reflexão crítica sobre como cada um responde às necessidades dos usuários e aos desafios contemporâneos da arquitetura corporativa.

Com base na análise dos dois projetos e nas teorias adotadas, a dissertação oferece uma contribuição relevante para o entendimento da arquitetura corporativa centrada no bem-estar dos usuários. Os resultados demonstram que, ao considerar uma abordagem sensível e atenta às *Camadas Invisíveis*, os espaços de trabalho não apenas cumprem suas funções operacionais, mas também proporcionam uma experiência sensorial e emocional positiva. Esses achados refletem as transformações socioculturais do pós-modernismo e suas implicações sobre a prática arquitetônica atual.

1 ARQUITETURA CORPORATIVA NA PÓS-MODERNIDADE

A arquitetura corporativa tem refletido, ao longo da história, as transformações socioculturais, econômicas e tecnológicas que moldam as dinâmicas de trabalho. A partir da segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos 1960, observa-se uma transição no modo como os espaços corporativos são concebidos, em resposta às novas demandas por flexibilidade, bem-estar e à subjetividade dos trabalhadores.

Essa mudança está inserida no contexto do pós-modernismo, entendido aqui como um período de transformações estruturais que ultrapassam o discurso formal e funcionalista associado ao modernismo. Autores como David Harvey (1992) e Maurizio Lazzarato (2001) discutem essas inflexões como desdobramentos das mudanças sociais, políticas e culturais que se intensificaram nas décadas finais do século XX.

Nesse cenário, os espaços de trabalho passam a incorporar configurações híbridas, interdisciplinares e, por vezes, descentralizadas, refletindo a fluidez das relações na era da informação. Tal transição questiona a rigidez das estruturas herdadas do modernismo e valoriza novas abordagens arquitetônicas, mais sensíveis à experiência dos usuários, à interação social e aos vínculos simbólicos com o espaço.

1.1 ARQUITETURA CORPORATIVA NA ERA DA INFORMAÇÃO: ENTRE DESEMPENHO E BEM-ESTAR

No contexto contemporâneo, os espaços corporativos do século XXI estão inseridos em uma lógica cultural e econômica que tem origem em transformações estruturais iniciadas a partir dos anos 1970, com a consolidação do que autores como David Harvey (1992)¹⁴ descrevem como condição pós-moderna. Esse contexto é caracterizado pela flexibilização das relações de trabalho, pela ascensão de uma economia imaterial e pela valorização da inovação, da mobilidade e da criatividade como ativos centrais. A arquitetura corporativa, nesse cenário, passa a refletir e, ao mesmo tempo, reforçar essas novas dinâmicas, por meio de espaços menos hierárquicos, mais abertos à apropriação simbólica e ao uso cotidiano, em contraste com modelos rigidamente funcionais.

Diferente da racionalidade do modernismo – que buscava eficiência, padronização e controle –, o pós-modernismo arquitetônico incorpora uma multiplicidade de linguagens, subjetividades e sentidos, atendendo a um mundo do trabalho marcado pela fluidez, pela estetização das relações e pela sobreposição entre vida pessoal e profissional. Como aponta Harvey (1992, p. 19), embora o termo “pós-modernismo” seja muitas vezes tratado como mero estilo mercadológico, ele está ligado a profundas mudanças nas formas de produção e organização social. Assim, compreender o espaço corporativo atual exige situá-lo nesse cenário plural, no qual aspectos simbólicos, sensoriais e identitários ganham centralidade, em contraste com a rigidez funcional do paradigma moderno.

Para compreender as transformações sociais que influenciam diretamente a arquitetura corporativa contemporânea, é necessário situá-las dentro de um processo histórico mais amplo. Nesse sentido, Lazzarato (2001) propõe uma leitura da modernidade dividida em três grandes fases: a era clássica, dominada pelo poder soberano e autoritário; a era da representação, marcada pelo poder disciplinar e pelos modelos institucionais rígidos (como o fordismo e o taylorismo); e, por fim, a

¹⁴ “The Condition of Postmodernity”, publicado em 1989 e traduzido em 1992 como “A Condição Pós-Moderna”, é um clássico da teoria social e cultural. Harvey analisa as transformações econômicas e sociais a partir da década de 1970 e sua relação com a produção do espaço, influenciando amplamente os estudos urbanos e arquitetônicos.

era da comunicação, na qual se observa a emergência da subjetividade e da autonomia individual como centrais no processo produtivo.

É nesse terceiro momento, que coincide com as transformações ocorridas a partir da década de 1970, que se insere o recorte desta pesquisa. A chamada era da comunicação apresenta forte afinidade com o que muitos autores, como David Harvey (1992) e Krista Sykes (2010), descrevem como a condição pós-moderna. Em vez de uma ruptura absoluta com o moderno, o pós-modernismo é compreendido aqui como uma transição contínua, marcada por deslocamentos nos regimes de poder e nos modos de produção, onde a criatividade, a flexibilidade e a experiência subjetiva passam a orientar as relações de trabalho. Esse novo contexto não apenas redefine o papel do trabalhador, mas também impacta diretamente a concepção dos espaços corporativos, que deixam de ser estritamente funcionais para incorporar dimensões simbólicas, afetivas e culturais.

A noção de "trabalho imaterial", desenvolvida por Lazzarato (2001, p. 38), para caracterizar o período identificado como Era da Comunicação, destaca que a produção contemporânea não se limita mais à manufatura de bens, mas envolve o conhecimento, a comunicação e a criatividade. O trabalhador passa a ser reconhecido não apenas pelo esforço físico, mas também pela sua capacidade intelectual e interpessoal. Essa transformação ressignifica os espaços corporativos, que deixam de ser projetados exclusivamente para a produtividade mecânica e passam a incorporar elementos que favorecem a interação, o bem-estar e a adaptação contínua às novas formas de organização do trabalho.

Harvey (1992, p. 19) argumenta que a emergência de novos paradigmas sociais e culturais a partir da década de 1970 reflete uma rejeição às metanarrativas totalizantes da modernidade, favorecendo formas de organização mais fragmentadas, dinâmicas e adaptáveis. Embora sua análise esteja centrada em um contexto mais amplo das transformações sociais e econômicas do capitalismo tardio, é possível identificar os desdobramentos dessas mudanças também nos espaços de trabalho. Especificamente no âmbito corporativo, esse fenômeno passa a se manifestar mais intensamente a partir dos anos 1990 e exacerba-se no século XXI, através da flexibilização dos layouts, da popularização do modelo open space, da

incorporação de escritórios híbridos e da valorização de ambientes colaborativos. Tais mudanças arquitetônicas não são meramente estéticas, mas traduzem uma reconfiguração das experiências de trabalho e das subjetividades envolvidas, alinhando-se às exigências do capitalismo tardio. Assim, a arquitetura corporativa na pós-modernidade não apenas reflete, mas também influencia as relações de trabalho e a construção da identidade profissional no século XXI.

Na era da informação, a arquitetura corporativa está inserida em um cenário de transformações profundas nas relações de trabalho, impulsionadas por dinâmicas socioculturais, avanços tecnológicos e pela crescente internalização de uma lógica produtivista. Essa lógica, outrora associada a regimes disciplinares e à racionalidade industrial moderna, encontra-se agora sublimada, enaltecida e naturalizada nas práticas cotidianas do trabalho imaterial, marcada pela exigência constante de desempenho, pela superposição entre vida pessoal e profissional e pela valorização da inovação e da criatividade como ativos centrais. Nesse contexto, torna-se essencial refletir sobre como esses fatores afetam o bem-estar dos trabalhadores e de que modo a arquitetura pode, ou não, responder a tais exigências. Nesta dissertação propõe-se uma leitura crítica da ‘sociedade do desempenho’ (Han, 2015) e dos desafios contemporâneos na criação de espaços corporativos que respeitem o que se denomina de *camadas invisíveis*, isto é, as subjetividades presentes nos usos, percepções e simbolismos que moldam a experiência humana.

Autores como Byung-Chul Han analisam a pós-modernidade sob um viés sociológico. Em *Sociedade do cansaço* (2015), Han associa o tempo presente à violência neuronal. Enquanto, no século XX, os inimigos eram identificáveis e combatidos com mecanismos imunológicos, ou seja, sabíamos o que enfrentar, hoje a ameaça é difusa, interna e invisível, operando por uma auto exploração. Essa lógica ocorre em um contexto de excesso de positividade, que oculta o que realmente adocece os indivíduos. “A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso, ela é mais invisível do que uma violência viral” (Han, 2015, p. 5).

O excesso de trabalho é um reflexo direto dessa violência. O sujeito se impõe metas e prazos excessivos, ampliando sua carga de trabalho sem imposição externa. Com o tempo, isso desencadeia exaustão psíquica e doenças como ansiedade, depressão e síndrome de Burnout. Como explica Han, enquanto a antiga sociedade disciplinar “gera loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (2015, p. 8). Essa falsa sensação de liberdade e autonomia, alimentada pela lógica do desempenho, segundo o autor, esconde um sistema de exploração internalizada.

A transição do controle externo para o autogerenciamento ocorre em meio a avanços tecnológicos que reforçam a sensação de controle sobre a própria vida. O trabalhador acredita que trabalhar mais, buscar uma segunda renda ou empreender garantirá uma vida melhor. Na prática, no entanto, essas estratégias muitas vezes resultam em frustração e sentimentos de fracasso, pois impõem metas inalcançáveis e levam à exaustão.

Essa lógica de auto exploração se materializa nos ambientes corporativos. Muitos escritórios contemporâneos são projetados para manter alta produtividade e vigilância implícita. A arquitetura, nesse contexto, desempenha um papel central: pode apenas reproduzir as exigências do capital, ou funcionar como agente de resistência e humanização do trabalho.

A arquitetura corporativa, porém, ainda opera, em grande parte, sob uma lógica funcionalista, tratando os espaços de trabalho como infraestruturas produtivas neutras, desprovidas de intencionalidade simbólica ou afetiva. O pensamento de Martin Heidegger, ainda que formulado em 1951, permanece atual ao propor uma ruptura com a visão utilitarista do espaço. Em seu célebre ensaio “Construir, Habitar, Pensar”, o filósofo sugere que o verdadeiro sentido do habitar não reside apenas na ocupação física de um lugar, mas na capacidade humana de estabelecer uma relação de pertencimento e significado com o ambiente.

Essa noção de habitar, segundo Heidegger (2001)¹⁵, não está limitada à esfera doméstica, mas estende-se a todos os espaços vividos, inclusive os espaços

¹⁵ O ensaio “Bauen Wohnen Denken” (“Construir, Habitar, Pensar”) foi apresentado em 1951. O texto inaugura uma reflexão filosófica sobre a essência do habitar e a sua relação com a construção, sendo uma das principais bases para a aproximação entre filosofia e arquitetura.

de trabalho. Pois para o filósofo, habitar, portanto, significa mais do que estar em um local: trata-se de um modo de “ser-no-mundo”, onde o sujeito se expressa e constrói sua identidade por meio das relações que estabelece com o ambiente. Assim, ambientes de trabalho que se limitam a funções operacionais tendem a suprimir esse vínculo existencial, tornando-se impessoais e hostis. Em contrapartida, quando os espaços corporativos são concebidos como lugares de encontro, reconhecimento mútuo e expressão subjetiva, eles passam a desempenhar um papel ativo no bem-estar dos usuários.

Desse modo, a noção heideggeriana de habitar contribui diretamente para repensar a arquitetura corporativa contemporânea, indicando que a humanização dos espaços de trabalho depende da sua capacidade de favorecer experiências relacionais, simbólicas e sensíveis, fundamentais para o desenvolvimento do sujeito e para a construção de uma cultura organizacional mais ética e inclusiva.

A chamada "crise do habitar", conforme analisa Heidegger (2001) no início dos anos 1950 continua atual, pois decorre da incapacidade contemporânea de perceber o espaço para além de seu valor utilitário. A racionalização moderna fragmentou a experiência espacial, rompendo o vínculo existencial entre o ser humano e o ambiente que o cerca. Para superar essa cisão, é necessário atribuir sentido ao espaço e recuperar sua conexão simbólica com o mundo, ideia reafirmada por Nesbitt (2013, p. 57), ao destacar a importância de restaurar a dimensão relacional e significativa da arquitetura.

Dentro da mesma perspectiva, Norberg-Schulz (1983), no artigo *Heidegger's Thinking on Architecture*, argumenta que um espaço habitável não se define apenas por sua função prática, mas pela capacidade de estabelecer vínculos entre o ser humano e o ambiente. Esse vínculo se forma por meio da relação entre a paisagem, sua estrutura e significado, na medida em que o espaço habitável não é apenas um dado físico, mas uma experiência carregada de sentido para o ser humano. Quando negligenciado, esse aspecto gera ambientes impessoais e pouco acolhedores. Nesse sentido, o autor critica a herança do funcionalismo moderno, que “leva a um ambiente esquemático e sem caráter, com possibilidades insuficientes para a habitação humana” (1983, p. 67 – tradução nossa).

Embora Hertzberger (1999) não utilize diretamente o termo “espaço corporativo” no livro “Lições de Arquitetura”¹⁶, suas reflexões são fundamentais para pensar sobre esses ambientes. O arquiteto critica a rigidez e a neutralidade dos espaços modernos e defende a criação de lugares, espaços dotados de significado, que possibilitem múltiplas interpretações e sejam apropriáveis pelos usuários de forma intuitiva e espontânea. Para isso, propõe estratégias projetuais que estimulem a leitura ativa do espaço, como o uso da ambiguidade formal, transições suaves entre público e privado e a presença de elementos reconhecíveis que convidem à interação. Tais qualidades, segundo o autor, ampliam o potencial de uso e tornam os ambientes mais acolhedores e simbólicos. Essa perspectiva encontra ressonância na reflexão de Norberg-Schulz (1983), para quem o objetivo último da arquitetura seria “trazer a paisagem habitada para perto do homem e deixá-lo habitar poeticamente” (1983, p. 67 – tradução nossa). Nesse sentido, pode-se dizer que Hertzberger, ao propor uma arquitetura aberta à apropriação e ao significado, dialoga com a base fenomenológica apresentada por Norberg-Schulz, ainda que a traduza em estratégias projetuais mais pragmáticas.

Apesar do avanço das críticas arquitetônicas em defesa da humanização dos espaços e da valorização das subjetividades dos usuários, os ambientes corporativos contemporâneos ainda revelam uma dimensão de impessoalidade, marcada pela exposição permanente e pela vigilância sutil dos indivíduos. Nesse sentido, as reflexões de Byung-Chul Han (2015) ajudam a compreender como o espaço corporativo se configura como um ambiente de constante controle e autovigilância, no qual os sujeitos são levados a monitorar e otimizar continuamente seu próprio desempenho. Nesse cenário, a pressão por produtividade já não vem apenas de normas externas ou da supervisão direta, mas é internalizada pelos próprios sujeitos, que passam a se autocobrar e se autorregular. A arquitetura pode reforçar essa lógica quando adota soluções projetuais como transparência total, ausência de barreiras físicas e uma estética voltada à eficiência, contribuindo assim para a intensificação dessa autovigilância.

¹⁶ Herman Hertzberger publicou originalmente “Lessons for Students in Architecture” em 1991, traduzido para o português em 1999 como “Lições de Arquitetura”. A obra reúne reflexões teóricas e exemplos de projetos do arquiteto holandês, sendo considerada uma das mais influentes no ensino da arquitetura contemporânea por articular princípios de apropriação, flexibilidade e participação dos usuários no espaço construído.

Modelos como o *open space*, frequentemente justificados como estímulo à colaboração, têm efeitos ambíguos. Estudos como os de Bernstein e Turban (2018) mostram que, em vez de aumentar a interação, esses layouts podem gerar isolamento e reduzir o contato interpessoal.

Se compreendermos a arquitetura como campo simbólico, precisamos questionar quais valores e narrativas estão inscritos nos espaços. As chamadas camadas invisíveis — relacionadas aos modos de apropriação e significados atribuídos — revelam como os ambientes moldam comportamentos e relações sociais.

Pois a materialidade também comunica. A escolha por concreto aparente, vidro ou aço, por exemplo, pode sugerir inovação e dinamismo, mas também transmitir frieza e impessoalidade. Como observa Zumthor (2006), a matéria não é neutra: ela comunica e afeta diretamente as percepções, sensações e formas de apropriação do espaço pelos usuários, devendo contribuir para criar espaços realmente habitáveis. Esse entendimento converge com o pensamento de Heidegger (1951), para quem o ato de habitar vai muito além de uma ocupação física de um espaço, trata-se de uma forma de estar-no-mundo (*Dasein*) que expressa o modo como o ser humano se relaciona existencialmente com o ambiente e consigo mesmo. Habitar, nesse sentido, é uma condição ontológica, anterior à função utilitária do espaço.

O sentido do habitar para além da função utilitária, tal como formulado por Heidegger, encontra desdobramento nas reflexões de Herman Hertzberger (1999). Suas críticas à arquitetura racional-funcionalista ressaltam a necessidade de que os espaços não sejam definidos apenas por critérios técnicos, mas que se abram à apropriação pelos usuários e à participação ativa, em contraste com a lógica rígida e hermética dos escritórios tradicionais. Nesse sentido, as estratégias projetuais defendidas por Hertzberger permanecem atuais no contexto dos espaços corporativos contemporâneos, ao responderem à necessidade sempre presente do ser humano de aprender — ou reaprender — a habitar os espaços de maneira significativa.

Essa defesa da experiência significativa inspira também estratégias projetuais contemporâneas, como a biofilia, que incorpora elementos naturais ao design. Estudos de Stephen Kellert (2008) demonstram que vegetação, luz natural e materiais orgânicos reduzem o estresse e favorecem o bem-estar, evidenciando como escolhas arquitetônicas podem reforçar a dimensão sensível dos espaços corporativos.

Entretanto, a “crise do habitar” corporativo não decorre apenas da prevalência de uma lógica utilitária, mas também da ausência de sentido existencial e de sensibilidade. No contexto das empresas contemporâneas, os ambientes de trabalho têm sido frequentemente concebidos como meros suportes operacionais, instrumentos de produtividade, negligenciando sua dimensão simbólica, afetiva e subjetiva.

Repensar os espaços corporativos, portanto, não é apenas um desafio técnico, mas uma questão ontológica e política. Habitar, nesse sentido, é existir de maneira autêntica, reconhecendo-se como sujeito que interpreta o mundo e atribui sentido à sua presença nele. Isso exige compreender o espaço não como um objeto neutro, mas como aquilo que nos possibilita “ser-no-mundo”.

Aprender a habitar, como o próprio Heidegger defende, é recuperar essa relação esquecida com o espaço, é criar lugares que acolham o humano em sua complexidade, que permitam não apenas estar, mas ser. Portanto, se desejamos ambientes corporativos verdadeiramente habitáveis, é preciso ultrapassar a lógica puramente produtiva e resgatar a dimensão sensível, simbólica e existencial do projeto arquitetônico, criando lugares que façam sentido, que sejam apropriáveis e que possibilitem o bem-estar e a expressão plena do sujeito no espaço de trabalho.

1.2. AS TRANSFORMAÇÕES DA ARQUITETURA CORPORATIVA CONTEMPORÂNEA

Antes de apresentar como os espaços corporativos se configuram na atualidade, é fundamental compreender brevemente sua trajetória histórica. A concepção contemporânea desses ambientes é fruto de décadas de transformações arquitetônicas e socioculturais, marcadas por avanços técnicos, mudanças nas relações de trabalho e sucessivos processos de reinterpretação projetual. Neste tópico, arquitetura e contexto social se entrelaçam para oferecer um panorama crítico sobre essa evolução.

Ao longo do século XX, a arquitetura corporativa consolidou-se como um campo pautado por três pilares principais: eficiência, funcionalidade e representação institucional. No entanto, essa consolidação não ocorreu de forma linear ou homogênea. Embora o edifício comercial padronizado, geralmente representado por torres envidraçadas, planta livre e alta densidade espacial, tenha se estabelecido como modelo dominante, houve, paralelamente, correntes que buscaram romper com esse paradigma.

Este estudo adota um recorte específico voltado justamente para essas experiências que desafiaram ou reconfiguraram o modelo tradicional de espaço corporativo. Serão analisados edifícios que propuseram novas formas de organização do trabalho, seja pela integração entre fábrica e escritório, pela inserção de valores humanistas nos ambientes corporativos ou pela adoção de estratégias espaciais alinhadas aos debates pós-modernos.

Na primeira parte deste capítulo, discutiram-se o contexto da pós-modernidade, as dinâmicas do trabalho na era da informação e as abordagens sobre ergonomia, bem-estar e subjetividade nos espaços corporativos. A partir desse percurso, o recorte proposto para essa seção visa aprofundar a análise da arquitetura corporativa sob a perspectiva do bem-estar.

Ao longo do capítulo, os casos exemplares serão apresentados e analisados dentro de seus respectivos contextos históricos e teóricos, destacando como cada um contribuiu para reconfigurar os modos de pensar e projetar ambientes de trabalho. A intenção é demonstrar que, mesmo diante da hegemonia de uma lógica funcionalista e homogênea, sempre existiram propostas alternativas, muitas das

quais exerceram forte influência sobre os espaços contemporâneos voltados à valorização das experiências humanas nos espaços.

1.2.1. Os novos paradigmas da organização espacial dos interiores

Dentre os projetos que buscaram romper com a rigidez funcionalista e incorporar valores humanistas ao espaço corporativo, destaca-se o Edifício Johnson Wax (Figura 01), projetado por Frank Lloyd Wright em 1939. O projeto reflete a valorização crescente do pensamento humanista nas discussões arquitetônicas da época. Sua planta livre favorece a entrada de luz natural, o uso de mobiliário ergonômico e estações de trabalho amplas, distanciando-se de projetos anteriores como o Edifício Larkin, também de Wright, concebido três décadas antes (Ghosn, 2019, p. 37). Essa inovação representa uma mudança significativa na arquitetura corporativa, ao equilibrar a otimização dos processos produtivos com a atenção às dimensões sensíveis do ambiente de trabalho.

Essa transformação foi impulsionada por debates que envolveram a arquitetura, a psicologia e as novas demandas do trabalho. Embora o modernismo tenha promovido avanços em ergonomia, funcionalidade e conforto ambiental, sua abordagem funcionalista nem sempre considerou plenamente as múltiplas dimensões do espaço. Segundo Norberg-Schulz ainda assim, arquitetos como Alvar Aalto e Gunnar Asplund já começavam a ampliar os princípios modernistas. Suas obras combinavam funcionalidade com referências regionais e significados culturais, demonstrando maior sensibilidade às necessidades humanas (Norberg-Schulz, 2008, p. 245 – tradução nossa).

Figura 01. Planta livre e integração visual no espaço de trabalho – Sala principal da sede da Johnson Wax



Johnson Wax Headquarters, Racine, Wisconsin, EUA. Projeto de Frank Lloyd Wright, 1936–1939. Ambiente: grande salão de escritórios com layout aberto, caracterizado por colunas “*ilypad*” e iluminação natural difusa. Destaque para a disposição do mobiliário em ilhas, promovendo interação visual entre equipes. Disponível em: <<https://designwanted.com/johnson-wax-headquarters-frank-lloyd-wright/>>. Acesso em: 14 de março de 2024.

Esse processo de transformação, contudo, não se consolidou amplamente. Após a Segunda Guerra Mundial, a arquitetura moderna passou a se adaptar às exigências das forças dominantes da sociedade (Harvey, 1992, p. 42). Isso resultou em uma arquitetura mais repetitiva e homogênea, especialmente nas zonas comerciais das cidades, como aponta Nesbitt (2008, p. 23). Na década de 1950, a arquitetura, antes símbolo de inovação, distanciou-se de seu compromisso social e passou a refletir as prioridades do poder estabelecido.

Essa acomodação da arquitetura às lógicas institucionais e mercadológicas fortaleceu o movimento antimoderno, que gerou revoltas em cidades como Chicago, Paris, Praga, Cidade do México, Madri, Tóquio e Berlim ao fim dos anos 1960 (Harvey, 1992, p. 44). Esses protestos impulsionaram o surgimento do pós-modernismo, um movimento que buscava romper com a rigidez modernista e reavaliar os princípios arquitetônicos vigentes. O marco simbólico dessa ruptura foi a destruição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, em 1972, que evidenciou as limitações das soluções padronizadas do modernismo.

Durante esse período, outras áreas do conhecimento também influenciaram o debate arquitetônico. Teorias filosóficas, históricas e psicológicas, como as da Escola de Frankfurt e de Michel Foucault, ganharam espaço (Nesbitt, 2008, p. 43). O movimento feminista também passou a questionar as estruturas arquitetônicas existentes. A academia voltou-se para temas como historicidade, paisagem e tectônica, e o livro "Complexidade e Contradição na Arquitetura", de Robert Venturi (1966), tornou-se referência ao abordar o ecletismo histórico (Nesbitt, 2008, p. 26). Em 1977, Robert Stern já identificava o pós-modernismo como um movimento que buscava superar a dicotomia entre racionalismo e realismo na arquitetura (Nesbitt, 2008, p. 27).

Essas mudanças impactaram diretamente a arquitetura corporativa. A racionalidade e previsibilidade do modernismo deram lugar à pluralidade e diversidade do pós-modernismo. A nova abordagem se refletiu nos escritórios, que passaram a adotar layouts mais orgânicos (Figura 02). Segundo Abalos e Herreros (1992, p. 173 – tradução nossa):

A disposição em grupos, misturada com escritórios e salas de reunião, passa a ser o meio que caracteriza o escritório dos anos de pós-guerra. Adquire assim uma geometria ordenada mas já não rigidamente linear; as salas de operações perdem o caráter maquinal em favor de um ambiente confortável e representativo, motivado pela dupla necessidade de estimular o trabalho e oferecer-se como imagem empresarial. (Abalos; Herreros, 1992, p. 173- tradução nossa)

Figura 02. Evolução da configuração espacial em escritórios – Comparação entre layout de 1920 e de 1950

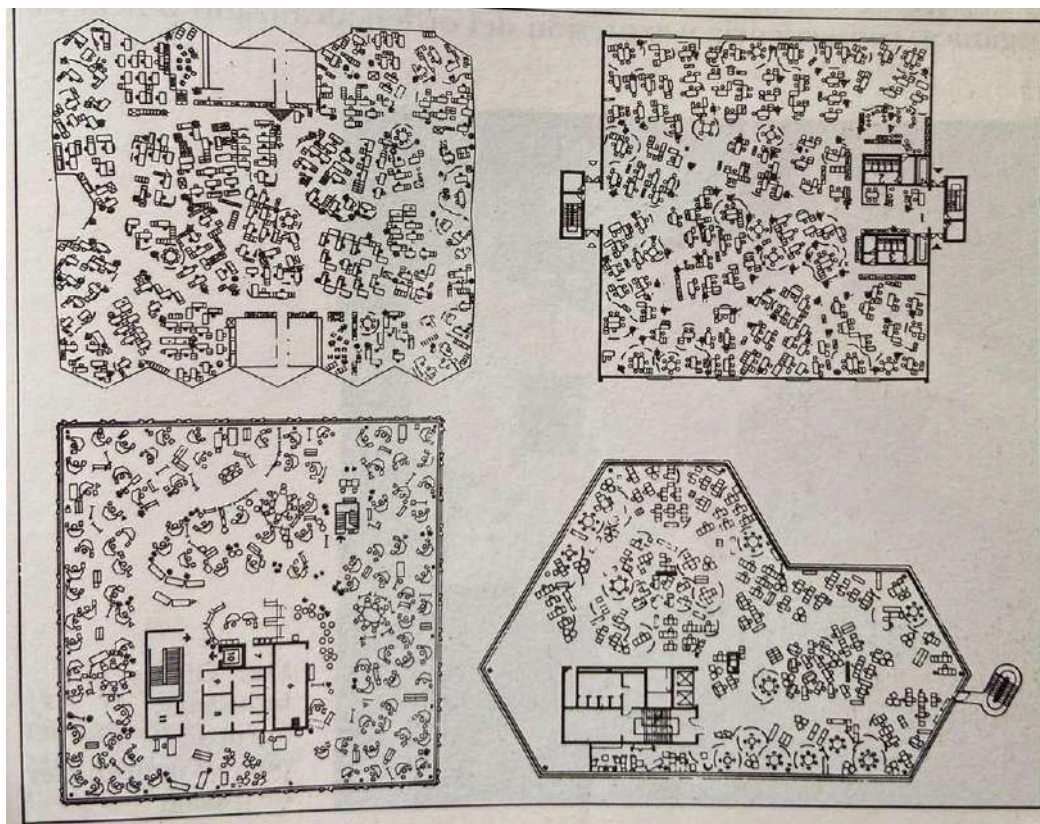


À esquerda: escritório típico da década de 1920, com layout em planta livre densa e estações de trabalho alinhadas, priorizando supervisão e controle visual. À direita: escritório da década de 1950, já incorporando divisórias baixas e organização mais setorizada, buscando maior privacidade e especialização de funções.

Fonte: In: Ábalos; Herreros, 1992, p. 174.

Com essa transformação, surgiu o conceito de "Landscape Office" (Figura 03), no final dos anos 1950, desenvolvido pelos irmãos Schnelle. O modelo propunha uma organização orgânica das mesas de trabalho, com áreas de descanso integradas, rompendo com a rigidez dos escritórios (Ghosn, 2019, p. 40). Nos anos 1960, a consultoria Quickborner¹⁷ Team aprimorou a proposta ao integrar técnicas de psicologia e comunicação interna, incentivando a participação criativa dos funcionários nas decisões empresariais (Sampaio, 2003 *apud* Tateoka, 2014, p. 38).

Figura 03. Plantas de escritórios no conceito *Landscape Office* – disposição orgânica e flexível do mobiliário



Exemplos de plantas adotando o modelo *Landscape Office*, caracterizado pela distribuição orgânica e irregular das estações de trabalho, buscando maior fluidez, comunicação e

¹⁷ A Quickborner Team foi uma consultoria alemã de design organizacional fundada na década de 1950. Tornou-se referência internacional por desenvolver o conceito de *Bürolandschaft* (paisagem de escritórios), que rompia com a rigidez modernista ao propor espaços de trabalho abertos, flexíveis e colaborativos.

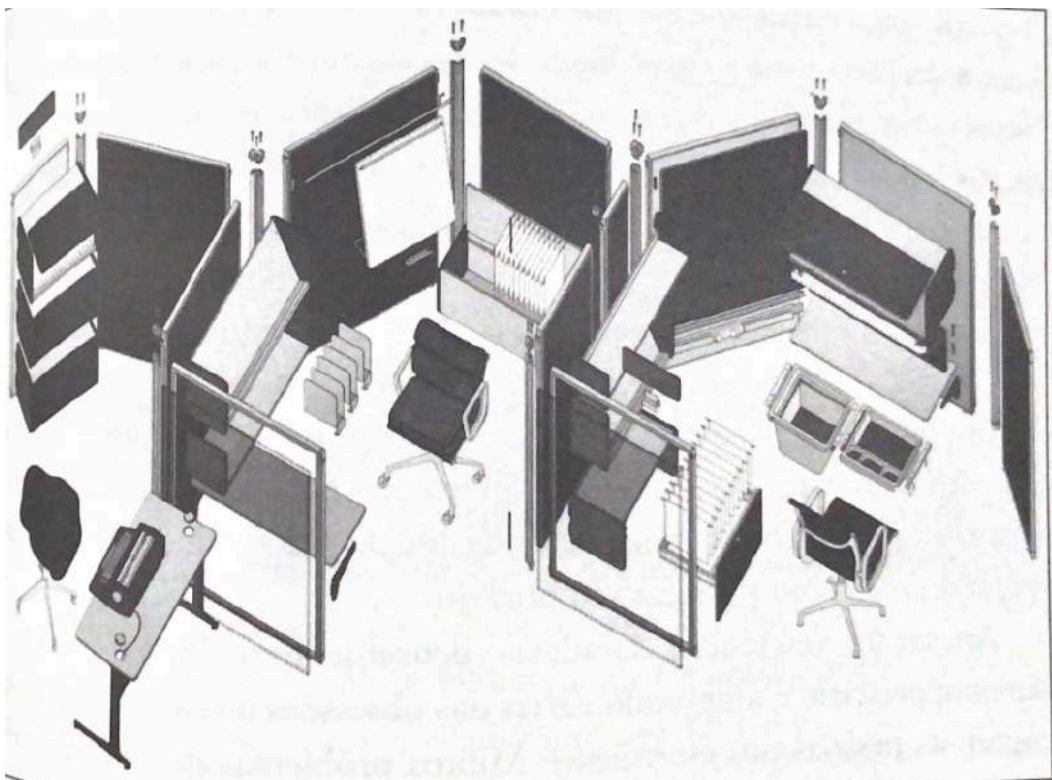
integração entre setores, em contraste com layouts ortogonais tradicionais. Fonte: In: Ábalos; Herreros, 1992, p. 181.

O mobiliário também desempenhou papel importante. Empresas como Herman Miller e Knoll passaram a desenvolver soluções ergonômicas e funcionais, como o Action Office I (1964) e o Action Office II (1968) (Figura 04), criados por Robert Propst. Esses projetos ofereciam um ambiente funcional e integrado, com foco na eficiência e no conforto (Saval, 2015).

Essas mudanças demonstram como o design do layout, o mobiliário e novas abordagens das ciências humanas redefiniram a concepção desses espaços corporativos. Como afirma Roberto Fialho (2007, p. 51):

Os postos de trabalho se distribuíam em grandes espaços diáfanos em função das necessidades do processo global de trabalho. A comunicação já não se desenvolvia na vertical seguindo a hierarquia, mas em sentido horizontal entre cada um dos colaboradores e em coerência com a organização do trabalho.

Figura 04. Módulos do sistema *Action Office* – configuração flexível para estações de trabalho (1968)



Desenvolvido por Robert Propst para a Herman Miller, o Action Office revolucionou o design de escritórios ao introduzir módulos móveis, painéis divisórios e mobiliário ajustável, permitindo a personalização dos espaços conforme as necessidades do usuário e inaugurando o conceito de “cubículos” corporativos. Fonte: In: Saval, 2015, p. 235.

No entanto, com o tempo, parte das proposições ideológicas do pós-modernismo foram esvaziadas e transformadas em recurso estético apelativo, promovido como produto de mercado. A partir da década de 1980, a imagem dos arquitetos foi amplamente cooptada por estratégias de marketing, e o que outrora era uma crítica à rigidez do modernismo passou a ser explorado como abordagem arquitetônica superficial, desvinculado de seu conteúdo crítico original (Nesbitt, 2008, p. 54).

Um exemplo paradigmático desse processo de mercantilização pode ser observado na popularização dos cubículos corporativos (figura 05). Como analisa Nikil Saval (2015) em *Cubiculados*, o modelo de estações de trabalho proposto por Robert Propst, no final da década de 1960, originalmente buscava promover autonomia e bem-estar aos trabalhadores, ao romper com o layout de escritórios abertos e repetitivos. No entanto, ao longo das décadas seguintes, esse modelo foi deturpado e convertido em um sistema padronizado, compartimentado e visualmente pobre, amplamente adotado por empresas com foco exclusivo em eficiência e controle. A ideia de “liberdade no ambiente de trabalho” foi progressivamente substituída por uma lógica de produtividade e vigilância, distorcendo completamente a proposta inicial de Propst.

Essa lógica reflete a crescente influência do capitalismo nas formas urbanas e corporativas. Elementos culturais e históricos passaram a ser usados como estratégias de mercado, como nos casos de Chinatown, Harbor Place ou Las Vegas (Harvey, 1992, p. 90-92). A crítica ao pós-modernismo, nesse ponto, se concentra em sua superficialidade e adesão à positividade excessiva.

Figura 05. Cena do filme Playtime (1967) – representação dos cubículos corporativos



Se observa a cristalização de um ambiente hermético, formado por estações quadrangulares rigidamente dispostas em série, espelhando a lógica fabril da linha de montagem. A supervisão "de cima" pelo gestor simboliza o controle e a vigilância, anulando a subjetividade dos trabalhadores e inviabilizando qualquer sensação de pertencimento, bem-estar ou interação espontânea.

Disponível em:

<https://medium.com/willbe-group/should-we-abandon-the-idea-of-designing-better-offices-b91f92ceb3a1>. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

Entretanto, o período também trouxe inovações. Projetos como a Trump Tower (1983) e o AT&T Building (1984) sinalizam uma nova fase na arquitetura corporativa, que começa a valorizar identidade empresarial e bem-estar.

Essa mudança também impactou a relação entre corpo e espaço. A arquitetura passou a considerar aspectos sociais e psicológicos com mais atenção. Mesmo com distorções mercadológicas, a valorização da identidade tornou-se uma preocupação central (Harvey, 1992, p. 85).

Um exemplo claro dessa nova abordagem é o edifício Central Beheer (1972), projetado por Herman Hertzberger (Figura 06). Considerado um marco do estruturalismo holandês — corrente que defendia a arquitetura como estrutura aberta, flexível e continuamente completada pelo uso. O edifício apresenta uma

organização espacial inovadora, com espaços de convivência distribuídos ao longo dos pavimentos, projetados para serem utilizados tanto para momentos de descontração quanto para reuniões informais. Esse modelo reflete a transição dos espaços corporativos para uma lógica mais voltada à interação social e ao bem-estar dos usuários, rompendo com a rigidez dos layouts e antecipando conceitos que, décadas depois, se consolidariam como essenciais no design de ambientes de trabalho. A experiência acumulada nesse projeto e em outros de sua trajetória foi posteriormente sistematizada no livro *Lições de Arquitetura* (1991), no qual Hertzberger apresenta suas reflexões teóricas e didáticas sobre a função e o papel dos espaços, reforçando sua preocupação em conceber lugares significativos e apropriáveis.

Figura 06. Edifício Centraal Beheer (1972) – área de convivência



Projeto de Herman Hertzberger, localizado em Apeldoorn, Países Baixos, inaugurado em 1972. O espaço de convivência evidencia a proposta de arquitetura participativa e humanizada do autor, com ambientes flexíveis e integração entre áreas de trabalho e descanso. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/984043/mvrdv-transformara-o-edificio-centraal-beheer-de-herman-hertzberger-em-conjunto-residencial/62abbe353e4b31f119000002-mvrdv-commissioned-to-transform-herman-hertzbergers-centraal-beheer-building-into-a-new-residential-district-image?next_project=no. Acesso em: 22 de novembro de 2023.

Assim, o pós-modernismo se distingue por sua atenção ao contexto histórico e cultural, ao incorporar elementos e símbolos do passado, que são reinterpretados no

presente. Nesse cenário, a arquitetura passa a ser vista como um veículo de comunicação de narrativas, por meio de sua imagem, o que coloca a forma arquitetônica como um elemento central, refletindo um interesse renovado pela estética. Esse aspecto contrasta diretamente com o modernismo, que, ao priorizar a funcionalidade, tendia a se distanciar das referências históricas, muitas vezes negligenciando o potencial simbólico da forma (Nesbitt, 2008, p. 53).

Um exemplo notável de estratégia projetual alinhada aos princípios pós-modernos é o edifício da IBM (1983), projetado por Edward Larrabee Barnes e Robert Zion, localizado na Madison Avenue (Figura 07). O projeto se destaca por promover a integração entre o edifício e o espaço urbano por meio de um átrio que funciona como uma extensão pública do edifício, conectando de forma fluida o interior e o exterior. Esse espaço aberto ao público, equipado com mobiliário urbano e vegetação, favorece a permanência, a convivência e o encontro entre diferentes usuários.

Figura 07. 590 Madison Avenue – espaço público aberto



Localizado em Manhattan, Nova Iorque (EUA), o espaço aberto do 590 Madison Avenue integra áreas de convivência arborizadas ao tecido urbano, promovendo uso público e permanência. Disponível em: <https://www.tclf.org/landscapes/590-madison-avenue-atrium>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

No contexto brasileiro, a trajetória dos espaços corporativos ao longo do século XX reflete a influência direta de modelos internacionais. Até as primeiras décadas, prevaleceu o padrão europeu de organização, posteriormente substituído pelo

modelo norte-americano de arranha-céus e escritórios integrados, impulsionado pela chegada de empresas estrangeiras e pela difusão do taylorismo, que estruturava o layout a partir da lógica fabril, com mesas dispostas lado a lado e forte centralização do controle (Andrade, 2007 *apud* Colling, 2023, p. 66). Esse formato predominou até o final da década de 1980, quando o Escritório Panorâmico ganhou espaço, trazendo maior flexibilidade, economia de área e de recursos, além de possibilitar rearranjos com mais facilidade, sinalizando uma transição para modelos mais adaptáveis e alinhados às novas dinâmicas de trabalho (Andrade, 2007 *apud* Colling, 2023, p. 66).

Essa transição arquitetônica representou uma mudança significativa em relação aos modelos anteriores, priorizando a flexibilidade e a integração dos ambientes de trabalho, o que trouxe um novo dinamismo à dimensão simbólica e afetiva da experiência projetual. No Brasil, esse movimento se manifesta não apenas no design arquitetônico — entendido aqui como a adoção de soluções espaciais mais abertas, flexíveis e voltadas à integração social dos ambientes de trabalho —, mas também na divulgação do Escritório Panorâmico, que ganhou popularidade a partir da década de 1970, acompanhando transformações sociais e econômicas mais amplas. Essas mudanças, tanto no âmbito global quanto nacional, moldaram o ambiente corporativo e influenciaram diretamente a maneira como os espaços de trabalho foram concebidos (Colling, 2023, p. 68-69).

Nos anos 1980, o impacto das transformações econômicas e laborais intensificou essa transição no Brasil. Mudanças nos layouts de escritórios e nas normas de ergonomia — como a NR17, estabelecida pelo Ministério do Trabalho — ultrapassaram a dimensão funcional ou estética e refletiram uma reestruturação mais ampla das relações de trabalho. A crise econômica de 1987, nos Estados Unidos, expôs a fragilidade de um sistema corporativo que até então simbolizava estabilidade e longevidade, repercutindo globalmente, onde empresas passaram a adotar ambientes mais compactos, padronizados e flexíveis. Como observa Saval (2015, p. 329), os escritórios deixaram de ser moldados para carreiras de longo prazo e passaram a abrigar um trabalhador transitório, adaptável e permanentemente avaliado. Muitos desses trabalhadores enfrentavam condições

precárias, sem benefícios básicos como planos de saúde e em constante necessidade de recursos, revelando a instabilidade do novo cenário.

Lazzarato (2001) analisa esse processo por meio da ascensão do “trabalhador imaterial”, cuja atividade passa a envolver competências cognitivas, comunicativas e afetivas, deslocando o foco da produtividade para a criação de valor simbólico. Esse novo arranjo, que se consolida entre o fim do século XX e o início do XXI, prepara o terreno para o sujeito descrito por Byung-Chul Han (2015): alguém aparentemente autônomo, mas intensamente capturado pelas dinâmicas do desempenho, da transparência e da autoexploração.

Os escritórios deixaram de ser projetados como locais de pertencimento e passaram a refletir uma mentalidade voltada à performance, à eficiência imediata e à auto exploração. O ideal do “funcionário de longa data” foi substituído pelo trabalhador multitarefa, versátil e constantemente monitorado, sujeito a avaliações de produtividade, metas individuais e à pressão por resultados. Como observa Byung-Chul Han (2015, p. 43), o sujeito contemporâneo tornou-se “senhor de si mesmo”, mas também prisioneiro de uma lógica de desempenho que o esgota.

Esse modelo de organização do trabalho, baseado na vigilância, na transparência e na constante autoavaliação do desempenho, reflete uma transformação estrutural profunda nas relações laborais que se inicia na década de 1980 e se intensifica com a crise econômica de 1987. A autocobrança tornou-se um mecanismo de controle eficaz, pois transfere ao próprio indivíduo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso. Nesse novo paradigma, os espaços corporativos não poderiam mais permanecer os mesmos. Eles passaram a ser adaptados tanto arquitetonicamente quanto em sua gestão organizacional, de forma a acomodar essa nova subjetividade: ambientes otimizados para a vigilância velada, a transparência total, a mobilidade constante e a ausência de vínculos fixos com o espaço.

Com isso, a mudança nos espaços corporativos não pode ser lida como uma mera atualização estética e funcional. Trata-se de uma reconfiguração profunda, impulsionada pelas transformações sociais e econômicas que marcam o fim do século XX. A arquitetura, nesse contexto, torna-se espelho e instrumento da nova

racionalidade neoliberal, operando como mediadora das formas contemporâneas de trabalho e subjetivação.

É fundamental, portanto, evitar atribuições simplistas de culpa à forma arquitetônica em si, como ocorreu no caso emblemático do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, demolido em 1972 e amplamente citado como símbolo do fracasso do modernismo, ilustra esse equívoco. Sua destruição foi frequentemente creditada ao projeto físico, ignorando os fatores sociais, econômicos e políticos que levaram à sua degradação. Como argumenta David Harvey (1992, p. 111), "acusar a forma física pelos problemas sociais é recorrer ao tipo mais vulgar de determinismo ambiental".

Assim, compreender as transformações nos espaços de trabalho exige ir além da análise formal. É necessário entender como o projeto arquitetônico é atravessado por valores culturais, pressões mercadológicas e mudanças estruturais no mundo do trabalho. Os ambientes corporativos, nesse sentido, não apenas respondem a demandas organizacionais — eles traduzem, naturalizam e reproduzem lógicas sociais mais amplas. E é justamente por isso que repensar sua forma, função e simbologia continua sendo um desafio urgente para a arquitetura contemporânea.

1.2.1.1 A arquitetura corporativa pós 1990

Em meio às contradições do cenário pós-moderno, a partir dos anos 1990, a modernização dos computadores se tornou a principal novidade nos locais de trabalho. Nesse período, diversas configurações de layout começaram a surgir, destacando-se especialmente as startups, também chamadas de empresas ponto com, que fortaleceram suas culturas organizacionais. A configuração espacial dessas empresas era marcada por características pouco convencionais, como descreve Saval (2015):

mesas de piquenique servindo de escrivaninhas espalhadas em ângulos diversos, pilhas de papéis e uma confusão de fios por todo lado, figuras mal-ajambradas vestindo pijamas, trabalhando curvadas diante de telas, exibindo esculturais cortes de cabelos cuidadosamente emaranhados, e rock clássico a música de fundo da nova era - a toda altura. Comparado às

gerações anteriores de escritórios, esse era indiscutivelmente pior: mais caótico, menos controlável. (Saval, 2015, p. 291)

Um exemplo emblemático desse movimento, segundo o autor, foi o escritório TBWA\Chiat\Day (1998), projetado por Clive Wilkinson (figura 08), que, dentro desse contexto, incorporou os computadores nas mesas de trabalho, alinhando-se ao novo design dos espaços.

Figura 08. Espaço interno do escritório TBWA\Chiat\Day – integração de áreas e uso de vegetação interna artificial.



Projeto: Escritório TBWA\Chiat\Day. Autor: Clive Wilkinson Architects. Data: 1998. Localização: Los Angeles, Califórnia, EUA. O projeto reorganiza o interior em módulos de trabalho elevados, conectados por passarelas, e distribui áreas de convivência no térreo. Ademais, foram incorporadas vegetação interna artificial, buscando criar um ambiente mais lúdico e colaborativo. Fonte: Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/4878037/TBWACHiatDay-Los-Angeles?tracking_source=search_projects|TBWA+Chiat+Day&l=0>. Acesso em: 14 de março de 2024.

Na virada do século, a crítica de Rem Koolhaas ao espaço corporativo ganha centralidade. Em *Junkspace* (2000), ele descreve os ambientes produzidos pela modernização contínua como um somatório aditivo, selado por ‘peles’ e tecnologias de climatização, que mistura signos domésticos e urbanos em cenografias de consumo, mantendo a aparência de novidade enquanto padroniza experiências. No escritório, isso se traduz no que o próprio autor chama de aspiração ao doméstico e à simulação da cidade. É nesse contexto que projetos como o TBWA\Chiat\Day (1998), de Clive Wilkinson, incorporam computadores nas estações e aproximam o ambiente de referências urbanas e domésticas, alinhando-se ao novo imaginário do trabalho. Segundo o autor:

O escritório é a próxima fronteira do Junkspace. Agora que se pode trabalhar em casa, o escritório aspira ao doméstico; e, porque ainda se precisa de uma vida, ele simula a cidade. O Junkspace apresenta o escritório como um lar urbano: um meeting-boudoir, novas esculturas de mesa arrojadas, luzes intimistas, divisórias monumentais, quiosques, mini-Starbucks em praças interiores, “conectados” a todos os outros Junkspaces do mundo, reais ou imaginários. (Koolhaas, 2000 in Sykes, 2010 - tradução nossa).

No Brasil, a virada do século também foi marcada por transformações significativas no desenho dos ambientes corporativos, acompanhando tendências internacionais que priorizavam a flexibilidade, a integração e a multifuncionalidade dos espaços. Conforme aponta Andrade (2007 *apud* Colling, 2023, p. 69), a ampliação do uso de computadores, associada aos avanços em telecomunicações e à regulamentação de parâmetros ergonômicos, somou-se à abertura do mercado e à introdução de mobiliário mais adaptável. Essas mudanças possibilitaram layouts mais fluidos, que rompiam com a rigidez das décadas anteriores e favoreciam a adaptação às novas dinâmicas de trabalho.

No entanto, a flexibilidade proposta pelos novos modelos de escritório não garantia, por si só, um design ideal. Um exemplo emblemático é o escritório da agência TBWA\Chiat\Day. Embora promovesse um ambiente mais criativo e flexível, sua configuração espacial gerava uma sensação de isolamento, afastando o trabalhador do mundo exterior e criando uma atmosfera artificial (Saval, 2015, p. 315). Esse tipo de espaço assemelha-se aos shopping centers, projetados para estimular a permanência prolongada e a perda da noção do tempo. A proposta era criar uma “cidade” dentro do escritório, na qual o funcionário pudesse realizar todas as suas atividades sem sair do ambiente de trabalho. No entanto, ao buscar essa autossuficiência, o espaço acabava por limitar as conexões reais com o entorno urbano, transformando-se em um microcosmo fechado, mais enclausurante do que dinâmico e inspirador.

Deborah Berke (1997, in Sykes, 2010) critica a superficialidade dos projetos da época, observando que muitos arquitetos buscavam fama e reconhecimento,

dedicando-se ao máximo para que seus projetos se destacassem. No caso dos espaços corporativos, como o TBWA\Chiat\Day, percebia-se um grande esforço para chamar atenção através de soluções estéticas e inovações, o que, por vezes, desvalorizava a qualidade funcional do projeto. A autora sugere que, ao invés de buscar a fama, os arquitetos deveriam focar em questões mais profundas, como “a diversidade de classe, raça, cultura e gênero; design sem lealdade a estilos ou fórmulas arquitetônicas a priori, e com preocupação com o programa e a construção” (Berke, 1997 in Sykes, 2010 – tradução nossa). Essa crítica reforça a ideia de que, em sua busca pela inovação, muitos projetos da época negligenciaram aspectos fundamentais do design, como a adequação ao uso real, sentimento de pertencimento e a criação de ambientes verdadeiramente inclusivos.

Assim, é evidente que as transformações nas modalidades de trabalho, dentro do contexto pós-moderno, intensificaram a necessidade de novas soluções para o design dos espaços corporativos. Nesse cenário, tanto os decoradores quanto os arquitetos se esforçaram para se manter relevantes, explorando diferentes abordagens e novas técnicas. Saval (2015, p. 338) observa que

[...] Tanto a Steelcase como a Herman Miller intensificaram o uso de técnicas antropológicas [...] A mais recente solução de mobiliário proposta pela Herman Miller, chamada Living Office, é uma abordagem mais enxuta das linhas do velho Robert Propst¹⁸.

Este último, Living Office (figura 09), desenvolvido pela Herman Miller na primeira década do século XXI, introduziu uma proposta inovadora ao incorporar dez áreas diversificadas dentro dos escritórios. Esse modelo não apenas ampliou as opções de espaços, como também intensificou a flexibilidade e diversificação, ajustando-se às necessidades dinâmicas do dia a dia. Essas transformações ao longo dos anos seguintes foram orientadas pela prioridade ao bem-estar e à produtividade dos funcionários, refletindo a crescente conscientização sobre a

¹⁸ Robert Propst foi o designer responsável pela criação do sistema *Action Office* na década de 1960, desenvolvido para a empresa Herman Miller. Sua proposta inicial buscava criar ambientes de trabalho dinâmicos e personalizáveis, com foco em autonomia e bem-estar. Contudo, sua ideia foi deturpada ao longo do tempo e acabou dando origem ao modelo rígido e padronizado dos “cubículos”, que dominaram os escritórios nas décadas seguintes. O conceito de *Living Office* retoma parte dessa filosofia original, propondo espaços mais abertos, colaborativos e adaptáveis às novas demandas de trabalho contemporâneo.

importância do ambiente físico no desempenho e saúde do trabalhador. Colling (2023), em *Interiores Corporativos Paulistas*, identificou as transformações ocorridas nos espaços corporativos no século XXI, da seguinte forma:

(i) ocorreu uma diminuição dos espaços de arquivamento em função da informatização dos processos; (ii) os espaços de café aumentaram em área à medida que a troca de ideias e experiências se tornou importante para o desenvolvimento das tarefas; (iii) integraram-se ao layout ambientes que oferecessem benefícios e amenidades para os funcionários, como salas de estar, de massagem e de descompressão. (Colling, 2023, p. 77)

Figura 09. Planta do conceito Living Office – integração de diferentes tipologias de espaços de trabalho.



Projeto: Herman Miller. Ano: 2010. A planta contempla espaços voltados à concentração individual (como estações abertas ou fechadas), áreas de socialização informal (salas de convivência e lounges), pontos de colaboração espontânea (ilhas e mesas redondas), além de espaços híbridos que promovem a mobilidade e autonomia. A proposta visa integrar bem-estar, criatividade e produtividade no cotidiano corporativo, respeitando o dinamismo contemporâneo do trabalho. Fonte: Herman Miller, 2022.

A transição para o século XXI no Brasil seguiu trajetória semelhante à de outros países, com a introdução de espaços de convivência, áreas voltadas ao trabalho colaborativo e ambientes flexíveis, que passaram a priorizar também o bem-estar dos funcionários (Colling, 2023, p. 73-78).

Esse novo cenário refletiu uma adaptação dos espaços corporativos aos ideais da sociedade pós-moderna, em que conceitos como flexibilidade, autonomia e diversificação ganharam centralidade, contribuindo para ambientes mais dinâmicos e multifuncionais. Tais soluções se mostraram efetivas ao promover eficiência e atender a diferentes formas de trabalho, mas sua plena realização depende de uma cultura organizacional consciente, capaz de valorizar a humanização e o bem-estar dos colaboradores, para além da lógica estritamente produtiva.

Essas mudanças refletem não apenas questões estéticas e funcionais, mas também as transformações sociais e econômicas que impactam o ambiente de trabalho. A partir disso, o próximo tópico explora a configuração atual dos espaços corporativos, contextualizando as influências recentes que continuam a moldar o design desses ambientes.

1.2.2 Novas tecnologias, novos materiais, novas apropriações

Os espaços corporativos contemporâneos passaram por transformações significativas nas últimas décadas, refletindo não apenas mudanças nas práticas de trabalho, mas também avanços tecnológicos, materiais e conceituais no campo da arquitetura. O movimento pós-moderno, ao questionar os rigores do modernismo, deixou um legado decisivo: a introdução de uma abordagem mais flexível, sensível às necessidades humanas e aberta à subjetividade. Esse pensamento foi aprofundado por estudos que incorporam princípios de biofilia, psicologia das cores e uma crescente valorização da saúde mental nos ambientes de trabalho.

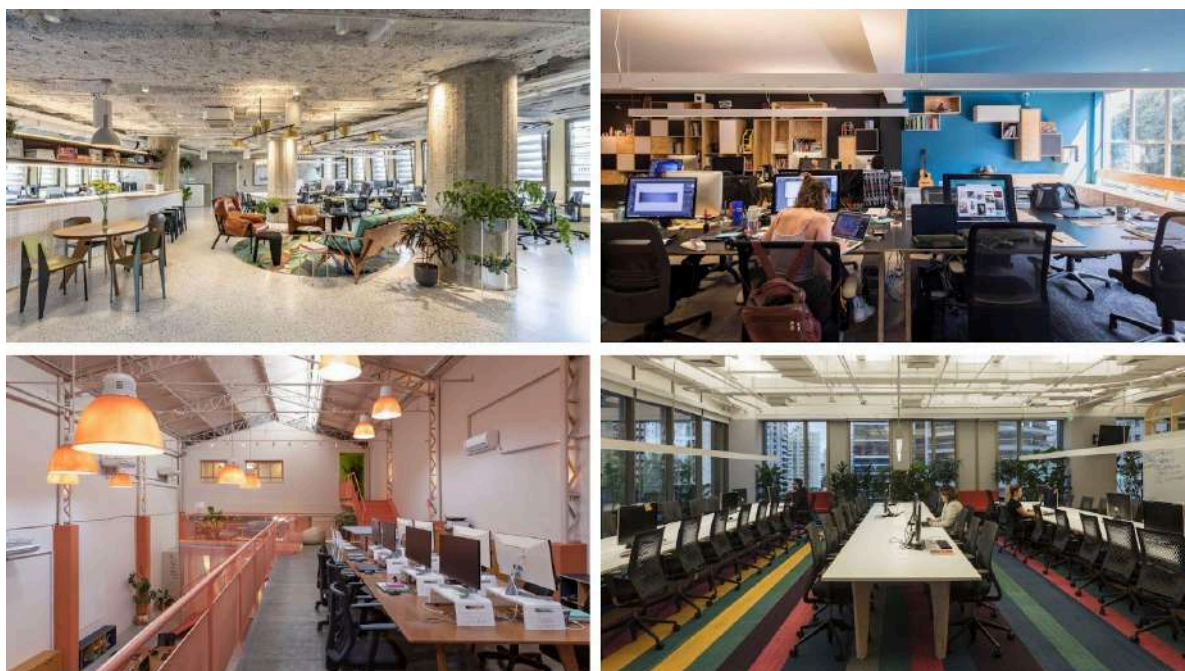
Atualmente, novas tecnologias e materiais têm papel central na concepção de espaços para além da eficiência funcional. Nesse sentido, a incorporação de elementos naturais, madeira, vegetação, iluminação natural, embora já utilizada desde meados do século XX, passa a ser reinterpretada pela ótica do design biofílico e da neuroarquitetura¹⁹, com base em evidências que demonstram sua contribuição para a redução do estresse, o aumento da concentração e a melhoria

¹⁹ A neuroarquitetura é um campo interdisciplinar que relaciona arquitetura e neurociência, estudando como o espaço físico influencia emoções, comportamentos e funções cognitivas. Por outro lado, o design biofílico parte da ideia de que o ser humano possui uma necessidade inata de contato com a natureza (Kellert, 2008). Essa abordagem arquitetônica integra elementos como luz natural, vegetação, água, texturas orgânicas e formas inspiradas no mundo natural, promovendo sensação de vitalidade, equilíbrio e conexão, além de benefícios comprovados à saúde e ao desempenho.

do bem-estar psicológico. O uso estratégico das cores também se insere nesse movimento, direcionado à indução de estados emocionais específicos, como tranquilidade ou estímulo à criatividade. Assim, a integração desses recursos deixa de ser apenas um adorno estético e se torna parte de uma estratégia projetual consciente, voltada à saúde mental e à qualidade de vida no ambiente corporativo.

A distribuição dos ambientes também reflete essa mudança. As zonas funcionais tradicionais (figura 10) — como recepção, banheiros e áreas de trabalho compartilhadas — permanecem essenciais, mas agora coexistem com zonas diversificadas (figura 11 e 12), espaços voltados para necessidades subjetivas dos trabalhadores, como descanso, socialização e estímulo à criatividade. Ambientes de desconpressão, salas de convivência, áreas verdes internas ou mesmo espaços para leitura e atividades lúdicas tornaram-se centrais na concepção arquitetônica contemporânea. Essas soluções buscam responder a demandas ligadas ao bem-estar psicológico, à redução do estresse e à criação de vínculos sociais no ambiente de trabalho, afastando-se das antigas premissas de produtividade mecânica e impessoalidade.

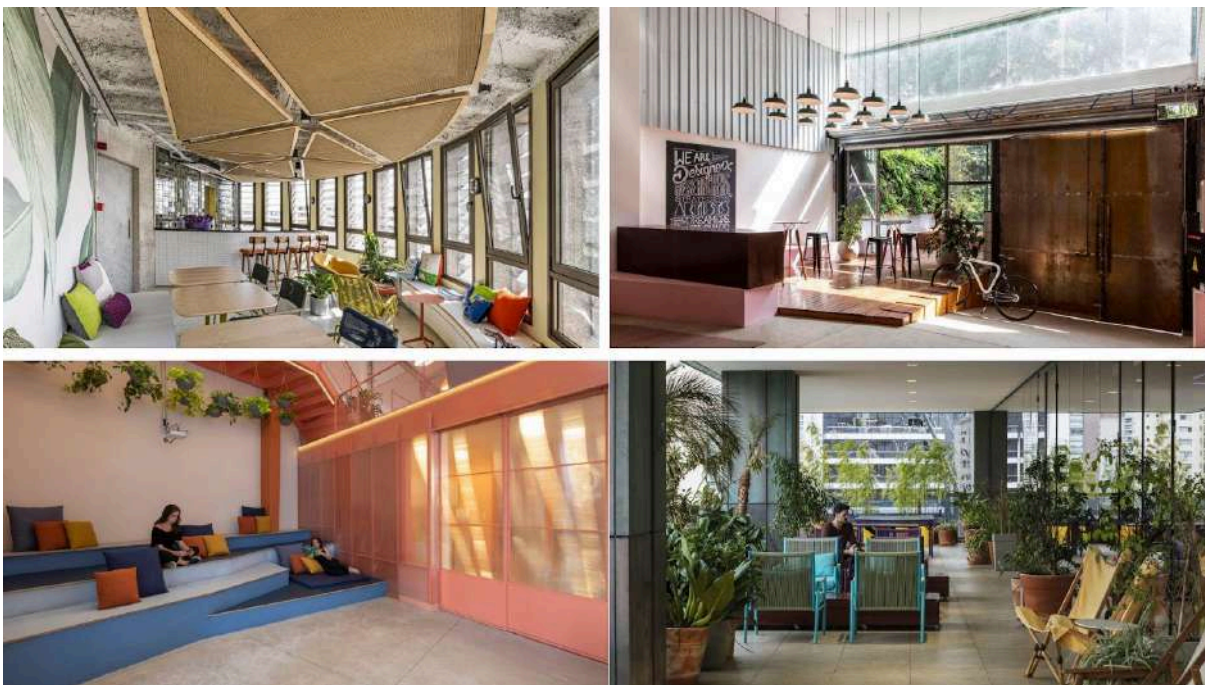
Figura 10- Zonas funcionais: Áreas de trabalho compartilhadas.



As imagens ilustram diferentes soluções espaciais para recepção e estações coletivas, variando em escala, mobiliário e identidade visual, refletindo culturas organizacionais distintas e estratégias de uso do espaço. As imagens representam as sedes das empresas, respectivamente (leitura por linhas, da

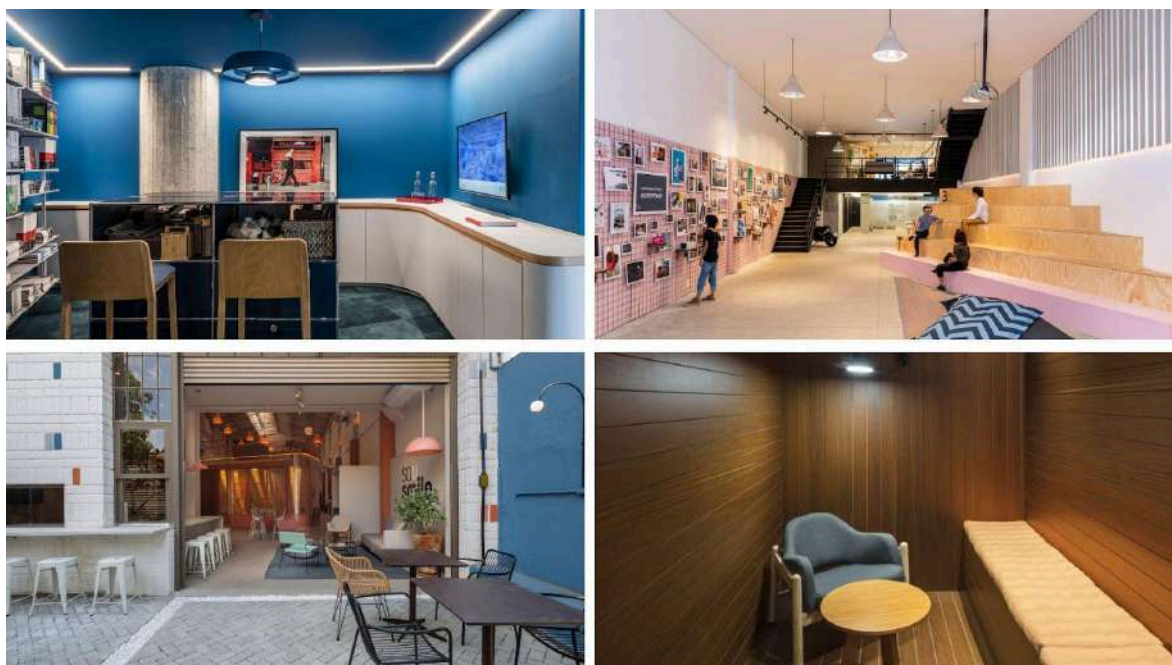
esquerda para a direita): Sede Pitá Arquitetura - Projeto: Pitá Arquitetura (2020, São Paulo), Sede Questto - Projeto: DLux (2018, São Paulo), Sousmile - Projeto Superlimão(2019, São Paulo) e Sede Youse - Projeto Guto Requena(2017, São Paulo). Fonte: Archdaily, 2024.

Figura 11- Ambientes de socialização, descanso e desconpressão.



As imagens evidenciam áreas projetadas para favorecer interações informais, pausas e momentos de relaxamento, incorporando elementos como mobiliário confortável, vegetação, aberturas amplas e materiais que estimulam a sensação de acolhimento e bem-estar no ambiente corporativo. As imagens representam as sedes das empresas, respectivamente (leitura por linhas, da esquerda para a direita): Sede Pitá Arquitetura - Projeto: Pitá Arquitetura (2020, São Paulo), Sede Questto - Projeto: DLux (2018, São Paulo), Sousmile - Projeto Superlimão(2019, São Paulo) e Sede Youse - Projeto Guto Requena(2017, São Paulo). Fonte: Archdaily, 2024

Figura 12- Ambientes de descanso e desconpressão



As imagens mostram espaços projetados para proporcionar pausas e momentos de alívio da rotina de trabalho, por meio de mobiliário confortável, iluminação acolhedora e layouts que incentivam o relaxamento e a informalidade nas interações. As imagens representam as sedes das empresas, respectivamente (leitura por linhas, da esquerda para a direita): Sede Pitá Arquitetura - Projeto: Pitá Arquitetura (2020, São Paulo), Sede Questto - Projeto: DLux (2018, São Paulo), SouSmile - Projeto Superlimão (2019, São Paulo) e Sede Youse - Projeto Guto Requena (2017, São Paulo). Fonte: Archdaily, 2024

Projetos de escritórios assinados por Guto Requena²⁰ (Figura 13), Pitá Arquitetura²¹ (Figura 14), Studio DLUX²² (Figura 15) e Superlimão²³ (Figura 16) exemplificam diferentes formas de incorporar diretrizes contemporâneas ao ambiente corporativo. No trabalho de Guto Requena, a tecnologia interativa e a experimentação material produzem espaços afetivos e conectados à memória coletiva. O Pitá Arquitetura atua em retrofits e projetos culturais que conciliam sustentabilidade, flexibilidade e identidade do usuário, refletindo uma abordagem sensível à experiência cotidiana. O Studio DLUX, com projetos como o hotel Ibis em Poços de Caldas e a Universidade Brasil, explora soluções que associam inovação tecnológica e desenho funcional para os ambientes. Já o Superlimão adota uma linguagem experimental e inventiva, como no escritório do Nubank, em que o uso lúdico de materiais e a adaptação espacial respondem às demandas corporativas sem abrir mão da experiência sensorial.

Para aprofundar a análise, foram selecionados quatro projetos que exemplificam diferentes estratégias adotadas por esses escritórios, sendo eles: a Sede Pitá Arquitetura (Pitá Arquitetura, 2020), a Sede Questto (Studio DLUX, 2018),

²⁰ O Estúdio Guto Requena, fundado por Guto Requena, arquiteto e mestre pela Universidade de São Paulo, atua tanto no Brasil quanto no exterior. Entre seus principais projetos destacam-se o interior da sede da Walmart SP e da Youse, além de instalações interativas como Meu coração bate como o seu e Pavilhão Dançante. Sua produção é caracterizada pela integração entre tecnologia, interatividade, memória afetiva e inovação, resultando em espaços que unem design contemporâneo e experimentação digital.

²¹ Pitá Arquitetura, é liderado por Antônio Mantovani Neto, formado em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-PR, com pós-graduação em Administração de Empresas pela FGV-SP. Entre seus principais projetos, destacam-se as sedes do LinkedIn Brasil, Google for Startups, Nubank e We Coffee. O escritório possui abrangência nacional e internacional, com atuação em 15 países, consolidando-se em projetos corporativos, retrofits, espaços culturais e de inovação. Sua prática se caracteriza pela filosofia human-centered e pela co-criação com o cliente.

²² O Studio dLux, sediado em São Paulo e fundado pelo arquiteto Denis Fuzii, formado pela Belas Artes de São Paulo, construiu uma trajetória marcada pela inovação e pelo uso de metodologias colaborativas de projeto. Entre seus principais trabalhos, destacam-se o Hotel Ibis Poços de Caldas e a Universidade Brasil, além de projetos comerciais e educacionais. Embora concentre grande parte de seus projetos no Brasil, o escritório também vem expandindo sua presença internacional. Seu trabalho se caracteriza pela valorização da experimentação formal e material, pelo uso de tecnologias de fabricação digital e pela integração entre arquitetura, design e educação.

²³ O Superlimão Studio foi fundado em 2002 e é dirigido por Thiago Rodrigues (arquiteto formado pela FAAP, São Paulo), Lula Gouveia (arquiteto formado pela FAU/Mackenzie, São Paulo) e Antonio Carlos Figueira de Mello (formado em Turismo pela Cásper Líbero e pós-graduado em Marketing), estruturando-se como escritório multidisciplinar desde o princípio. Seus principais projetos incluem o Google Campus São Paulo, o complexo urbano LAPI – Largo de Pinheiros, além de intervenções residenciais, comerciais e de uso misto. O escritório atua com abrangência principalmente brasileira, a partir de sua sede na Vila Madalena. O trabalho do escritório se caracteriza pela abordagem sinestésica e experimental, com uso de materiais inusitados, cores vibrantes, personalização de componentes e estratégias sensoriais.

a sede da SouSmile (Superlimão, 2019) e a Sede Youse (Guto Requena, 2017). Esses casos foram escolhidos por evidenciarem como a arquitetura corporativa articula zonas funcionais e diversificadas, materiais e soluções projetuais capazes de conciliar eficiência operacional, identidade organizacional e bem-estar dos usuários.

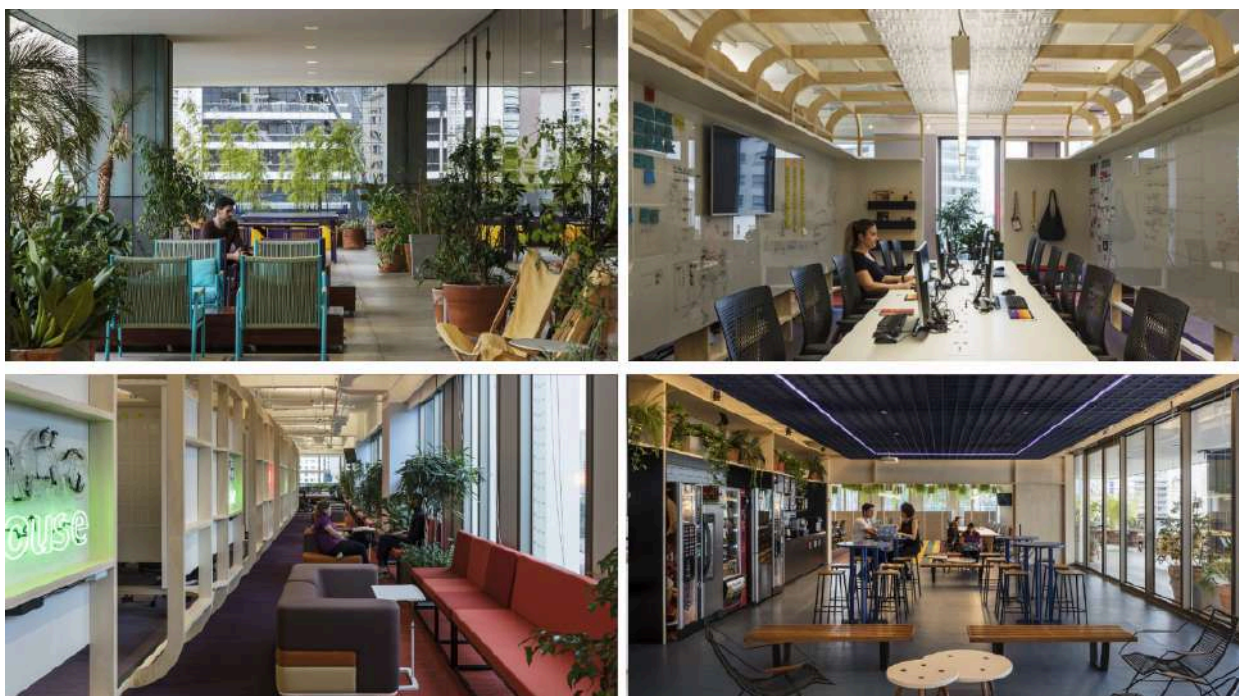
Com base na Figura 10, é possível observar as zonas funcionais — áreas de trabalho compartilhadas. No projeto do Pitá Arquitetura, a área de trabalho adota uma linguagem acolhedora, marcada pela iluminação quente, pelo uso de plantas e por mobiliário em tons terrosos e esverdeados. A permeabilidade visual e a entrada de luz natural criam uma atmosfera aberta e fluida, que integra o espaço de chegada às áreas operacionais. Já no escritório da Questto, predomina uma organização espacial densa, com estações justapostas e iluminação artificial intensa, enfatizando uma lógica funcional mais tradicional, ainda que integrada a uma estética jovem e colorida. O projeto da SouSmile aposta em um espaço de trabalho linear, com divisórias leves e pé-direito alto, aproveitando a iluminação natural e explorando cores claras para ampliar a sensação de amplitude e conforto. Por fim, a sede da Youse propõe uma leitura mais contemporânea da coletividade: o posicionamento do mobiliário sobre piso colorido cria um ambiente informal, reforçando a ideia de dinamismo e fluidez nas relações de trabalho. Em todos os casos, nota-se a busca por soluções que conciliam desempenho funcional com uma ambiência que favoreça o bem-estar e a colaboração entre os usuários.

A Figura 11 apresenta ambientes de socialização, descanso e desconpressão em diferentes escritórios, permitindo uma análise das estratégias projetuais adotadas. No espaço da Pitá Arquitetura, observa-se uma integração entre interior e exterior promovida por amplas aberturas envidraçadas, que potencializam a iluminação natural. A composição é marcada por uma paleta cromática predominantemente neutra, pontuada por elementos decorativos coloridos que conferem dinamismo e acolhimento ao ambiente. A sede da Questto, por sua vez, adota uma linguagem industrial combinada a elementos naturais, como a madeira e a vegetação, articulando diferentes níveis de assento e promovendo um uso mais informal do espaço. Já o projeto da SouSmile investe em soluções cromáticas marcantes e superfícies macias, como os estofados embutidos e os painéis

translúcidos, criando um ambiente lúdico e sensorial, que favorece a pausa e a criatividade. Por fim, o espaço da Youse explora a continuidade com a área externa, utilizando mobiliário leve, vegetação abundante e grandes aberturas, promovendo a sensação de alívio e frescor. Em todos os casos, observa-se uma articulação intencional entre materialidade, mobiliário e configuração espacial que busca suavizar a rigidez dos escritórios tradicionais e reforçar a importância da convivência e do conforto psicoafetivo no cotidiano corporativo.

A Figura 12 apresenta espaços humanizados que evidenciam abordagens projetuais distintas na arquitetura corporativa. O ambiente da Pitá Arquitetura explora a materialidade e a cor como ferramentas de identidade: o uso do azul intenso combinado à iluminação linear embutida cria um espaço introspectivo e imersivo, com linguagem visual contemporânea e atmosfera de foco. Na sede da Questto, o grande átrio central atua como eixo de circulação e espaço expositivo, articulando escada, arquibancada e painéis com imagens e objetos, o que favorece a informalidade e a valorização da memória coletiva. No projeto da SouSmile, a transição entre interior e exterior é suavizada por aberturas generosas e mobiliário solto, com uso de materiais naturais e iluminação pontual que reforçam a ambiência afetiva e comunitária do espaço. Já a sede da Youse propõe um ambiente de introspecção e concentração, com revestimento integral em madeira, mobiliário confortável e iluminação difusa, configurando um refúgio acústico e sensorial em meio ao ambiente corporativo. Em todos os casos, observa-se a valorização da diversidade espacial como estratégia para ampliar as possibilidades de apropriação e bem-estar dos usuários.

Figura 13- Espaços humanizados na Sede Youse, projeto de Guto Requena.



Projeto: Sede Youse – Guto Requena (São Paulo, 2017). Os ambientes evidenciam a integração entre áreas de trabalho, convivência e descanso, combinando vegetação abundante, mobiliário versátil e elementos de design que promovem conforto, bem-estar e senso de pertencimento. Fonte: Archdaily, 2024.

Os espaços humanizados da Youse (figura 13) se desdobram em ambientes ora introspectivos, ora voltados à interação coletiva, articulando vegetação abundante, mobiliário leve e soluções cromáticas que reforçam a identidade da marca. A cobertura curva em madeira natural que se repete nos espaços de trabalho confere aconchego e continuidade visual, enquanto os materiais translúcidos, o uso da luz natural e os grafismos aplicados às superfícies estimulam a criatividade e a expressão dos usuários. A presença de áreas de descanso, alimentação e colaboração descontraídas traduz a proposta de um ambiente corporativo mais afetivo.

Figura 14- Espaços humanizados no escritório da Pitá Arquitetura.



Projeto: Pitá Arquitetura (São Paulo, 2020). Os ambientes revelam a integração de áreas de convivência, reuniões e apoio, com uso de mobiliário diversificado, texturas, cores e elementos gráficos que estimulam a criatividade e a identidade visual do escritório. Fonte: Archdaily, 2024.

Já no escritório da Pitá Arquitetura (figura 14), os espaços humanizados se manifestam pela escolha de revestimentos texturizados, cores quentes, mobiliário com design atemporal e uma disposição que favorece encontros informais. A presença de objetos pessoais, desenhos técnicos expostos e armários coloridos indica um ambiente de pertencimento e identidade coletiva. A organização espacial promove o equilíbrio entre áreas de concentração e socialização, com soluções que aproximam o espaço de trabalho da escala doméstica, reduzindo a rigidez funcional e fortalecendo a conexão entre os colaboradores.

Figura 15- Espaços humanizados no projeto da sede da Questto



Projeto: Studio DLUX (São Paulo, 2018). Os ambientes exploram a integração entre áreas internas e externas, uso de mobiliário descontraído, cores e elementos gráficos que reforçam a identidade da marca. Fonte: Archdaily, 2024.

Na sede da Questto (figura 15), os espaços humanizados articulam memória, afetividade e fluidez. O projeto valoriza superfícies rústicas e acabamentos brutos, como o concreto aparente e os fechamentos metálicos, em contraste com mobiliários coloridos e uma curadoria de imagens, objetos e registros que resgatam a trajetória da empresa. A inserção de uma área de café integrado à área externa e uma cobertura com mobiliário urbano convidativo reforçam a relação entre o espaço corporativo e a cidade. Internamente, a cozinha e os ambientes de apoio trazem referências domésticas, enquanto a arquibancada e o painel expositivo funcionam como dispositivos de convivência e compartilhamento de experiências. A espacialidade construída equilibra racionalidade funcional e atmosfera emocional.

Figura 16 - Espaços humanizados no projeto da sede da SouSmile



Projeto: Superlimão (São Paulo, 2019). A sede da SouSmile combina áreas de convivência acolhedoras, espaços de trabalho colaborativos e zonas técnicas especializadas. A paleta suave e o mobiliário contemporâneo são integrados a elementos naturais e layouts flexíveis, incentivando interações informais e produtividade. Fonte: Archdaily, 2024.

A sede da SouSmile (figura 16) explora a ideia de humanização por meio da ludicidade e da clareza espacial. As cores suaves e os elementos metálicos pintados em tons pastel criam um vocabulário visual coerente com a identidade jovem da marca. A organização do espaço em patamares visuais, a integração entre áreas técnicas e sociais e a presença de mobiliário versátil favorecem a transparência das relações de trabalho e a aproximação entre os setores. A área externa funciona como extensão dos interiores, criando zonas de respiro e decompressão. O conjunto promove um cotidiano leve, criativo e colaborativo, onde o espaço não apenas serve à produtividade, mas também ao bem-estar dos usuários.

A arquitetura corporativa contemporânea está, portanto, fortemente enraizada nas lições pós-modernas, mas atualizada por tecnologias, novos materiais e um foco renovado em busca de abarcar as camadas mais subjetivas ligadas ao cotidiano e ao bem-estar do trabalhador. Como resultado tem-se ambientes mais humanos e emocionalmente significativos, espaços que conciliam eficiência e conforto, produtividade e identidade.

Contudo, esse movimento foi acelerado por um acontecimento de impacto global: a pandemia de 2020. O trabalho remoto, inicialmente uma imposição sanitária, provocou uma reconfiguração profunda na lógica espacial e temporal do trabalho. O escritório físico deixou de ser o núcleo exclusivo das atividades laborais e passou a assumir um novo papel, o de espaço para encontros, colaboração e trocas presenciais de valor simbólico (Ana Galante, Entrevista 01, Coordenadora Comercia, – Superlimão, 2022, ver Anexo E).

Após esse período, muitos modelos híbridos foram adotados, consolidando uma nova função para o escritório: um ponto de conexão interpessoal e estímulo criativo, enquanto tarefas operacionais passaram a ser realizadas no domicílio. Essa descentralização impulsionou a adaptação dos projetos arquitetônicos, com ênfase em ambientes coletivos mais atrativos e capazes de sustentar múltiplos modos de uso (Figuras 11 e 12).

Antes de 2020, a configuração predominante ainda refletia modelos tradicionais, com hierarquias espaciais bem definidas e pouca atenção ao bem-estar do usuário. Como um dos sócios do Superlimão, Lula Gouveia, relembra: “Muitos escritórios ainda seguiam modelos tradicionais, salas para diretores, baias para funcionários, e havia pouca preocupação com a qualidade do ambiente de trabalho.” (Entrevista 06, 2023 - ver Anexo E).

O isolamento social e a experiência generalizada do home office alteraram as expectativas sobre o papel do escritório. Essa mudança ampliou a valorização de áreas de socialização, espaços híbridos e elementos que remetem ao conforto doméstico, além da busca por soluções flexíveis e adaptáveis. Houve também uma revisão das prioridades projetuais. Lula Gouveia comenta que “o futuro dos escritórios está no modelo híbrido, mais focado na qualidade do ambiente e na interação” (Entrevista 06, 2023 - ver Anexo E).

A pandemia não apenas introduziu novas demandas, mas também acelerou tendências já em curso, como o abandono de estruturas rígidas e a dissolução de barreiras hierárquicas no layout. Marília, coordenadora de projetos do Superlimão, relembra: “Eliminamos mesas maiores para líderes, promovendo um ambiente mais colaborativo” (Entrevista 08, 2023 - ver Anexo E). Ao mesmo tempo, surgiram

desafios, como o equilíbrio entre trabalho remoto e presencial, a adequação acústica para videoconferências e a criação de ambientes que motivem o deslocamento físico até o escritório.

Essas mudanças apontam para um novo paradigma: o equilíbrio entre o individual e o coletivo, entre produtividade e subjetividade. A rigidez que marcava os espaços de trabalho do passado cede lugar à flexibilidade e à adaptabilidade, que se tornaram valores centrais da nova arquitetura corporativa. A tecnologia também desempenha um papel decisivo. Ferramentas digitais como videoconferência, softwares de gestão e plataformas colaborativas redefinem os vínculos interpessoais, remodelando o tempo e o espaço da interação no trabalho.

Em síntese, a inovação nos espaços corporativos não se limita à incorporação de novas tecnologias ou soluções formais. O diferencial dos projetos contemporâneos está em sua capacidade de integrar essas ferramentas a uma visão mais completa do que significa trabalhar. O espaço de trabalho deixa de ser apenas um local de produção e passa a ser uma experiência sensível e conectada com o mundo. Essa transformação amplia os horizontes da arquitetura corporativa, reforçando sua dimensão cultural e simbólica e moldando uma nova forma de organização no contexto pós-moderno.

1.2.3 Camadas invisíveis: uma estratégia analítica do espaço corporativo?

O conceito de *camadas invisíveis* que estrutura esta pesquisa busca expandir o olhar sobre o espaço corporativo, incorporando dimensões imateriais que influenciam de forma sutil, porém decisiva, a vivência dos usuários. Trata-se de investigar aquilo que, embora não se revele de imediato na materialidade arquitetônica, atravessa o cotidiano: as sensações, os gestos, os afetos e os modos de apropriação que tornam um espaço não apenas funcional, mas significativo. Essa abordagem parte do entendimento de que a arquitetura é também linguagem, e como tal, comunica, organiza e condiciona relações.

Ao considerar o ambiente construído como mais do que uma estrutura física para a produtividade, abre-se um campo de análise centrado na experiência

fenomenológica do habitar. Autores como Bachelard²⁴, em *A Poética do Espaço* e Pallasmaa, em *Os Olhos da Pele*, alertam para a necessidade de se perceber o espaço não como um dado neutro, mas como campo simbólico e sensorial, que participa do entendimento das camadas invisíveis ligadas à cultura organizacional e às relações sociais. Nesse sentido, investigar os escritórios contemporâneos requer uma atenção não apenas à forma, ao programa, à materialidade expressa nos espaços, mas às atmosferas, aos ritmos e aos modos de existência que esses espaços possibilitam ou restringem.

Esse deslocamento crítico implica também um tensionamento com a tradição funcionalista da arquitetura corporativa, historicamente ancorada em paradigmas de eficiência, controle e normatividade. Ao se voltar para as dimensões imateriais e simbólicas do espaço, aqui nomeadas como “camadas invisíveis”, este trabalho parte do pressuposto de que o espaço de trabalho não apenas reflete as lógicas sociais, culturais e econômicas vigentes, mas também produz modos de subjetivação, pertencimento e controle, afetando diretamente a maneira como os sujeitos percebem e ocupam seu cotidiano. A análise que se seguirá será orientada por esse princípio: compreender o espaço corporativo como um elemento estruturante da experiência cotidiana, que contribui para instituir formas de viver, trabalhar e se relacionar.

²⁴ “La poétique de l’espace” foi publicado em 1957. Considerada uma obra clássica, propõe uma leitura fenomenológica da experiência do habitar, explorando as imagens da casa, da intimidade e da memória como elementos constitutivos da experiência arquitetônica.

1.3 SUJEITO, CORPO E ESPAÇO: ORIGENS DE UMA NOVA ABORDAGEM DE PROJETO

A fenomenologia, enquanto abordagem metodológica, parte do pensamento filosófico e busca ir além da observação objetiva do mundo, propondo uma compreensão mais profunda da experiência vivida e da relação do sujeito com o ambiente que o cerca. Nesse contexto, a fenomenologia se conecta diretamente à noção de subjetividade, que se refere à maneira única de um indivíduo experienciar o mundo a partir de sua história, cultura e identidade, sendo assim considerada uma ‘filosofia da vivência’ (Aranha, 2003, p.150).

O conceito de subjetividade tem sido objeto de reflexão por diversos pensadores ao longo da história, destacando-se como uma dimensão essencial da experiência humana. Rousseau, por exemplo, valorizou a emoção e a sensibilidade como elementos fundantes da constituição do sujeito, propondo que o “eu” se constrói na relação íntima com o sentir e com a natureza. Kant, por sua vez, “reconheceu que o juízo estético tinha de ser elaborado independentemente da razão prática (juízo moral) e da compreensão (conhecimento científico)” (Harvey, 1992, p. 28), conferindo à experiência estética um estatuto autônomo e subjetivo, não condicionado por imperativos éticos ou cognitivos.

Essa valorização da dimensão sensível e da interpretação pessoal do mundo também encontra eco em definições contemporâneas, como a do Dicionário Michaelis (2024), que define subjetividade como “aquilo que se relaciona unicamente a um indivíduo, sendo inacessível a outrem”. Trata-se, portanto, de uma instância intrinsecamente ligada à interioridade, à memória e à vivência única de cada sujeito, aspectos que se tornam fundamentais na leitura dos espaços arquitetônicos quando buscamos compreendê-los a partir da experiência sensível e afetiva de seus usuários.

Ainda no campo da filosofia, a fenomenologia oferece importantes contribuições para a compreensão subjetiva do espaço e da experiência humana. Essa abordagem, introduzida por Edmund Husserl em *Logische Untersuchungen* (2012), propõe uma análise da experiência vivida a partir da consciência e da percepção individual. Seu sucessor, Martin Heidegger, amplia esse entendimento ao

desenvolver conceitos fundamentais como o "habitar" e o "estar-no-mundo", enfatizando a relação existencial do ser humano com o espaço.

No campo da arquitetura, a fenomenologia assume uma nova dimensão por meio do pensamento de Heidegger, que argumenta que o espaço não deve ser visto apenas como uma estrutura física, mas como um ambiente carregado de significados existenciais. Para ele, o ato de habitar transcende a funcionalidade da construção, tornando-se uma experiência através da subjetividade. Como observa Thibaud (2012, p. 3), trata-se de “transformar não apenas um mundo de objetos e formas construídas, mas igualmente um mundo de ar e de atmosferas sensíveis”, reforçando a ideia de que a experiência do espaço vai além do tangível, incorporando dimensões sensíveis que impactam profundamente a percepção e o bem-estar dos indivíduos.

A construção dessas premissas na filosofia e sociologia teve grande impacto nas teorias arquitetônicas de autores como Norberg-Schulz e Juhani Pallasmaa. Norberg-Schulz, por exemplo, discute profundamente o conceito de "lugar", explorando os sentidos e as qualidades que definem a experiência arquitetônica e a relação do indivíduo com o espaço construído. Por outro lado, Juhani Pallasmaa²⁵ foca na importância dos sentidos, percepção, pensamento, linguagem e memória na arquitetura, propondo que a experiência espacial vai além da simples visão, incorporando uma dimensão mais rica e sensorial.

A aplicação da fenomenologia na crítica arquitetônica, especialmente no contexto dos espaços corporativos, permite que possamos observar a arquitetura de maneira mais poética, reconhecendo a importância da relação do indivíduo com seu ambiente de trabalho. Essa abordagem se afasta da visão mecanicista de eficiência, tão prevalente nos estudos de arquitetura contemporânea, e passa a considerar o impacto psicológico e emocional do espaço. As soluções de design, como layouts abertos ou a criação de áreas mais reservadas, devem ser analisadas não apenas sob o prisma funcional, mas também pela forma como impactam o indivíduo, considerando o espaço através da lente das camadas invisíveis, que revelam sua

²⁵ “The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses”, traduzido para o português como “Os Olhos da Pele”, destaca a centralidade da experiência multis sensorial e atmosférica no ato de projetar.

apropriação do ambiente e a qualidade das interações estabelecidas. Portanto, leva a considerar que é uma experiência carregada de subjetividade. Segundo Dejours (2004, p. 29), “A subjetividade só se experimenta na singularidade irreduzível de uma encarnação, de um corpo particular e de uma corporeidade absolutamente única”.

Porém, é importante ressaltar que a fenomenologia não fornece um método definido, delimitado com precisão, de como desenvolver um espaço. Ao contrário, ela oferece uma lente poética e aberta para a interpretação do ambiente, uma possibilidade de olhar os espaços de uma maneira mais sensível e subjetiva. Na prática, isso significa que, ao analisar um espaço, a fenomenologia não se limita a avaliar seus aspectos técnicos ou funcionais. Ela convida o usuário a experienciar o ambiente de forma visceral, considerando como ele se alinha com suas necessidades emocionais e físicas.

Essa perspectiva é particularmente relevante nesta pesquisa, onde me coloco como usuária do espaço para sentir e experienciar a arquitetura. Ao visitar os espaços corporativos do Superlimão, busquei compreender como minhas necessidades subjetivas, intrínsecas à minha natureza e às minhas vivências se alinham com o que a arquitetura oferece. Por exemplo, a necessidade de socialização e de interações coletivas, que exigem espaços adequados para convivência. Da mesma forma, minhas necessidades básicas, como privacidade, que demanda a existência de áreas mais reservadas para momentos de concentração, são igualmente importantes.

A escolha por incluir minha própria experiência como usuária dos espaços não se dá de forma aleatória, mas como estratégia metodológica coerente com a abordagem fenomenológica adotada. A fenomenologia, ao valorizar a vivência subjetiva e a percepção individual, considera o corpo e a experiência sensível como instrumentos legítimos de análise. Nesse sentido, meu relato não busca impor uma perspectiva pessoal isolada, mas evidenciar como o espaço corporativo é capaz de afetar os indivíduos em suas dimensões emocionais, sociais e cognitivas. Essa opção metodológica se justifica, portanto, pela intenção de articular teoria e prática, aliando conceitos fenomenológicos à observação direta e vivida, reforçando a dimensão experiencial que constitui o cerne desta pesquisa.

A incorporação de uma visão fenomenológica no projeto arquitetônico não significa, contudo, uma renúncia à técnica e à racionalidade. Ao contrário, como proposto por Pallasmaa em *Os Olhos da Pele* (2013) e *Habitar* (2017), a arquitetura fenomenológica deve equilibrar a dimensão técnica com a capacidade de evocar experiências que toquem o ser humano de maneira profunda e significativa. Da mesma forma, “o espaço pode ser entendido como um conjunto de processos através dos quais as pessoas marcam e personalizam onde habitam”, conforme observa Sommer (1973 *apud* Queiroz, 2002). Portanto, ao buscar entender as camadas invisíveis do espaço, percebidas a partir da vivência do espaço, podemos explorar de forma mais eficaz o potencial da arquitetura para promover um ambiente de trabalho mais humano, onde as necessidades subjetivas e emocionais são respeitadas e integradas ao processo de design.

Nesse contexto, podemos observar que, para Hertzberger (1999), a flexibilidade e a interação são fundamentais para garantir que os espaços não sejam vistos como simples *containers* de funções, mas como lugares que possibilitam a apropriação subjetiva. Para ele, a arquitetura deve se ajustar às dinâmicas de quem a habita, proporcionando mobilidade e mudança constantes, assim estimulando uma vivência pessoal e particular, do que aqui denominamos de camadas invisíveis do ambiente. A abordagem de Hertzberger pode ser vista como uma extensão do pensamento fenomenológico, que, ao focar no ser humano e suas necessidades, exige que a arquitetura se torne dinâmica e adaptável.

De maneira semelhante, Pallasmaa (2013) complementa essa visão ao afirmar que a arquitetura deve envolver todos os sentidos, permitindo que o indivíduo experimente o espaço de maneira completa, não apenas visual, mas sensorial e emocional. Em seus escritos, ele argumenta que a experiência espacial vai além da visão, englobando o tato, o olfato e até mesmo o som. Em ambientes corporativos, isso se traduz na necessidade de criar espaços que toquem os sentidos de maneira profunda, oferecendo aos usuários um ambiente que favoreça não só a interação social, mas também a introspecção e o equilíbrio emocional.

Já Gaston Bachelard (2000) nos ajuda a entender como a arquitetura deve dialogar com os sistemas simbólicos que cada indivíduo carrega consigo. Pois para

ele, a arquitetura possui uma dimensão simbólica e poética que vai além de sua dimensão funcional. Os espaços não devem ser apenas espaços, mas lugares de significado, onde o indivíduo possa se reconstruir emocionalmente e simbolicamente. Bachelard oferece uma reflexão profunda sobre como a arquitetura deve ser pensada não só para atender às necessidades funcionais, mas também para criar significados afetivos e poéticos que toquem a alma do usuário, ao criar uma atmosfera significativa.

Ao longo dos próximos tópicos, esses últimos três autores serão discutidos em maior profundidade, destacando suas contribuições e como suas ideias podem ser aplicadas na análise crítica dos espaços corporativos. Além disso, suas convergências e divergências serão exploradas para evidenciar as distintas maneiras de compreender a abordagem fenomenológica na arquitetura, estabelecendo, assim, uma base conceitual sólida para as reflexões que seguem.

1.3.1 Gaston Bachelard: A Poética do Espaço (1958)

Para compreender o papel de Gaston Bachelard na teoria da arquitetura contemporânea, é necessário situá-lo no contexto mais amplo das reflexões fenomenológicas que marcaram a crítica arquitetônica a partir do século XX. Em *A Poética do Espaço* (1958), Bachelard desloca o foco da arquitetura como disciplina técnico-científica para uma abordagem sensível, que privilegia a experiência afetiva e simbólica do espaço. Essa perspectiva, antecedida por Heidegger em *Construir, Habitar, Pensar* (1951), influenciou diretamente autores como Norberg-Schulz (1976; 1983), Kenneth Frampton (1974) e Juhani Pallasmaa (1986), que consolidaram a fenomenologia como um dos marcos teóricos da crítica e do projeto arquitetônico contemporâneo. Nesse contexto, a casa aparece como ponto de partida da reflexão bachelardiana, expandindo-se para qualquer lugar habitado pelo imaginário, pelas memórias e pela intimidade. Segundo o autor, a casa é compreendida como um “canto do mundo”, um verdadeiro cosmos íntimo, onde até a mais modesta habitação, vista com afeto, revela beleza e potencial de sonho compartilhado (Bachelard, 2000, p. 200).

Bachelard propõe que o espaço habitado seja estruturado pelas imagens poéticas e simbólicas que emergem da relação entre corpo e ambiente, chamando de 'imagens da função de habitar'. Conceitos como "ninho", "canto", "cabana", "concha", entre outros, não são apenas imagens descritivas, mas categorias filosóficas que revelam a forma como o sujeito constrói, a partir do afeto, um espaço de pertencimento. Para o autor, o valor poético dessas imagens reside justamente na sua simplicidade, pois é no canto, na cabana, nos objetos desprezados pelo palácio que a vida interior se aloja e os sonhos ganham textura (Bachelard, 2000, p. 185; p. 216). Esses elementos, que parecem banais na arquitetura moderna voltada à funcionalidade e produtividade, são em Bachelard centrais para compreender a experiência existencial do habitar. Furtado (2019, p. 29), apresenta tais conceitos na figura abaixo.

Figura 17. Quadro sintético das imagens poéticas em Bachelard

Imagens	Características básicas
Cabana	<ul style="list-style-type: none"> • Primitividade humana; • Simplicidade; • Proteção; • Não é atravancada; • Despojada de luxo e adorno; • Memória infantil (aventura), casa do sonho da infância; • Longe das preocupações citadinas; • Raiz axial da função de habitar.
Ninho	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção, confiança e repouso; • Bem-estar; • Simplicidade; • Movimento e envolvimento; • Vivo; • Não é novo, intocado; • Espaço dos sonhos; • Agrega, não habita sozinho; • Casa real da infância.
Canto	<ul style="list-style-type: none"> • Imobilidade; • Segurança; • Recolhimento em si mesmo; • Espaço do ser; • Lugar das lembranças e devaneios; • Parecem não estar habitados; • Silêncio.
Concha	<ul style="list-style-type: none"> • Cartesiano; • Usuário como o centro; • Beleza; • Violência (agressividade); • Recolhimento e imersão para depois sair para o mundo; • Rudez; • Flexível e reversível; • Constante transformação; • Interior suave, tranquilo e belo; • Formas geométricas; • Quem é de fora 'tem medo'; • Vida se concentra e se transforma.

Síntese elaborada por Furtado (2019) a partir da obra de Gaston Bachelard, relacionando as imagens poéticas — cabana, ninho, canto e concha — às suas principais características simbólicas e sensoriais. O quadro destaca atributos como simplicidade, proteção, bem-estar, memória afetiva, recolhimento, flexibilidade e transformação, permitindo compreender como essas metáforas espaciais dialogam com a experiência de habitar. Fonte: Furtado, 2019, p. 29.

A cabana representa o abrigo essencial, primitivo e despido de adornos, remetendo à raiz do habitar como proteção existencial. O ninho evoca a intimidade viva e calorosa, símbolo do acolhimento afetivo e da construção da subjetividade a partir das primeiras experiências sensoriais. O canto é o espaço do recolhimento e da escuta interior, onde o sujeito se distancia do mundo exterior para mergulhar em si mesmo, em silêncio e introspecção. Já a concha expressa um abrigo paradoxal: simultaneamente duro e sensível, ela guarda, transforma e prepara o indivíduo para o mundo, funcionando como um limiar entre o dentro e o fora. Essas imagens não descrevem apenas espaços físicos, mas revelam formas de habitar que envolvem memória, desejo e identidade, sendo fundamentais para uma crítica sensível da arquitetura contemporânea.

Assim como mencionado anteriormente, a partir da segunda metade do século XX, a fenomenologia passou a ser mobilizada como uma alternativa às abordagens tecnicistas e desumanizadas. Nesse contexto, a obra de Gaston Bachelard foi uma das referências centrais, ao lado de autores como Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Christian Norberg-Schulz, que contribuíram para uma reorientação do debate arquitetônico em direção à subjetividade, à memória e à experiência sensível do espaço. Nesse cenário, a poética do habitar proposta por Bachelard oferece subsídios importantes para questionar a superficialidade de certas inovações espaciais e recolocar em pauta a necessidade de espaços mais humanos, íntimos e enraizados na vivência cotidiana.

Sua contribuição ressoa, por exemplo, nas obras de Peter Zumthor²⁶, Juhani Pallasmaa e Jean-Paul Thibaud, que, cada qual a seu modo, recuperam a dimensão tátil, sonora, olfativa e emocional da arquitetura. Em suma, a Poética do Espaço por

²⁶ “Atmospheres”, publicado em 2006, sintetiza a visão projetual de Zumthor, arquiteto suíço, sobre a criação de atmosferas sensíveis e memoráveis nos espaços construídos. A obra é considerada um dos textos mais relevantes para compreender a dimensão sensorial e afetiva da arquitetura contemporânea.

não se limitar ao domínio da casa, abre uma via crítica para pensar a arquitetura contemporânea para além do visual e do funcional.

A permanência do pensamento de Bachelard está, portanto, no reconhecimento de que projetar não se limita à disposição formal ou espacial dos elementos arquitetônicos, mas envolve sobretudo a composição de experiências. Seu legado está na convicção de que a arquitetura é um campo de tradução das memórias, dos afetos e dos desejos. A crítica à produção arquitetônica contemporânea, em especial àquela que ignora a dimensão sensível do habitar, ganha profundidade quando lida à luz da fenomenologia bachelardiana.

1.3.2 Herman Hertzberger: Lições de Arquitetura (1991)²⁷

Herman Hertzberger é reconhecido como um dos principais arquitetos e pensadores do estruturalismo²⁸ na arquitetura, ao propor que o projeto arquitetônico deve expressar e facilitar a participação do usuário. Sua teoria se ancora na ideia de que o edifício deve se constituir como um sistema de organização espacial que permite múltiplas interpretações, usos e apropriações ao longo do tempo. Para ele, o valor de um edifício está em sua capacidade de ser 'incompleto' - ou seja, em possibilitar a apropriação pelos usuários, que lhe atribuem significados e usos conforme seus próprios desejos (Hertzberger, 1999, p. 24). Hertzberger insiste que o verdadeiro valor da arquitetura está menos na sua forma final e mais naquilo que ela permite: encontros, trocas, personalizações e relações.

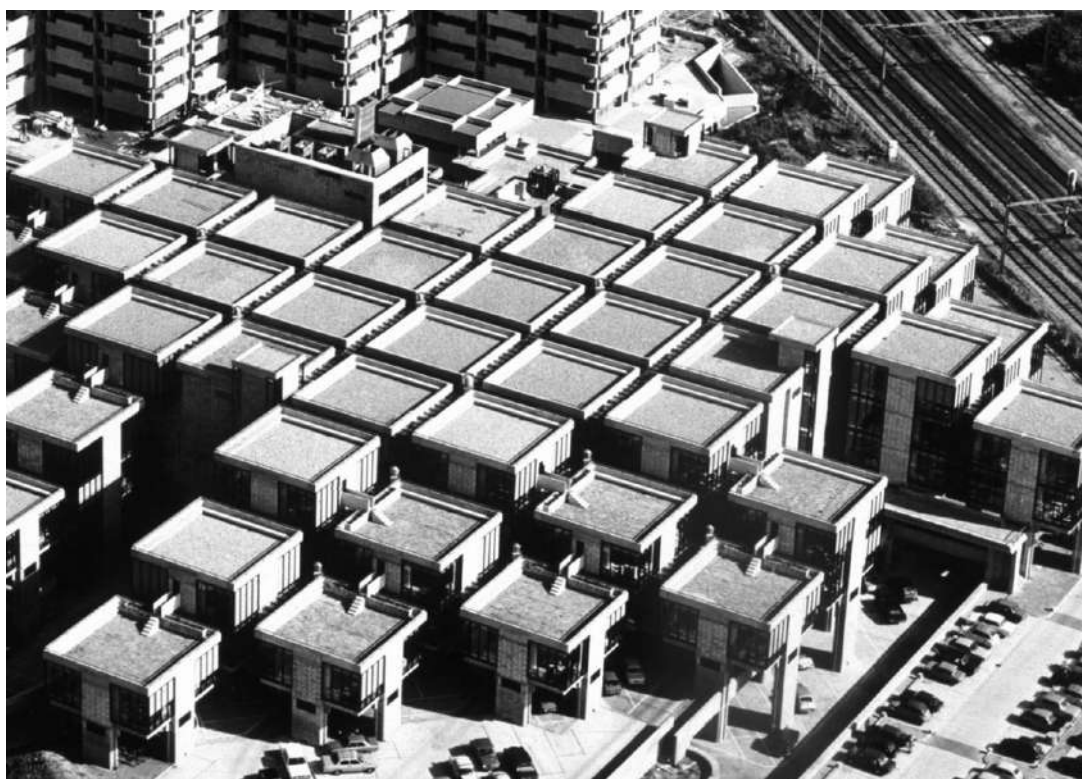
O Central Beheer (1972), um de seus projetos mais emblemáticos (figura 18, 19 e 20), sintetiza esse pensamento. O edifício é organizado como uma malha de módulos cúbicos interligados, que criam diferentes escalas de vizinhança e promovem a identificação do usuário com partes específicas do espaço. Essa estrutura não impõe um percurso ou um uso único; ao contrário, ela oferece uma

²⁷ Publicado originalmente em inglês, com o título *Lessons for Students in Architectur*, em 1991, o livro aborda o conteúdo das palestras do autor proferidas na Universidad Técnica de Delf a partir de 1973.

²⁸ O estruturalismo, segundo Nesbitt (2008) trata-se de uma metodologia de abordagem da arquitetura que tem sua origem na linguística e na antropologia, com foco nos códigos e no significado, "socialmente inteligível", presente nos espaços edificados.

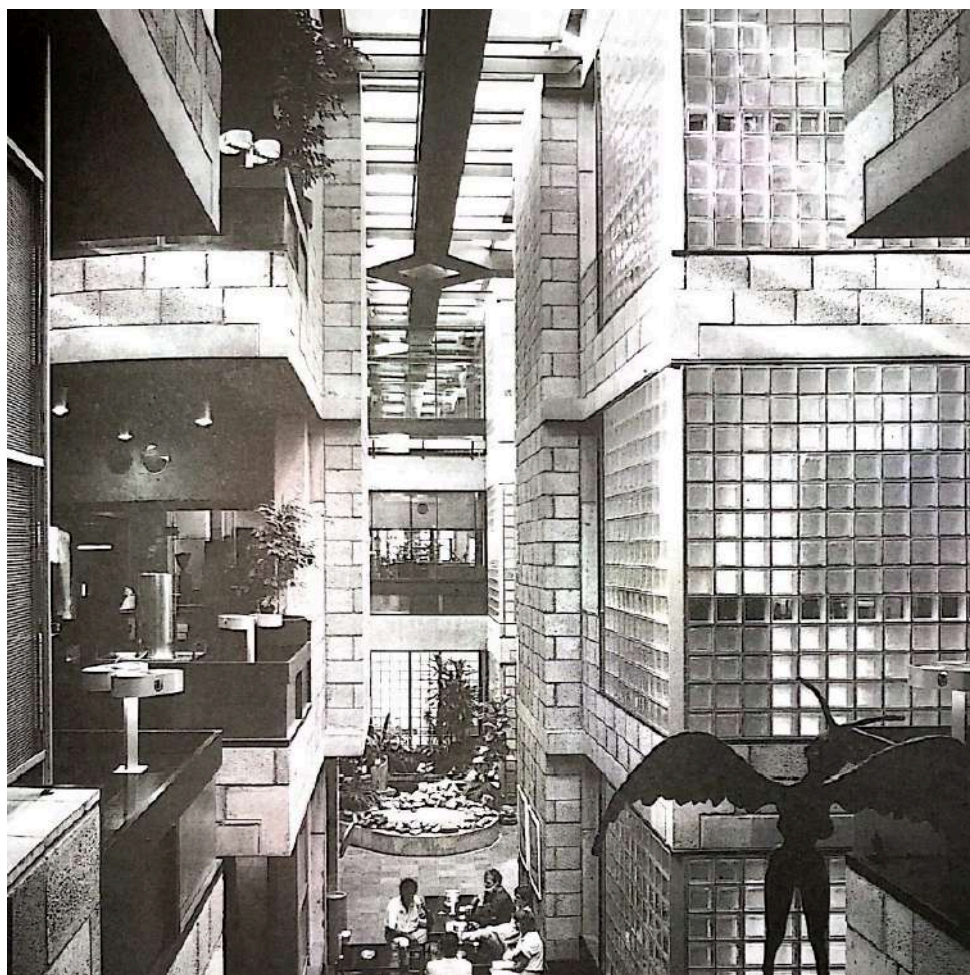
lógica de preenchimento que parte da vivência dos sujeitos e que valoriza a micropolítica do cotidiano. Essa visão faz com que seu trabalho reverbere fortemente na produção arquitetônica contemporânea, especialmente nos debates pós-anos 1990 sobre apropriação, flexibilidade e coautoria espacial.

Figura 18 Volumetria Central Beheer



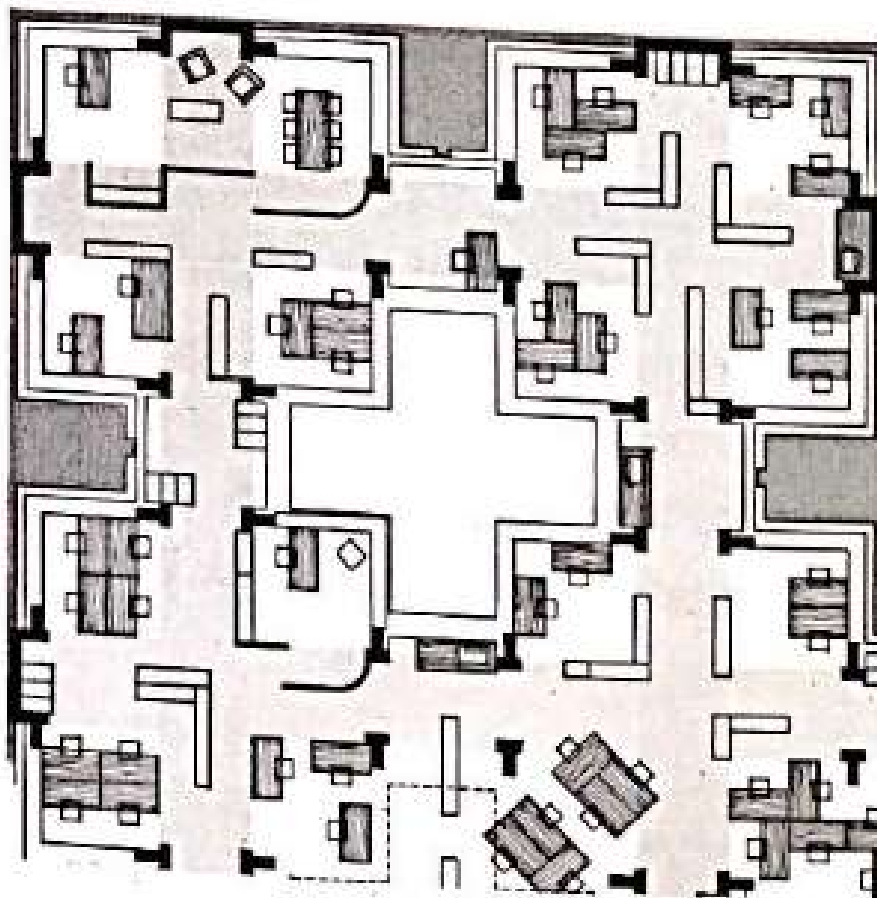
Vista aérea do conjunto arquitetônico projetado por Herman Hertzberger em Apeldoorn, Holanda (1972). A composição modular evidencia a repetição de volumes cúbicos interligados, criando uma malha tridimensional que favorece a flexibilidade e a expansão do edifício. Fonte: Hertzberger, 1999

Figura 19. Interior Central Beheer



Vista interna do edifício projetado por Herman Hertzberger em Apeldoorn, Holanda (1972). O espaço revela a organização modular e a integração visual entre diferentes pavimentos, com varandas internas, blocos de vidro translúcido e áreas abertas que favorecem a entrada de luz natural. Fonte: Hertzberger, 1999, p. 194.

Figura 20. Planta Central Beheer



Planta de um dos pavimentos da Central Beheer, projetada por Herman Hertzberger em Apeldoorn, Holanda (1972). O desenho evidencia a configuração modular do edifício, composta por unidades interligadas que formam um conjunto flexível e adaptável. O espaço central em forma de cruz atua como núcleo de circulação e convivência, distribuindo o acesso às diferentes áreas de trabalho, enquanto a fragmentação dos módulos cria escalas mais próximas ao uso humano. Fonte: Hertzberger, 1999, p.

194

A contribuição de Hertzberger também é notável ao sugerir uma arquitetura que estimula a dimensão coletiva da experiência. Sua abordagem não exclui a introspecção individual tratada por autores como Bachelard ou Pallasmaa, mas a ela se soma, enfatizando a sociabilidade, a convivência e o compartilhamento dos espaços como valores estruturantes do projeto. Hertzberger relembra a importância dos ‘Espaços Intermediários’, ou seja, áreas de transição entre o Público e Privado, que estimulam a convivência, a troca e a identificação coletiva (Hertzberger, 1999, p. 40). Nesse sentido, o autor amplia a discussão fenomenológica ao incorporar de

forma sistemática os modos como o espaço arquitetônico pode facilitar relações sociais espontâneas e vínculos de pertencimento.

É justamente essa ênfase nos “espaços intermediários” que permite a leitura de seus projetos como proposições críticas frente à produção contemporânea de ambientes genéricos e estéreis. Para o autor, a arquitetura não deve ‘servir’ a uma função, mas abrigar uma variedade de situações humanas - sejam elas planejadas ou improvisadas (Hertzberger, 1999). Essa posição o coloca como uma referência importante na crítica aos espaços corporativos que, mesmo após os anos 1990, muitas vezes ainda replicam modelos rígidos.

Sua obra, principalmente o livro *Lições de Arquitetura*²⁹, publicado originalmente em inglês em 1991, passou a ser amplamente mobilizada não apenas como referência projetual, mas também como instrumento de crítica à arquitetura contemporânea. Nesse contexto, as ideias de Hertzberger atuam como um contraponto teórico e ético, ao convocar arquitetos a compreenderem o espaço não como forma acabada, mas como sistema relacional, campo aberto de possibilidades e território vivo, continuamente ressignificado pelas práticas e experiências cotidianas.

Em suma, a contribuição de Herman Hertzberger para a arquitetura contemporânea está em reconfigurar a noção de forma, deslocando-a do objeto final para o processo contínuo de interação entre espaço e vida. Sua obra nos convida a pensar a arquitetura como um campo inacabado, onde o projeto não impõe, mas sugere; não define, mas acolhe; e onde o habitar é, acima de tudo, um exercício de liberdade compartilhada.

²⁹ Contém versões elaboradas das notas de palestras anteriormente publicadas como "Het openbare rijk", (Domínio Público), 1982, "Huilte maken, ruimte laten" (Criando espaço, deixando espaço), 1984, e "Uitnodigende vorm", 1988

1.3.3 Juhani Pallasmaa: “Os Olhos da Pele” (2011) e “A imagem corporificada” (2013)

A contribuição teórica de Juhani Pallasmaa para a crítica e renovação da arquitetura contemporânea se insere em um campo de reflexão fenomenológica, no qual a experiência sensorial e emocional do sujeito é reposicionada como eixo central do projeto arquitetônico. Uma de suas obras mais emblemáticas, *Os Olhos da Pele* (2011), torna-se uma referência no século XXI, sobretudo por propor um rompimento com o paradigma ocularcentrista, o qual reduz o sujeito a um espectador passivo e compromete a profundidade da experiência habitativa. Ele escreve: “A arte da visão, sem dúvida, tem nos oferecido edificações imponentes e instigantes, mas ela não tem promovido a conexão humana ao mundo” (Pallasmaa, 2011, p. 19).

A partir da primeira década do século XXI, os escritos de Pallasmaa contribuem para reforçar e renovar princípios sensoriais e subjetivos do habitar que já vinham sendo abordados por autores como Bachelard, Norberg-Schulz e Zumthor. Sua obra ajudou a trazer novamente à tona uma crítica à arquitetura centrada apenas na forma ou na função, estimulando uma reflexão mais profunda sobre a experiência sensível e emocional dos espaços. Em um contexto em que o bem-estar, o pertencimento e a subjetividade passaram a ganhar centralidade nos discursos arquitetônicos, suas ideias passaram a inspirar práticas projetuais mais conscientes. Essa influência pode ser percebida, por exemplo, na valorização crescente da luz natural, da materialidade artesanal e da escala humana como meios de reconexão sensível entre o corpo e o espaço.

A crítica de Pallasmaa não é apenas formal ou estilística, mas também de natureza ética e existencial. O autor identifica uma “alienação” nos espaços contemporâneos, resultado direto de ambientes projetados como imagens que negligenciam o tato, o cheiro, o som e o peso dos materiais. Ele destaca que o predomínio da visão empobrece a experiência sensível do mundo e dificulta a construção de vínculos significativos com o ambiente. Em contrapartida, o tato, por sua natureza de intimidade e proximidade, é capaz de restabelecer vínculos sensíveis com o mundo (Pallasmaa, 2011, p. 22). De onde se conclui que essa

carência sensorial e simbólica repercute na saúde mental, na produtividade e na capacidade de sentir-se acolhido no mundo.

Pallasmaa chama atenção para a presença de uma contradição nos espaços contemporâneos: embora muitas vezes concebidos com pretensões formais e funcionais, acabam transmitindo sensações de ansiedade, tristeza e desconexão (Pallasmaa, 2013, p. 71 – tradução nossa). Em *Os Olhos da Pele* (2011), o autor já havia problematizado o predomínio da visão na arquitetura, destacando como essa ênfase visual empobrece a experiência sensível do habitar. Posteriormente, em *A Imagem Corporificada* (2013), ele amplia essa reflexão ao identificar nesse fenômeno uma crise da arquitetura contemporânea, que, ao privilegiar a aparência e a lógica visual, acaba por negligenciar a dimensão sensível e existencial do habitar.

Para ele, a arquitetura deve ir além da lógica funcional e integrar uma sensibilidade que fomente a criatividade e o bem-estar, a fim de criar um espaço que ressoe na experiência subjetiva do indivíduo (Pallasmaa, 2013, p. 72). A conexão de suas ideias com as de Hertzberger e Bachelard não apenas enriquece a análise, mas também propõe uma visão integrada de como a arquitetura corporativa deve ser pensada, levando em consideração tanto as necessidades práticas quanto às necessidades sensoriais e emocionais dos indivíduos.

O pensamento de Pallasmaa também pode ser associado a um contexto mais amplo, especialmente nas mudanças que ocorreram nas empresas de tecnologia e startups desde o início do século XXI. Esses ambientes corporativos, antes rigidamente estruturados, passaram hoje a repensar seus espaços, incorporando uma abordagem mais humanizada. As mudanças no design – que agora buscam equilíbrio entre foco, socialização, colaboração, aprendizado e renovação – refletem uma compreensão mais ampla de como o ambiente de trabalho impacta na subjetividade dos indivíduos.

Assim, sua obra se firma como um marco no pensamento arquitetônico contemporâneo, não apenas por sua crítica contundente ao descompasso entre corpo e espaço, mas por propor caminhos de reencontro: uma arquitetura mais silenciosa, mais próxima, mais humana — uma arquitetura que escuta e responde, mais do que apenas se mostrar.

1.3.4 Christian Norberg-Schulz: Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture (1980)

A obra de Christian Norberg-Schulz ocupa um lugar central na tentativa de aproximar a arquitetura da fenomenologia, especialmente a partir da noção de *genius loci*, isto é, o “espírito do lugar”. Publicado em 1980, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture* busca compreender como os espaços construídos podem favorecer o enraizamento humano e a construção de sentido na relação entre indivíduo e ambiente. Para o autor, habitar não se limita a ocupar fisicamente um espaço, mas implica uma experiência existencial que articula identidade, pertencimento e orientação no mundo (Norberg-Schulz, 1980, p. 5).

Norberg-Schulz dialoga diretamente com Heidegger, sobretudo com a ideia de que “habitar é a maneira como os mortais estão sobre a terra” (Norberg-Schulz, 1980, p. 10 - tradução nossa). Nessa perspectiva, a arquitetura deve ser compreendida como uma prática que possibilita a concretização do habitar, oferecendo suporte à vida cotidiana não apenas em termos funcionais, mas também simbólicos e poéticos. O *genius loci* de cada lugar traduz-se, portanto, naquilo que confere singularidade a um ambiente — suas formas, materiais, atmosferas e paisagens — e cabe ao arquiteto interpretá-lo e torná-lo visível por meio do projeto.

A crítica do autor dirige-se às práticas arquitetônicas modernas que, ao priorizarem a padronização, a abstração formal e a lógica universalista, muitas vezes ignoraram as características específicas dos lugares, produzindo ambientes destituídos de identidade (Norberg-Schulz, 1980, p. 6). Em contraposição, Norberg-Schulz defende uma arquitetura capaz de revelar o caráter próprio de cada contexto, resgatando a relação simbólica entre ser humano e ambiente. Assim, o projeto arquitetônico assume a tarefa de interpretar e potencializar a essência do lugar, em vez de impor soluções desvinculadas de sua realidade cultural e geográfica.

Sua reflexão contribui de forma decisiva para reposicionar a dimensão existencial no centro do debate arquitetônico. Ao destacar que a experiência de habitar envolve orientação, identificação e pertencimento, Norberg-Schulz amplia o horizonte da arquitetura para além da função ou da estética, propondo-a como uma prática responsável pela mediação entre o ser humano e o mundo. Essa perspectiva

consolidou Genius Loci como uma obra de referência no pensamento arquitetônico contemporâneo, influenciando tanto a teoria quanto a prática de arquitetos comprometidos com a valorização da memória, da paisagem e da experiência vivida.

1.4 A FENOMENOLOGIA COMO BASE TEÓRICO-REFLEXIVA NA LEITURA DO ESPAÇO

A fenomenologia foi adotada nesta pesquisa como uma abordagem teórico-reflexiva que orienta o olhar sobre os espaços corporativos, privilegiando a experiência vivida e a percepção subjetiva dos usuários. Inspirada em autores como Gaston Bachelard (2000) e Juhani Pallasmaa (2013), a análise busca compreender os aspectos sensoriais, afetivos e simbólicos que emergem da relação entre corpo, espaço e memória. Bachelard, ao refletir sobre o universo doméstico, propõe uma leitura poética do espaço como lugar de proteção, imaginação e construção do ser. Já Pallasmaa destaca a centralidade dos sentidos na experiência arquitetônica, reforçando a importância de projetar para o corpo sensível e não apenas para a visão. Embora Herman Hertzberger (1999) esteja vinculado a uma abordagem mais estruturalista, seus escritos oferecem contribuições relevantes ao enfatizar a flexibilidade dos espaços e sua abertura à apropriação pelos usuários, pontos que dialogam com a ideia de uma arquitetura mais humanizada e responsiva à vivência cotidiana. Assim, este referencial embasa uma leitura atenta às camadas simbólicas e culturais que perpassam os espaços de trabalho, compreendendo a arquitetura não como mero contêiner funcional, mas como campo de sentido e expressão humana.

Nesse sentido, a fenomenologia opera como uma via de escuta do ambiente, onde o pesquisador se dispõe a perceber com profundidade a expressividade do espaço, a partir de uma postura atenta, imersiva e receptiva aos aspectos sensoriais, simbólicos e afetivos que emergem da experiência vivida.

O processo metodológico apoiou-se em três frentes: observação in loco dos projetos arquitetônicos, entrevistas com os arquitetos autores das obras e levantamento de materiais técnicos, fotográficos e gráficos. Durante as visitas presenciais, adotou-se a atitude fenomenológica da *epoché*, originalmente formulada por Edmund Husserl, entendida como a suspensão de julgamentos prévios e pressupostos sobre o mundo. Essa postura permitiu ao observador experienciar os fenômenos tal como se apresentam à consciência, em abertura à percepção

sensível. Tal atitude possibilitou vivenciar os espaços de forma imediata, privilegiando a percepção corporal e afetiva como chave interpretativa para acessar dimensões subjetivas e simbólicas da ambiência construída, sem a pretensão de alcançar verdades universais.

A relevância do corpo como mediador dessa experiência é reforçada por Merleau-Ponty³⁰ em *Fenomenologia da Percepção* (1945), ao afirmar que é o corpo que “sente o espaço” — não apenas com os olhos, mas também com o peso, o tato, o movimento e a memória (Merleau-Ponty, 1996, p. 279-280). Nesse sentido, o corpo do pesquisador não atua meramente como instrumento de coleta de dados, mas como agente ativo na construção de significado espacial. Tal concepção está alinhada à noção de ‘consciência encarnada’, expressão frequentemente associada a Merleau-Ponty. O termo se refere à ideia de que o conhecimento não se dá apenas por via racional ou mental, mas se constitui a partir da experiência vivida pelo corpo no mundo. Diversos autores, como Pallasmaa, retomam essa perspectiva ao enfatizar a centralidade da percepção corporal e sensível na experiência arquitetônica (Sharr, 2007).

Embora a ausência de entrevistas com os usuários finais represente uma limitação, a pesquisa recorreu à triangulação entre fontes técnicas, narrativas autorais e a própria experiência vivida pela pesquisadora como forma de acesso aos significados simbólicos do espaço. Essa multiplicidade de olhares, entre o projetado, o percebido e o documentado, sustenta a leitura fenomenológica, possibilitando uma análise qualitativa densa das formas de apropriação, conforto e pertencimento.

Para orientar a leitura crítica dos espaços nesta dissertação, foram definidos cinco atributos analíticos inspirados na metodologia que desenvolvi em coautoria com Rezende (2024), apresentada no Congresso Ambiências, promovido pela Universidade Federal de Goiás em parceria com a Universidade Lusófona de Lisboa, e publicada nos anais do evento. O estudo foi aplicado à sede da Rizzo Imobiliária, em Goiânia, e baseou-se em observação in loco, registro fotográfico e entrevista com um colaborador da empresa. A proposta metodológica buscou identificar

³⁰ “Phénoménologie de la Perception” (1945), traduzido como “Fenomenologia da Percepção”, é a principal obra do filósofo francês. Sua reflexão sobre corpo, percepção e intencionalidade fundamenta a fenomenologia aplicada à arquitetura, especialmente no entendimento do espaço vivido como experiência encarnada.

elementos espaciais que atuam na constituição simbólica da ambiência, considerando as condições de alteridade e pertencimento vividas pelos sujeitos. Para isso, foram definidos cinco atributos interpretativos: elementos decorativos, identidade visual, diversidade, convivialidade e participação.

Cada um deles traduz dimensões simbólicas e sensoriais do espaço: desde os códigos visuais que expressam valores organizacionais e dos colaboradores (*identidade visual*), até os sinais de apropriação e espontaneidade promovidos pelos usuários (*participação*). Ao considerar também a presença de texturas e objetos significativos (*elementos decorativos*), indícios de inclusão estética e cultural (*diversidade*) e espaços de encontro e troca (*convivialidade*), os atributos oferecem uma chave interpretativa para reconhecer como o ambiente pode favorecer (ou inibir) relações de pertencimento, reconhecimento e acolhimento no contexto de trabalho. Assim, sua aplicação neste estudo visa não apenas mapear aspectos visíveis da materialidade, mas revelar os sentidos que emergem da experiência situada e corporificada no espaço.

Esses atributos foram mapeados por meio de diagramas em planta e colagens conceituais. Os diagramas permitem visualizar a presença, localização e intensidade dos atributos fenomenológicos nos ambientes analisados. Já as colagens, elaboradas a partir de comportamentos e sensações observadas nos espaços, funcionam como construções críticas que condensam visualmente atmosferas como acolhimento, opressão, liberdade ou controle. Utilizadas aqui não como mera ilustração, mas como ferramenta interpretativa, essas colagens procuram traduzir, por meio de sobreposições, contrastes e manipulação de imagens, as camadas subjetivas e simbólicas percebidas na experiência dos usuários.

Para orientar a leitura inicial dessas imagens, adotou-se a interpretação composicional (tabela 02), uma das metodologias visuais propostas por Gillian Rose (2001). Essa abordagem propõe uma análise formal centrada na imagem em si, considerando cinco elementos principais: conteúdo, cor, organização do espaço, iluminação e conteúdo expressivo. Ainda que não contemple diretamente os contextos sociais de produção e recepção da imagem, Rose ressalta que essa

metodologia pode, e deve, ser combinada a outras abordagens para que a leitura visual se torne mais robusta e crítica (Rose, 2001, p. 53).

É nesse sentido que, nesta pesquisa, a interpretação composicional é empregada como etapa preliminar, articulada à identificação dos atributos fenomenológicos mapeados em planta e às colagens desenvolvidas ao longo da análise. Essa associação entre leitura formal, espacial e simbólica permite construir um arsenal interpretativo plural, que sustenta uma análise crítica das atmosferas e experiências espaciais observadas. A partir desse conjunto articulado de informações visuais e espaciais, a análise será conduzida pela autora de forma sensível, situada e alinhada à proposta fenomenológica do trabalho.

Tabela 02. Interpretação Composicional

Categoria	Descrição
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - O que é visível? - Elementos principais e secundários. - Contexto da cena (é claro ou ambíguo?). - Há símbolos visuais que remetem a tradições ou eventos específicos?
Cor	<ul style="list-style-type: none"> - Quais cores predominam? - Intensidade: cores vivas ou neutras? - Valor: claras ou escuras? - Harmonia ou contraste entre as cores. - Uso para guiar o olhar ou destacar elementos.

	<ul style="list-style-type: none"> - As cores aumentam a sensação de realismo? - Há uso de perspectiva atmosférica (cores mais azuladas ao fundo para indicar distância)?
Organização Espacial	<ul style="list-style-type: none"> - Como os volumes se relacionam (conectados ou isolados)? - Direção das linhas (curvas, retas, diagonais) e ritmo visual (estático ou dinâmico). - Perspectiva geométrica: ponto de fuga, nível do horizonte, profundidade. - Posição do espectador: mesmo nível, de cima, de baixo, frontal ou oblíquo. - Efeitos dessa posição (proximidade, distanciamento, poder, igualdade). - Relação dos olhares e pontos de vista internos à imagem com o espectador (<i>focalizers</i>).
Iluminação	<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de luz (natural, artificial, difusa, direta). - Fonte principal e direção. - Intensidade e distribuição. - Consistência entre luz e sombras. - Uso da luz para guiar o olhar ou criar clima.
Conteúdo expressivo	<ul style="list-style-type: none"> - Que sensações a imagem transmite (acolhimento, tensão, solenidade, leveza etc.)? - Que atmosfera geral é criada? - Como a forma visual e o conteúdo se combinam para gerar essa sensação?

	- Descrever com adjetivos que transmitam a experiência visual, sem perder a conexão com os elementos formais.
--	---

Fonte: Autora, 2025.

No entanto, é importante destacar que não foi possível obter acesso à planta arquitetônica original da sede do Superlimão, o que impossibilitou a utilização de um desenho técnico fornecido pelo escritório. Diante dessa limitação, a planta foi redesenhada a partir da percepção visual da pesquisadora enquanto visitante, por meio de observação direta e registro fotográfico, buscando representar a organização espacial, as proporções e as conexões entre os ambientes de forma aproximada. No caso da sede do Ampfy, por sua vez, o acesso se deu exclusivamente às plantas arquitetônicas.

Portanto, a fenomenologia como base teórico-reflexiva, nesta pesquisa, transcende o papel de ferramenta analítica para constituir uma postura de investigação: um olhar que escuta, uma escuta que percebe, e uma percepção que traduz em imagem, escrita e sensibilidade as experiências possíveis do espaço corporativo contemporâneo.

Ao aplicar uma lente fenomenológica à arquitetura corporativa, esta pesquisa também busca tensionar os limites do discurso dominante sobre produtividade e eficiência, a fim de revelar aspectos das camadas invisíveis da vida laboral. Em um contexto marcado pela sobreposição entre trabalho e subjetividade (Lazzarato, 2001; Han, 2015), a fenomenologia oferece ferramentas críticas para revalorizar o espaço como campo de afeto, resistência e construção identitária.

2 O ESCRITÓRIO SUPERLIMÃO: DOIS CASOS EM SÃO PAULO

O Superlimão, reconhecido pela Archello como um dos 25 melhores escritórios de arquitetura de São Paulo, foi fundado em 2002 pelos arquitetos Lula Gouveia, Thiago Rodrigues e o turismólogo Antonio Carlos Figueira. As trajetórias interdisciplinares desses profissionais, formados em instituições paulistas de renome, permitiram a criação de uma cultura de criação coletiva no escritório, fundamentada em uma visão humanizada dos espaços. Com um compromisso com a experiência humana nos ambientes, a equipe do Superlimão busca integrar corpo, mente e alma em seus projetos (Superlimão, 2025).

A trajetória dos sócios é marcada por diferentes vivências que convergem para a construção da identidade e da missão do escritório. Lula Gouveia (José Luiz Furtado Gouveia), o primeiro sócio, formou-se em engenharia civil em 2001 e, posteriormente, em arquitetura em 2007, ambas as graduações realizadas na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O mesmo campus que formou figuras de destaque, como Carlos Alberto Lemos, responsável pela execução do Edifício Copan, Paulo Mendes da Rocha, reconhecido internacionalmente por seus projetos, e teve como parte de seu corpo docente Adolf Franz Heep, idealizador do Edifício Itália. Após seis anos atuando na área de fundações e concluindo sua graduação em arquitetura, Gouveia integrou o escritório Rocco Vidal+PW e, em 2008, incorporou o quadro de sócios do Superlimão.

Thiago Rodrigues, por sua vez, formou-se pela Fundação Armando Alvares Penteado e, logo após, ingressou no escritório Rocco Vidal+PW, onde permaneceu por oito anos. Sua experiência na Gafisa³¹, no setor de desenvolvimento de produtos, também contribuiu para o aprendizado sobre empreendimentos residenciais em diversas regiões do Brasil, além de permitir o aprofundamento sobre projetos que consideram a diversidade climática e cultural de cada local. O escritório Rocco Vidal+PW, no qual Thiago Rodrigues teve formação prática, se destaca por sua visão multifacetada e inovadora no desenvolvimento de projetos arquitetônicos, abrangendo desde residenciais até edifícios comerciais e corporativos. Sua busca pela união entre criatividade e inovação permitiu que Thiago adquirisse uma valiosa

³¹ Uma das maiores empresas de incorporação e construção do Brasil.

experiência na prática profissional. Em 2009, ele incorporou-se ao quadro de sócios do Superlimão, onde coordenou e desenvolveu projetos arquitetônicos, contribuindo para o fortalecimento da identidade do escritório.

O terceiro sócio, Antonio Carlos Figueira, turismólogo pela Faculdade Cásper Líbero e pós-graduado em Marketing (mesma universidade), atuou na UNESCO-MAB, especialmente no setor de desenvolvimento de negócios voltados para pessoas em situação de risco na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Sua expertise em comunicação somou-se à visão arquitetônica dos demais sócios, contribuindo com olhares estratégicos, compreensão das necessidades dos clientes e uma perspectiva integrada de gestão e marketing. Em 2007, Antonio se uniu à equipe do Superlimão, sendo responsável pela coordenação geral do escritório. As trajetórias interdisciplinares dos sócios possibilitaram que o escritório Superlimão reunisse cada característica profissional e construísse sua missão alinhada aos valores de cada sócio.

Além da arquitetura, o escopo de serviços do escritório contemplava, em seus primeiros anos, o Design de Mobiliários e o Gráfico. Essa abordagem integradora reflete a crença dos sócios de que o projeto deveria ser realizado de forma global, abrangendo não apenas o espaço construído, mas também os elementos que o compõem. Tal pensamento se alinha à proposta dos arquitetos modernistas, como Paulo Mendes da Rocha e Oscar Niemeyer, que, além de projetarem os espaços, também eram responsáveis pelo design do mobiliário.

No Superlimão, esse pensamento ganha corpo com a existência de uma oficina própria, instalada dentro do próprio escritório, voltada à experimentação material e ao desenvolvimento de protótipos. Nela, os profissionais constroem, desmontam e refazem elementos, especialmente voltados ao mobiliário, mas também testam soluções espaciais e materiais de forma prática e empírica. Como destaca um dos entrevistados: “ (...) ela é um dos corações do escritório. Fica no fundo, com marcenaria, serralheria e impressoras 3D. É fundamental para experimentação e produção de protótipos.” (Antonio Carlos, Entrevista 12, 2025 - Ver Anexo E).

Mais do que uma etapa produtiva, essa prática evidencia uma dimensão tátil e sensível do processo projetual, aproximando os arquitetos do fazer manual e da

materialidade dos objetos e superfícies. A oficina torna-se, assim, uma extensão do pensamento criativo do escritório, permitindo que a concepção de espaço aconteça de forma mais imersiva, experimental e corporal.

Outra característica projetual do escritório é o intenso uso do material em sua forma natural, aproveitando as propriedades térmicas, acústicas e sensoriais de cada um (Galeria da Arquitetura, 2018). Essa exploração de soluções projetuais deve-se à premissa da equipe em equiparar-se a um centro de experimentações, optando por testar materiais na prática, como através da criação de protótipos. Tais testes são desenvolvidos em parceria com um laboratório, o qual avalia as propriedades e a viabilidade dos resultados. Além disso, o escritório utiliza softwares de parametrização e Design Generativo, como o Rhinoceros, permitindo que as experimentações sejam visualizadas na prática. Essa coerência de visão e a busca por soluções práticas também aparecem no discurso institucional do escritório, que reforça sua abordagem colaborativa e investigativa:

Planejamos e analisamos o entorno. Nosso olhar é macro, micro e multidisciplinar. Temos pontos de vista diferentes, processos coletivos. Trabalhamos em rede com diversos especialistas. Temos uma visão coerente entre os negócios e valores. Vamos atrás de como as coisas são feitas e funcionam. (Superlimão, 2025)

Os projetos do Superlimão são amplamente reconhecidos tanto no Brasil quanto no exterior, incluindo algumas obras emblemáticas, como os espaços do Google (figura 21), onde cada área foi cuidadosamente projetada para promover o bem-estar e intensificar as dimensões subjetivas e simbólicas que se revelam no uso cotidiano, como conforto, pertencimento ou liberdade. O projeto abrange ambientes sociais, de silêncio, lazer, alimentação e descanso, com ênfase no contato com a natureza. Outro exemplo significativo é a recepção do escritório Nubank, projetada para fomentar a interação entre os funcionários, levando em consideração tanto o ambiente interno quanto o externo do edifício (Pereira, 2020). Além das obras citadas, o escritório também assinou projetos corporativos para grandes empresas, como Microsoft Brasil, Ampfy, IdeaZarvos, Social Tailors, Canary, Populos e Ambev on Poli, entre outras. Seus autores falam do papel que assume a escuta no processo de concepção de cada projeto, segundo um dos sócios:

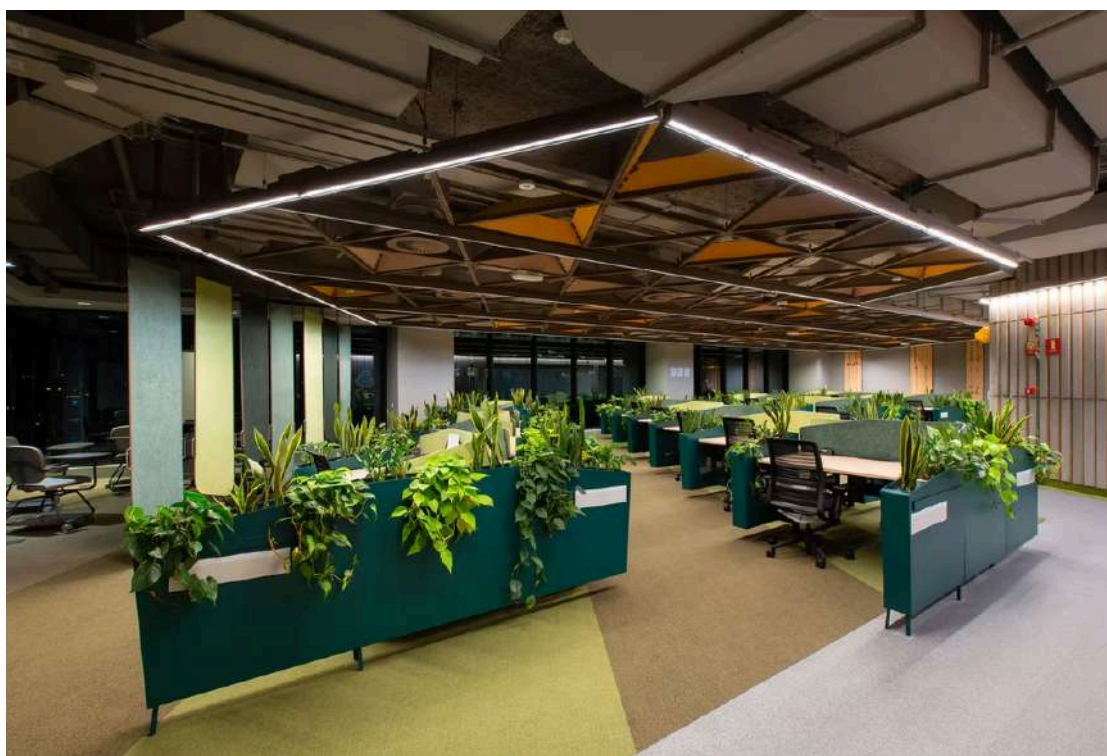
Entrevistadora: Como você descreveria o processo criativo no Superlimão?

Entrevistado: Ele começa captando informações de diferentes pontos de vista. Os membros mais novos trazem perspectivas diferentes, e isso enriquece muito o trabalho.

Entrevistadora: E como a ética entra nesse processo?

Entrevistado: É essencial equilibrar a técnica com o bem-estar dos usuários e com as necessidades práticas do projeto. Buscamos criar espaços flexíveis, que atendam a diversos grupos — desde áreas colaborativas até ambientes mais privados. A personalização também é fundamental para gerar pertencimento. (Thiago Rodrigues, Entrevista 10, 2023 - Ver Anexo E)

Figura 21. Salão de trabalho com layout aberto e vegetação integrada. Sede da Google em São Paulo.



Projeto: Superlimão, 2023. Localização: São Paulo, Brasil. O espaço apresenta estações de trabalho organizadas em blocos baixos para favorecer a interação entre usuários, com forte presença de vegetação natural integrada ao mobiliário, iluminação linear suspensa e elementos geométricos no teto que reforçam a estética contemporânea. Fonte: Superlimão, 2025

As escolhas do escritório são orientadas, segundo seus próprios relatos, pela disponibilidade de mão de obra e materiais locais, bem como pelos desejos da

comunidade e pelos condicionantes naturais de cada projeto. Conforme destacado pelos próprios arquitetos, há também a intenção de conceber espaços que incorporem dimensões subjetivas e emocionais. Além disso, o Superlimão não apenas concebe projetos, mas também se preocupa com a apropriação do espaço pelos usuários, garantindo que o ambiente seja utilizado da melhor forma possível (Casa e Jardim, 2020). No entanto, cabe ressaltar que esta afirmação, por ora, está ancorada no discurso dos profissionais, e sua efetivação será examinada ao longo da análise dos estudos de caso.

Outro ponto importante para o Superlimão é a relação do projeto com o entorno urbano. Para o escritório, a arquitetura não deve ser isolada, mas deve se abrir para a rua e integrar-se à cidade, criando uma conexão com o espaço público e privado (Life by lufe, 2019). O escritório reivindica que a cidade seja edificada através da escala do pedestre, promovendo uma mistura entre o espaço interno e externo (Insight, 2024). Exemplos de projetos que exemplificam essa visão são o espaço multicultural Lote, localizado na Vila Madalena, que se abre para a rua e convida os pedestres a entrarem, e o Lapi, que reestrutura as quadras ao redor do Largo da Batata para uma melhor utilização pela população local (Insight, 2024).

Os projetos também são marcados pela sensibilidade nas escolhas projetuais, que buscam “brincar” com as sensações e percepções dos usuários. Essa característica é uma reflexão direta na criação do nome do escritório, que remete a uma bala japonesa chamada Superlemon, que possui a particularidade de ter um sabor inicialmente azedo, mas que se torna doce ao final. Os fundadores relacionam essa experiência com as primeiras impressões que as propostas do escritório geram, que podem parecer estranhas inicialmente, mas que, com o tempo e a confiança nos profissionais, permitem uma compreensão mais profunda e enriquecedora (Tô em Casa, 2022).

Essa abordagem única e inovadora do Superlimão resultou em uma grande repercussão nos meios de comunicação, com o escritório conquistando 21 prêmios, incluindo nacionais e internacionais, e sendo reconhecido por suas publicações científicas. Atualmente, o escritório conta com uma equipe de 48 arquitetos, que auxiliam na concepção e execução de mais de 70 projetos nas áreas comercial,

corporativa, residencial e institucional. No campo corporativo, o Superlimão desenvolve projetos com foco na adaptação de edificações e lajes corporativas, sempre visando tornar os espaços mais convidativos e acolhedores, com o objetivo de "esquentar" os ambientes e torná-los mais acolhedores para seus usuários (Insight, 2024).

Para a análise arquitetônica deste estudo, foram selecionados dois projetos corporativos projetados pelo escritório Superlimão, todos localizados em edificações de até quatro pavimentos. Essa escolha foi feita pela maior proximidade entre a rua e o usuário, além de permitir uma análise mais aprofundada de elementos arquitetônicos em comparação com lajes corporativas. São eles: 1. Ampfy (2016), 2. Escritório do Superlimão. É importante ressaltar que, no recorte deste estudo, os espaços corporativos selecionados têm no mínimo 30 funcionários, visando obter uma análise a partir de um objeto maior.

A análise dos projetos será realizada com base na metodologia estabelecida, levando em consideração os conceitos de urbanidade, forma, bem-estar e apropriação dos espaços. Cada projeto será investigado a partir de uma abordagem crítica, analisando como os elementos arquitetônicos e as escolhas materiais refletem e atendem às necessidades dos usuários, bem como essas soluções se conectam com as premissas teóricas e metodológicas do estudo. Nos próximos tópicos, será feita uma análise aprofundada de cada um desses projetos, evidenciando suas particularidades e como se alinham às tendências e práticas da arquitetura corporativa no contexto atual.

Abaixo mostramos um breve panorama das obras mais importantes do Superlimão até o ano de 2025.

Figura 22. Vista externa com cobertura de madeira e integração à paisagem natural. Projeto YPY.



Projeto: Superlimão, 2008. Localização: São Paulo, Brasil. O edifício buscou minimizar impactos ambientais por meio de soluções passivas e aproveitamento de recursos naturais, tornando a área mais autossuficiente. Estrutura em madeira com cobertura inclinada se integra à vegetação existente, reforçando o conceito de arquitetura sustentável. Fotografia: Maíra Acayaba. Fonte: Archdaily, 2025.

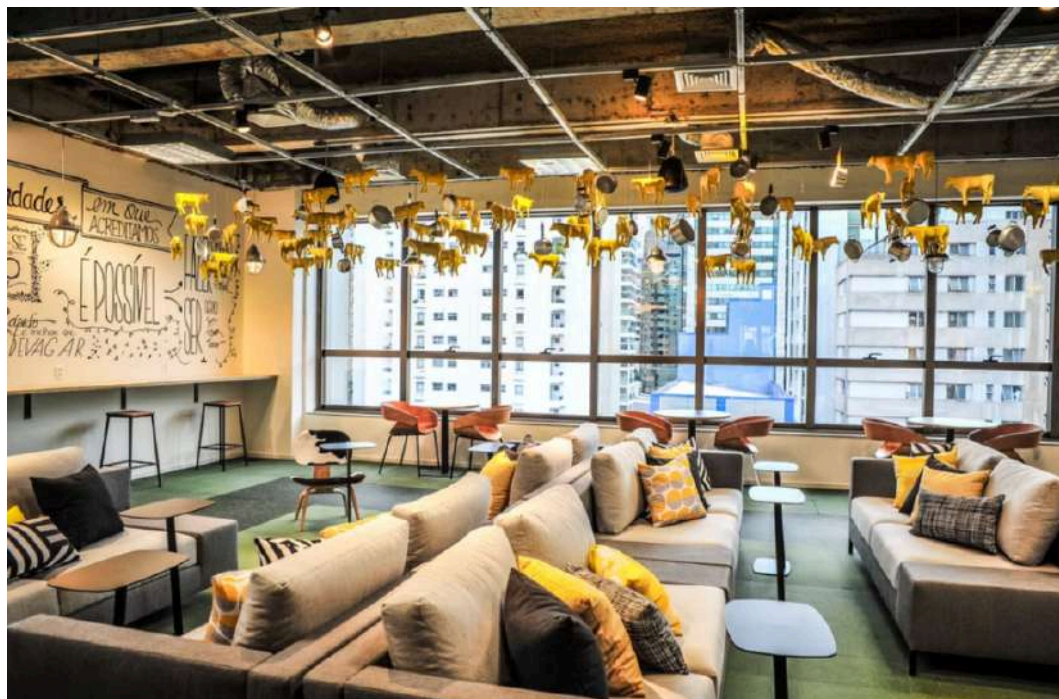
Disponível em: <https://www.archdaily.com/513396/ypy-super-limao>. Acesso em: 07 de agosto de 2025. Fonte: Archdaily. Fotografia: Maíra Acayaba. Disponível em: <https://www.archdaily.com/513396/ypy-super-limao>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 23. Fachada principal preservando características originais e integrando nova cobertura metálica. Projeto Marília.



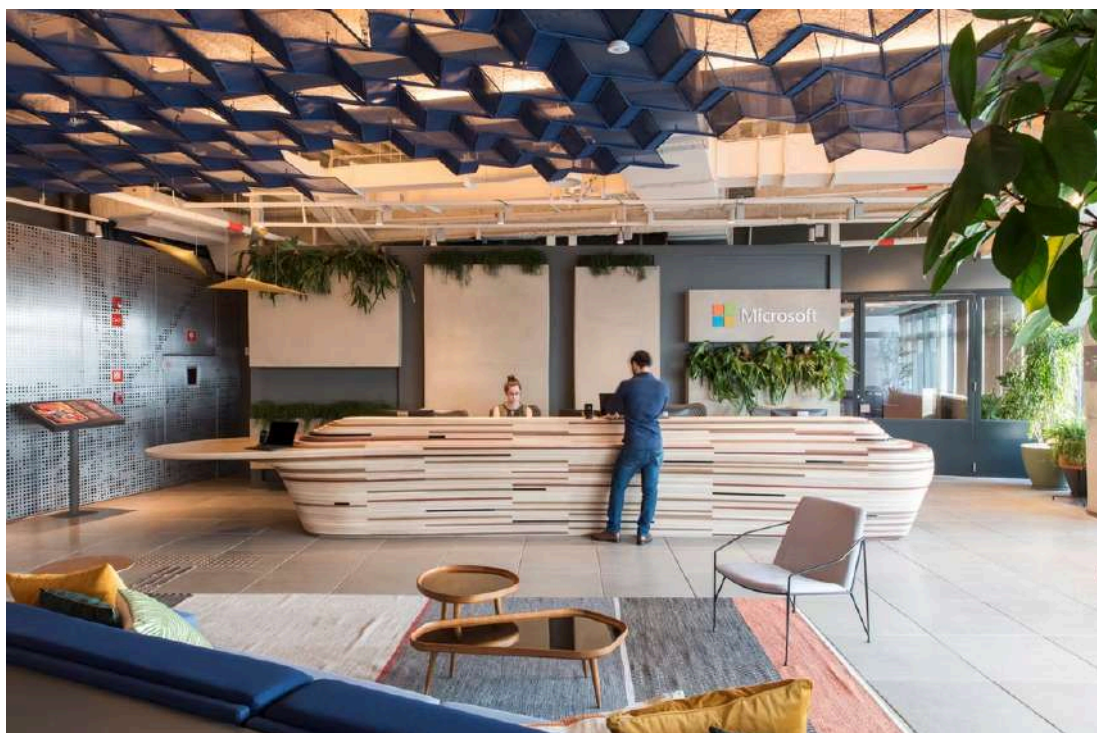
Projeto: Superlimão, 2014. Localização: São Paulo, Brasil. A intervenção manteve elementos originais da construção, unificou ambientes internos e reaproveitou materiais existentes, inserindo novas estruturas metálicas que ampliam a edificação e valorizam a transparência. Fonte: Site Superlimão, 2025. Disponível em: <https://www.superlimao.com.br/projetos/marilia>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 24. Lounge principal com mobiliário regional e elementos reciclados. Google Campus, São Paulo.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. O espaço integra sofás modulares, mesas de apoio e iluminação cenográfica, destacando-se pelo uso de materiais e móveis regionais, conteúdo reciclado e reciclável, além de atender aos critérios da certificação LEED. Grandes janelas garantem iluminação natural e conexão visual com a cidade, reforçando a proposta de construção verde. Fonte: Site Superlimão. Disponível em: <https://www.superlimao.com.br/projetos/google-campus>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 25. Recepção com design orgânico e elementos naturais. Sede da Microsoft, São Paulo.

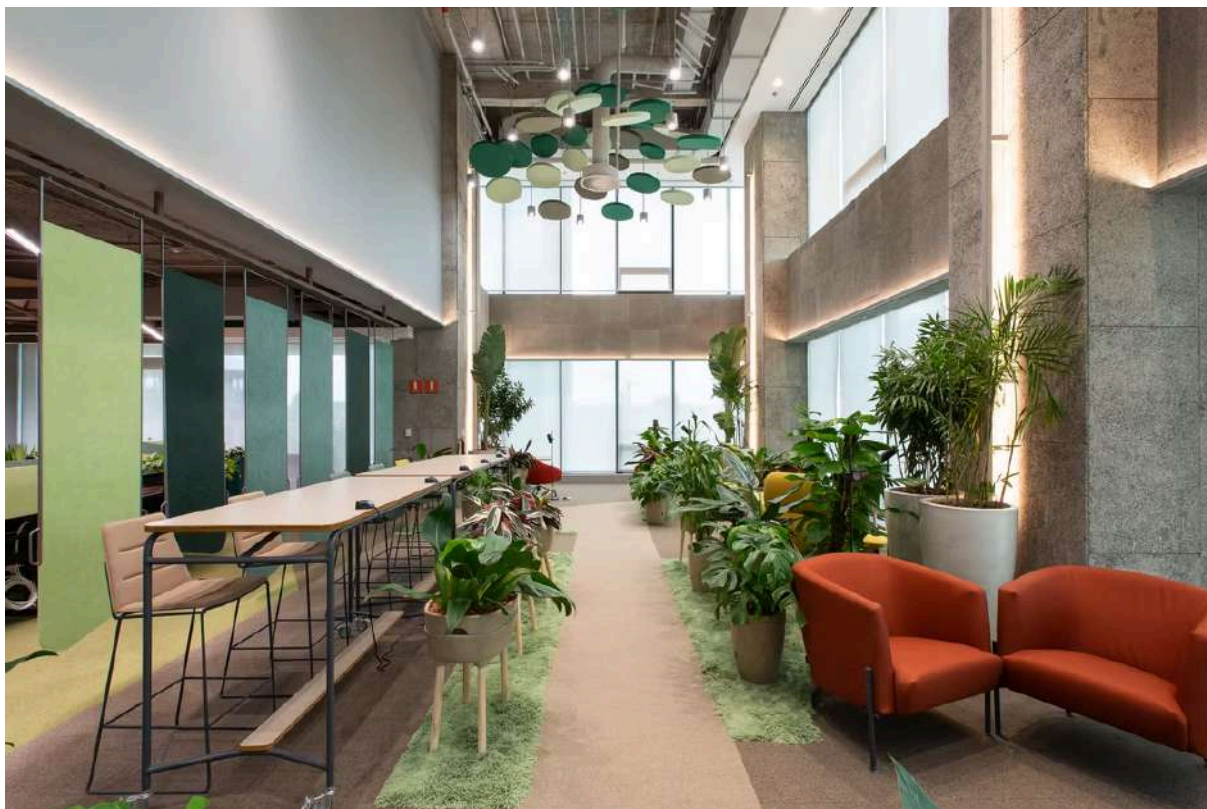


Projeto: Superlimão, 2019. Localização: São Paulo, Brasil. O espaço de recepção destaca-se pelo balcão de formato orgânico, teto com elementos geométricos suspensos, uso de vegetação natural e ampla iluminação, reforçando acessibilidade e integração visual.

Fonte: Site Superlimão. Disponível em:

https://www.superlimao.com.br/projetos/microsoft?pgid=m4ke8ru3-b4cdae_6a0c2afbcdc14319bc4c186af17841femv2.jpg. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 26. Espaço de convivência com inspiração na natureza. Sede do Google, São Paulo.



Projeto: Superlimão, 2022. Localização: São Paulo, Brasil. O ambiente apresenta forte integração com elementos naturais, seguindo princípios de arquitetura biomédica e incorporando protocolos de segurança em atenção às normativas do COVID-19. Conta com abundante vegetação, divisórias coloridas, mobiliário confortável e iluminação natural abundante, promovendo bem-estar e segurança aos colaboradores. Fonte: Site Superlimão. Disponível em: https://www.superlimao.com.br/projetos/google?pgid=m4ke8ru3-b4cdae_509ec6f853014b109f97b9f455da6119mv2.jpg. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 27. Fachada com design sustentável e materiais naturais. McDonald's Paraíso, São Paulo.



Projeto: Superlimão, 2023. Localização: São Paulo, Brasil. O projeto apresenta soluções de arquitetura e design de interiores voltadas à sustentabilidade, utilizando materiais naturais e integrando elementos de madeira e vegetação à fachada. A volumetria aberta e a transparência das grandes esquadrias favorecem a iluminação natural. Fonte: Site Superlimão. Disponível em: <https://www.superlimao.com.br/projetos/mcdonalds-paraiso>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 28. Pátio central do complexo Lapi, integrando retrofit e novas construções.



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. O Lapi é um complexo de uso misto que reúne lojas, restaurantes, apartamentos e salas comerciais, combinando elementos arquitetônicos preservados com novas estruturas. A proposta valoriza a convivência em espaços abertos, integrando áreas verdes, iluminação natural e mobiliário urbano que favorece o uso coletivo. Fonte: Site Superlimão. Disponível em: <https://www.superlimao.com.br/projetos/lapi-1>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

A elaboração da linha do tempo com as principais obras do Superlimão permite compreender de forma mais ampla a trajetória do escritório e os diferentes momentos de sua produção arquitetônica. Ao visualizar a sequência dos projetos, torna-se evidente a diversidade tipológica e a evolução conceitual que permeia suas criações ao longo dos anos, desde intervenções residenciais e retrofit urbano até ambientes corporativos de grande escala. Essa análise cronológica auxilia a situar os dois estudos de caso selecionados (Sede do Superlimão e Ampfy) dentro de um conjunto mais amplo de práticas e estratégias projetuais adotadas pelo escritório. Além de fortalecer a justificativa da escolha desses dois exemplos, a linha do tempo também amplia a compreensão dos temas centrais do trabalho, permitindo que a análise não se restrinja apenas ao discurso dos arquitetos ou às publicações já existentes, mas incorpore uma leitura crítica do percurso projetual como um todo.

com a rua (figura 30). A decisão projetual de recuar a fachada cria uma zona de transição entre o espaço público e o interior, ampliando a percepção do edifício pelo passante e contribuindo para uma ambiência mais receptiva. Essa estratégia promove um espaço intermediário que favorece o olhar e o encontro, conceitos centrais na produção de espaços urbanos mais humanos, como defende Jan Gehl (2013).

Figura 30. Fachada da sede da Ampfy vista a partir da rua, com destaque para o volume envidraçado e elementos de proteção lateral.



Projeto: RMAA, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. O acesso principal é marcado por portões metálicos e fachada translúcida, integrando vegetação na entrada e volumes de diferentes materiais e texturas, em uma composição que equilibra privacidade e permeabilidade visual. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Na figura 30, observa-se a fachada do edifício da Ampfy, registrada a partir da rua em frente, revelando um volume central recuado e delimitado por muros altos, ladeado por construções vizinhas de diferentes linguagens arquitetônicas. O uso predominante de tons acinzentados, com variações entre superfícies lisas e texturizadas, confere uma paleta de cores sóbria, de baixa saturação e valor médio, contrastando pontualmente com o verde das plantas e o dourado discreto da marca na parede. A organização espacial enfatiza a centralidade do volume envidraçado ao fundo, protegido por portões metálicos verticais, e a perspectiva ligeiramente

oblíqua, decorrente do ponto de vista do observador na rua em declive, oferece uma leitura que valoriza a verticalidade e o isolamento visual do edifício em relação ao entorno. A iluminação natural, difusa e suave, revela uniformemente as superfícies, sem sombras marcadas, reforçando a neutralidade cromática e a percepção de fechamento da fachada. O conjunto transmite um conteúdo expressivo de reserva e controle de acesso, marcado por uma estética minimalista e corporativa que equilibra a robustez das barreiras físicas com detalhes sutis de identidade visual.

A busca pela permeabilidade visual na composição do sistema de fechamento do edifício a partir da adoção de brises retráteis e gradis, reforçam essa integração ao permitir visadas parciais entre interior e exterior. O caminhar pela calçada é acompanhado pela visibilidade das atividades internas, o que gera curiosidade, ativa a rua e humaniza as camadas invisíveis da arquitetura. Essa transparência estimula o pertencimento, pois convida o pedestre a estabelecer um contato sensível com o edifício, mesmo sem adentrá-lo.

A segurança, fator estrutural no contexto urbano de São Paulo, é abordada de forma não convencional. Em vez de muros opacos e segregadores, o projeto aposta na visibilidade e na ocupação ativa do entorno imediato. A convivência constante entre pessoas e o enfraquecimento das barreiras visuais constroem um ambiente protegido por sua própria vitalidade.

Contudo, ainda que o bairro estimule a caminhada, o trânsito intenso da região compromete parcialmente a caminhabilidade. A arquitetura tenta mitigar esse conflito por meio do recuo frontal, exigido pela legislação urbana local. No entanto, apesar de sua obrigatoriedade, tal espaço poderia ser pensado de forma mais estratégica. Sua apropriação atual como área de estacionamento limita o potencial de ativação do espaço como zona de transição e convivência. A ausência de mobiliário urbano, tratamento paisagístico ou elementos de acolhimento restringe o potencial de ativar *camadas invisíveis* — aquelas relacionadas às experiências, vínculos e percepções — que enriqueceriam a vivência urbana logo na entrada do edifício.

Requalificar esse recuo, hoje subutilizado, para o uso coletivo ampliaria sua ambiência e reforçaria sua função como extensão do espaço urbano. Assentos, vegetação ou elementos interativos poderiam estimular paradas, observações e

pequenos encontros, transformando a borda do edifício em lugar sensível. A ausência dessa intervenção evidencia um limite do projeto, que, apesar do potencial de integração formal, ainda reserva à rua uma função secundária em sua prática cotidiana.

O projeto do Superlimão reorganizou os usos por pavimento, destinando os andares superiores às áreas operacionais e o térreo ao convívio, com soluções como mobiliário multifuncional, jardins integrados e elementos vazados inspirados na fachada. No subsolo, a recepção foi transformada em um túnel monocromático amarelo, criando uma experiência sensorial imersiva. Na fachada, instalou-se portas-camarão. E por fim, as intervenções de maneira geral, priorizaram o coletivo, a flexibilidade e o conforto, promovendo uma ambiência alinhada à dinâmica da agência. (Superlimão, 2016)

A forma arquitetônica da Ampfy, reflete uma busca por adaptação ao contexto urbano. O acesso principal (figura 31), deslocado para o subsolo, rompe com a lógica frontal convencional e propõe um percurso sensorial mais imersivo, marcado pela descida e pela presença intensa da cor amarela (figura 32). Segundo o fundador da Ampfy, a decisão de reposicionar o acesso buscou otimizar os fluxos e preservar as áreas externas como espaços de convivência (figura 33), revelando uma valorização das atmosferas do encontro, uma camada invisível relacionada ao acolhimento e à sociabilidade (Entrevista 11, 2024 - Ver Anexo E).

Figura 31. Entrada para o subsolo da sede da Ampfy, com vegetação integrada ao percurso e fechamento lateral em aço corten.

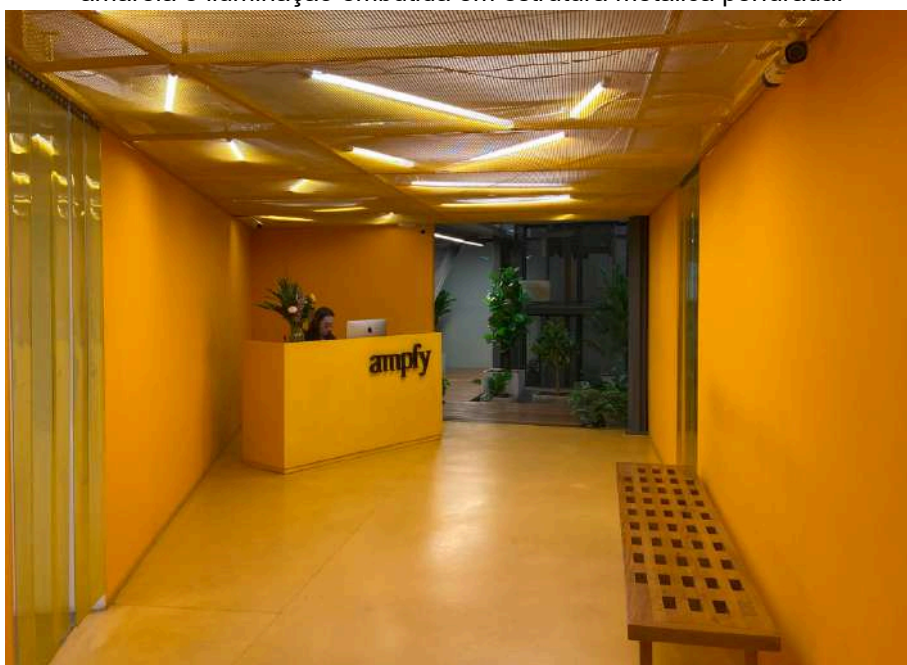


Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. O acesso é marcado por escada metálica protegida por cobertura em aço corten, que direciona ao subsolo enquanto dialoga com o paisagismo abundante do pátio interno. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 31 apresenta a entrada para o subsolo da Ampfy, vista a partir de um ponto elevado e frontal ao percurso de descida. O enquadramento destaca a parede lateral revestida com chapa de aço oxidado, de tom terroso e baixa saturação, contrastando com o verde vibrante e de alta luminosidade da vegetação disposta no pátio adjacente. A organização espacial evidencia um corredor estreito conduzindo ao acesso inferior, com guarda-corpos metálicos e desníveis que criam linhas diagonais e horizontais, direcionando o olhar até a porta iluminada por luz artificial amarelada no final do percurso. A iluminação natural lateral incide de forma difusa, realçando a textura rugosa do aço e o brilho das folhas, enquanto a luz interna ao fundo cria um ponto focal de calor cromático no espaço. O conteúdo expressivo resulta da tensão entre a robustez industrial dos materiais e a suavidade orgânica da

vegetação, sugerindo um ambiente que combina rigidez construtiva com acolhimento sutil, conduzindo o visitante de um espaço aberto e verde para um interior mais protegido e introspectivo.

Figura 32. Recepção da sede da Ampfy, marcada pelo uso intenso da cor amarela e iluminação embutida em estrutura metálica perfurada.

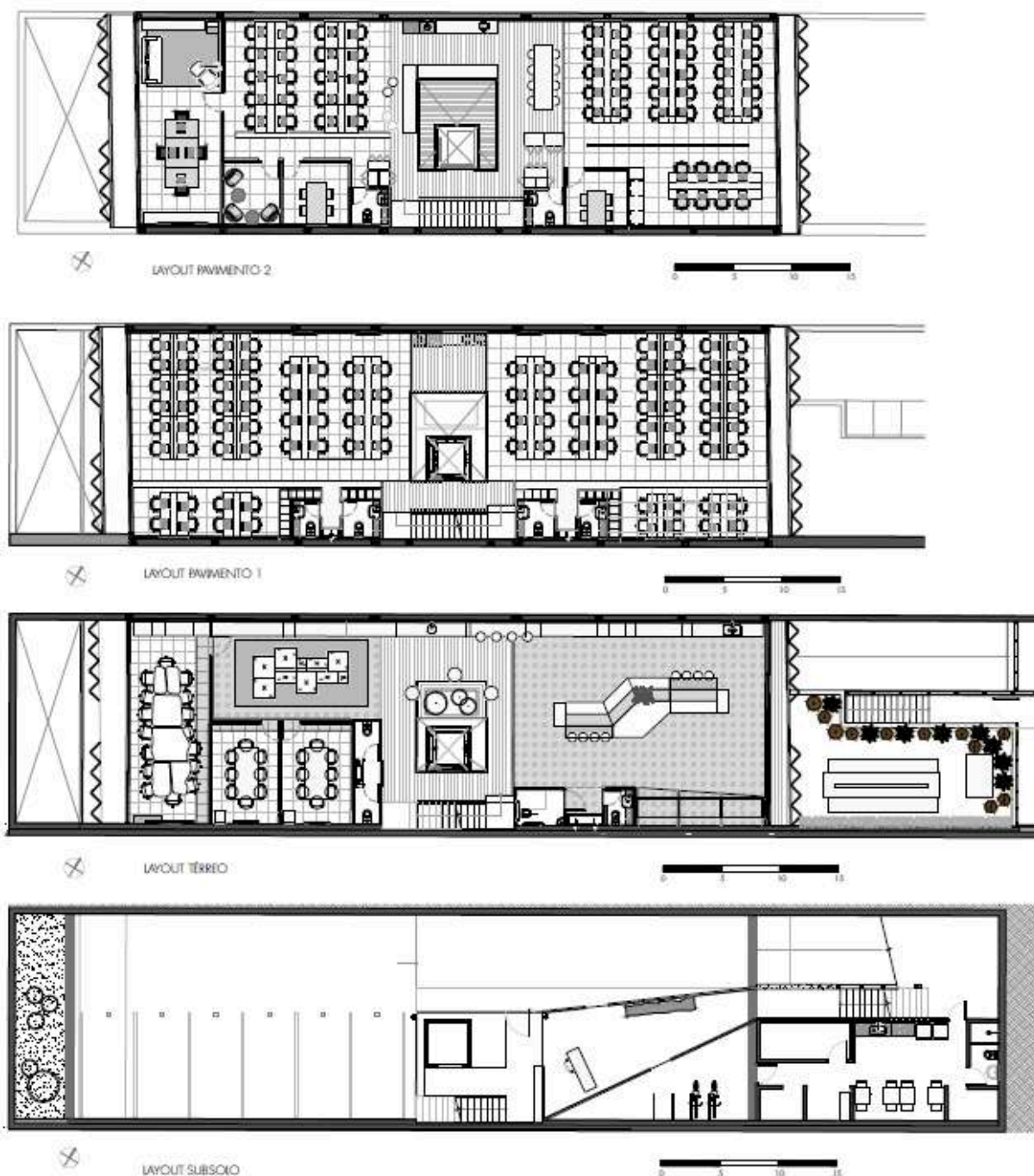


Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. O espaço de recepção combina piso, paredes e mobiliário na mesma tonalidade vibrante, criando um ambiente de alto impacto visual que contrasta com o paisagismo visto ao fundo. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 32 retrata a recepção da Ampfy, vista a partir da entrada, revelando um espaço de planta estreita e alongada, conduzindo o visitante visualmente até o balcão de atendimento posicionado ao fundo, à esquerda. O ambiente é dominado por um tom amarelo-alaranjado intenso, de alta saturação e valor médio, aplicado nas paredes, piso e mobiliário principal, criando uma identidade cromática marcante e contínua. A organização espacial privilegia o eixo central do corredor, com laterais livres, uma ocupada por um banco de madeira vazada e a outra delimitada por fechamento translúcido, e um enquadramento que direciona a perspectiva até a abertura para o pátio com vegetação ao fundo. A iluminação combina fontes artificiais embutidas no forro metálico perfurado, gerando padrões difusos e reflexos suaves sobre as superfícies, enquanto a luz natural do exterior suaviza o contraste ao fundo. O conteúdo expressivo do espaço resulta de uma combinação de energia

e acolhimento: a cor vibrante transmite dinamismo e criatividade, reforçando a identidade visual corporativa, enquanto a presença de plantas na área externa visível sugere conexão com a natureza e contraponto à intensidade cromática interna.

Figura 33. Plantas baixas dos pavimentos da sede da Ampfy.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Plantas distribuídas entre subsolo, térreo, primeiro e segundo andares, evidenciando a setorização funcional e a integração dos espaços de trabalho, áreas de convivência e serviços. Fonte: Superlimão, 2024.

Essa inversão espacial reforça o que Norberg-Schulz (1975) define como “espacialidade existencial”: uma experiência construída não apenas por formas, mas

por atmosferas. O subsolo, frequentemente relegado, aqui assume protagonismo e articula uma nova hierarquia perceptiva no edifício.

Nos pavimentos superiores, os espaços são mais abertos e adaptáveis (figura 34). Áreas de convivência e varandas favorecem usos diversos, enquanto elementos como mobiliário flexível e presença de vegetação ativam o conforto e proporcionam a fluidez espacial. A arquitetura não impõe o comportamento dos usuários, mas o acolhe, uma lógica próxima ao que defende Hertzberger (1999), ao propor espaços apropriáveis.

Figura 34. Área de convivência — sede da Ampfy.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Espaço de uso coletivo com mesas altas, bancos e mobiliário versátil, integrado visualmente ao jardim externo; forro e instalações aparentes reforçam a linguagem industrial e o caráter informal do ambiente, utilizado para eventos, pausas e encontros entre equipes. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 34 apresenta a área de convivência da Ampfy durante um momento de interação social, com grupos de pessoas em pé ou sentadas, conversando e compartilhando o espaço. O ambiente exibe uma paleta de cores marcada por tons

terrosos e neutros, marrons da madeira do piso e mobiliário, cinzas das estruturas e dutos aparentes, contrastando com pontos de cor vibrante, como o verde e amarelo das bandeirinhas decorativas e o azul visível através das aberturas. A organização espacial é aberta e flexível, com mesas altas e bancos distribuídos de modo a permitir agrupamentos variáveis, enquanto a perspectiva central direciona o olhar para a fachada envidraçada ao fundo, que conecta visualmente o interior ao espaço externo. A iluminação é mista: natural difusa proveniente das grandes janelas e artificial quente vinda de luminárias pendentes e spots, criando um equilíbrio entre clareza e aconchego. O conteúdo expressivo do espaço transmite descontração, coletividade e dinamismo, reforçado pela presença ativa das pessoas e pelo caráter informal da disposição mobiliária e decorativa, sugerindo um ambiente que favorece o encontro e a troca entre os usuários.

O projeto evidencia o aproveitamento abundante da luz natural como elemento central na conformação de seus ambientes, potencializada pelas amplas aberturas envidraçadas que favorecem a ventilação e a integração visual com o exterior (figura 35). As varandas, distribuídas em diferentes níveis, funcionam como extensões dos ambientes internos, proporcionando áreas de pausa, socialização e contemplação. Entre esses espaços, destaca-se o fumódromo, posicionado na parte frontal, de forma a garantir a circulação de ar e contato com a área externa.

O projeto de interiores em questão, busca equilíbrio entre introspecção e convivência: zonas mais densas alternam com áreas de desconpressão. A materialidade, madeira, concreto, aço e vegetação, constrói atmosferas sensoriais distintas em cada pavimento.

Figura 35. Materialidade — sede da Ampfy.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Detalhe construtivo evidenciando o uso de estrutura metálica aparente, fechamento em tela expandida e forro ripado de madeira sob cobertura translúcida, compondo uma estética industrial que valoriza a textura dos materiais e a transparência entre ambientes. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 35 destaca a materialidade e os elementos estruturais do edifício, evidenciando a interação entre vigas metálicas escuras, painéis de madeira dispostos em ripas paralelas e superfícies envidraçadas que permitem a entrada de luz natural. A paleta de cores combina tons quentes da madeira com o cinza-escuro do metal e o branco das paredes, criando contraste equilibrado e de baixa saturação, reforçado pela luminosidade intensa que atravessa a cobertura translúcida. A organização espacial é marcada por linhas diagonais e horizontais que se cruzam, gerando um ritmo visual dinâmico e guiando o olhar do observador ao longo da estrutura até o plano superior iluminado. A iluminação natural é o elemento predominante, filtrada pelas ripas e pelo vidro, criando sombras projetadas que acrescentam textura e profundidade à cena. O conteúdo expressivo transmite uma sensação de robustez e transparência simultâneas, onde a honestidade construtiva e a exposição dos materiais comunicam tanto o caráter industrial do projeto quanto sua busca por integração visual e leveza.

Alguns aspectos do projeto também merecem atenção. O layout das áreas operacionais (figura 36 e 37), organizado em fileiras regulares de estações de trabalho, favorece a eficiência, mas reduz as possibilidades de apropriação e adaptação individual. Frente à proposta mais fluida do térreo, essa rigidez espacial pode limitar interações espontâneas e variações de uso. A configuração remete a padrões funcionalistas, centrados na produtividade, que contrastam com as demandas contemporâneas por flexibilidade e bem-estar no trabalho. Sobre a forma arquitetônica, o escritório relata:

No subsolo, a recepção foi transformada em uma espécie de túnel monocromático em um tom amarelo intenso. Tirou-se partido de alguns elementos da arquitetura, tendo como exemplo a chapa perfurada das fachadas que foram replicadas em divisórias entre ambientes. Os terraços da fachada também podem ser vedados com portas-camarão, feitas com tela metálica perfurada e os recuos abrigam varandas, favorecendo a entrada da luz natural no interior do prédio. A área central da agência teve o coletivo priorizado no projeto de interiores. Foram inseridos armários individuais e bancadas que servem tanto de núcleo de impressão quanto de copa, amparando, com conforto e despojamento, o convívio informal dos funcionários; e o uso do jardim frontal como prolongamento do térreo foi ainda otimizado. No andar superior, o forro de madeira deixa entrever o telhado inclinado. (Superlimão, 2016 - material fornecido)

Figura 36. Salão de trabalho — sede da Ampfy.

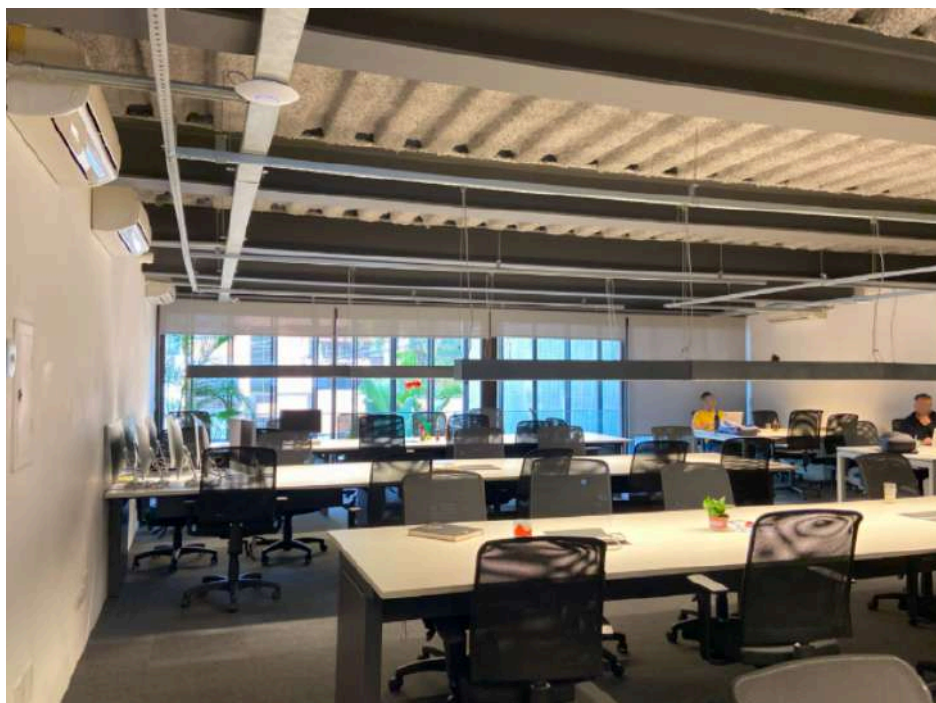


Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Ambiente amplo com layout aberto, estações de trabalho dispostas em fileiras e divisórias baixas que preservam a comunicação visual; iluminação natural abundante vinda das fachadas envidraçadas e uso de vegetação integrada ao mobiliário reforçam a atmosfera colaborativa e descontraída. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 36 mostra o salão de trabalho da Ampfy, com um conjunto de estações de trabalho dispostas em fileiras, ocupadas por colaboradores, e organizadas de forma linear a partir de um eixo central. A paleta cromática é predominantemente neutra, com brancos e cinzas nas paredes e divisórias, contrastados por tons quentes da madeira do piso e pontos de cor mais vibrante, como o verde-limão do móvel lateral e o arranjo floral em primeiro plano. A organização espacial valoriza a profundidade, com linhas horizontais e verticais que conduzem o olhar desde a área de recepção interna até a fachada envidraçada ao fundo, onde a luz natural penetra, suavizando o ambiente. A iluminação artificial é distribuída por luminárias lineares suspensas, oferecendo luz uniforme sobre as mesas, complementada pela claridade natural que entra pelas janelas amplas. O conteúdo expressivo combina eficiência e acolhimento: a disposição ordenada das estações sugere produtividade e foco, enquanto elementos vegetais e cores

pontuais quebram a rigidez, criando um clima equilibrado entre o corporativo e o descontraído.

Figura 37. Estações de trabalho — sede da Ampfy.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Estações coletivas com layout aberto, dispostas em ilhas retangulares para favorecer a interação e a flexibilidade de uso, com iluminação natural proveniente das amplas aberturas laterais. Estrutura metálica e forro aparente reforçam a estética industrial do espaço. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A figura 37 apresenta o ambiente de estações de trabalho da Ampfy, com mesas retangulares dispostas em fileiras paralelas e cadeiras giratórias ocupando parcialmente os postos, sugerindo um momento de baixa ocupação. A paleta cromática é predominantemente neutra, com tons de cinza e branco nas superfícies e preto no mobiliário, contrastados pela luz natural que entra pelas amplas janelas ao fundo e realça a presença pontual de objetos coloridos, como pequenas plantas e itens pessoais. A organização espacial privilegia a amplitude e a linearidade, com o enquadramento conduzindo o olhar da área em primeiro plano até a parede envidraçada, que oferece vislumbres da vegetação externa. A iluminação é mista: natural intensa ao fundo, suavizada por persianas, e artificial difusa proveniente de luminárias lineares suspensas, garantindo uniformidade sobre as áreas de trabalho.

O conteúdo expressivo remete a um ambiente funcional e ordenado, cuja neutralidade cromática e disposição clara transmitem foco e produtividade, enquanto a abertura para o exterior e a presença de elementos vivos acrescentam uma dimensão de leveza e conexão com o entorno.

A distinção hierárquica entre os espaços, como a sala dos sócios, também reproduz dinâmicas espaciais tradicionais. Embora certas funções exijam privacidade, a separação física marcante reforça distâncias simbólicas entre os usuários. Como propõe Amos Rapoport (2005, p. 13), a arquitetura carrega códigos culturais e comunica valores; rever essas delimitações pode contribuir para uma ambiência mais igualitária e cooperativa.

Essas limitações, no entanto, são equilibradas por estratégias projetuais que atuam positivamente na experiência sensorial do espaço. A presença de vegetação nas áreas centrais e nos terraços estabelece conexões biofílicas com o exterior. Como destaca Kellert (2008), elementos naturais nos espaços de trabalho favorecem a atenção, reduzem o estresse e promovem conforto emocional. Esses recursos ativam à calma, à restauração sensorial e ao vínculo afetivo com o ambiente.

Ao articular contrastes entre rigidez e fluidez, privacidade e abertura, o projeto da Ampfy revela a complexidade da arquitetura corporativa contemporânea. As soluções projetuais, construídas por escolhas formais, materiais, cromáticas e organizacionais, operam de modo sutil, mas influenciam diretamente a forma como os usuários percebem, habitam e se relacionam com o espaço. Esses elementos constituem a base para as análises que seguem, voltadas à identificação das condições sensíveis que estruturam a experiência do trabalho.

2.1.2 As camadas invisíveis da Ampfy

Ao adentrarmos o espaço corporativo do Ampfy, somos convidados a refletir sobre a subjetividade das interações humanas com o ambiente construído. A sequência de imagens (Figura 38 - Imagem 1 e 2 e Figura 39) nos revela essa transição, do exterior da edificação até a recepção, mergulhada em tonalidades amarelas, marcando um percurso sensorial que provoca uma sensação de

acolhimento e reconhecimento. A figura humana, posicionada no acesso, aparece em atitude de pausa e hesitação, sugerindo um momento de percepção e assimilação do espaço. Essa experiência remete à noção de “sensação de lugar” desenvolvida por Zumthor, ao descrever a potência emocional dos espaços de transição:

Uma incrível sensação de lugar, uma sensação inacreditável de concentração quando, de repente, nos damos conta de estarmos cercados, de algo que nos envolve, que nos mantém juntos, nos abraça, seja estando em grupo ou sozinhos. (Zumthor, 2006, p. 47)

Figura 38. Entrada Ampfy - Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. A entrada (número 1) é marcada pela presença de vegetação abundante e pelo uso de materiais naturais, criando uma transição suave entre o exterior e o interior. O hall interno (número 2) apresenta iluminação artificial quente e elementos em cores intensas, que reforçam a identidade visual da empresa e geram sensação de acolhimento. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

Figura 39. Planta Subsolo - Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Planta do subsolo com destaque, em amarelo, para a categoria *convivialidade* e, em roxo, para a categoria *identidade visual*, representando os atributos observados. Linhas tracejadas indicam fluxos contínuo e efêmero. As setas em “V” apontam a direção dos olhares, cuja numeração corresponde às figuras que apresentam as respectivas vistas. Fonte: Superlimão, disponibilizado em 2024. Imagem editada pela autora.

A entrada do edifício é marcada por vegetação abundante e transição sutil entre espaço público e privado. A escada que desce ao nível inferior sugere um convite sensorial e não convencional ao espaço interno. A materialidade crua e os gestos formais discretos evocam o caráter experimental e afetivo do escritório, evidenciando as camadas invisíveis desde o acesso. Neste nível subsolo, além da recepção, também estão a copa (figura 40), bicicletário e garagem.

A recepção possui forte presença cromática amarela, marca registrada da identidade visual da empresa. O espaço interno revela um ambiente controlado, simbólico e institucionalizado, onde a cor atua como elemento de identidade e orientador. A iluminação e a organização espacial estruturam uma experiência mais dirigida e codificada da ambiência corporativa.

Ao observar as colagens acima, duas figuras humanas circulam pelo espaço: um caminha diretamente, com postura decidida, como quem já conhece o ambiente e sabe exatamente aonde quer ir; o outro se aproxima do balcão, sugerindo um gesto de busca por orientação ou acolhimento. Embora ambos se desloquem com intencionalidade, os comportamentos revelam nuances distintas, um relacionado à

familiaridade e fluidez do percurso, outro à interação institucional. A cena reforça o caráter transitório e ritualístico do espaço de entrada, ativando ao mesmo tempo as camadas simbólicas de acolhimento e de identidade institucional, intensificadas pelo uso do amarelo da marca. A percepção do espaço aqui é emocional e corporal. Como propõe Pallasmaa (2011, p. 64), a memória e a imaginação são ativadas pela atmosfera arquitetônica, despertando vínculos que transcendem a função, pois “temos uma capacidade inata de lembrar e imaginar lugares. Percepção, memória e imaginação estão em interação constante; a esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia”.

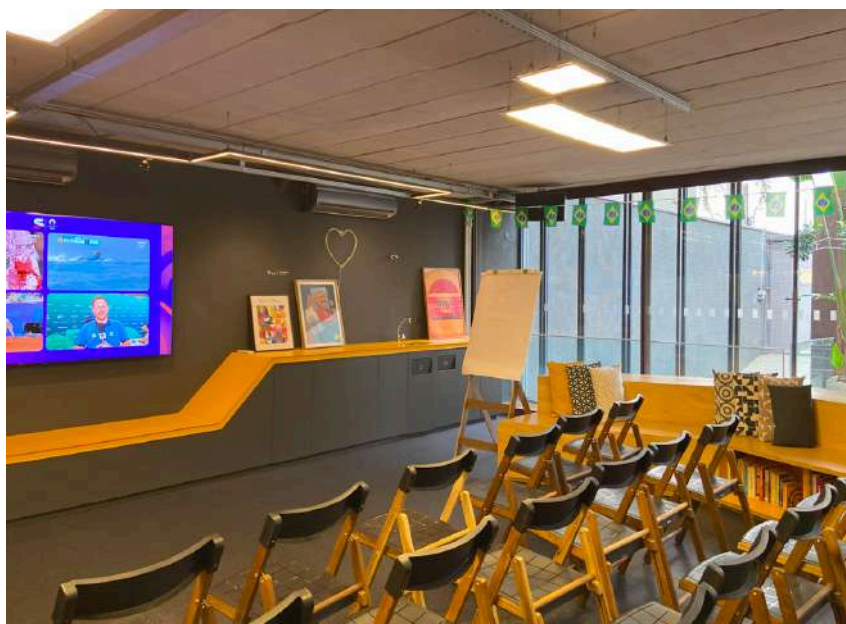
Figura 40. Copa no subsolo - Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Espaço identificado na planta do subsolo com o atributo convivialidade (cor amarela), configurado como área de encontro e pausa. A numeração (3) refere-se à direção do olhar indicada na planta, permitindo correlacionar a vista registrada com sua posição espacial no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

As colagens da figura 43 aprofundam a relação entre espaço e comportamento ao retratar áreas de convivência e descanso com diferentes dinâmicas (figura 43, Imagens 3 a 7). Nas cenas, há figuras humanas em movimento, demonstrando fluidez e uso ativo do espaço, e outros em atitudes mais introspectivas. A Imagem 5, por exemplo, mostra um usuário em contemplação diante de estantes com obras e objetos decorativos, enquanto a Imagem 6, a partir de outro ponto de vista do mesmo local, revela um usuário que passa por esse cenário de forma indiferente. Esse contraste explicita como um mesmo ambiente pode ser apropriado de maneiras distintas, conforme o estado emocional ou a intenção do usuário. Elementos como o mobiliário modular (Figura 43, Imagem 4), reconfigurado para eventos (figura 41), aliados à iluminação e materiais naturais, contribuem para uma atmosfera que favorece a convivialidade, a participação e o vínculo simbólico. Assim, o espaço se revela como uma estrutura viva, moldada por camadas de uso e significado que nem sempre são percebidas à primeira vista.

Figura 41. Espaço de convivência preparado para o evento.



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. O mobiliário flexível e o layout adaptável reforçam a possibilidade de diferentes usos, incentivando encontros coletivos e troca entre os usuários. Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Essa capacidade de transformação do ambiente, relatada na entrevista com o fundador do Ampfy, revela a escolha por um mobiliário modular ao invés da arquibancada fixa inicialmente prevista. A mudança permite que o auditório seja moldado conforme as dinâmicas do dia, reforçando a flexibilidade como um atributo central do projeto. Segundo o entrevistado:

Entrevistadora: O auditório também mudou, certo?

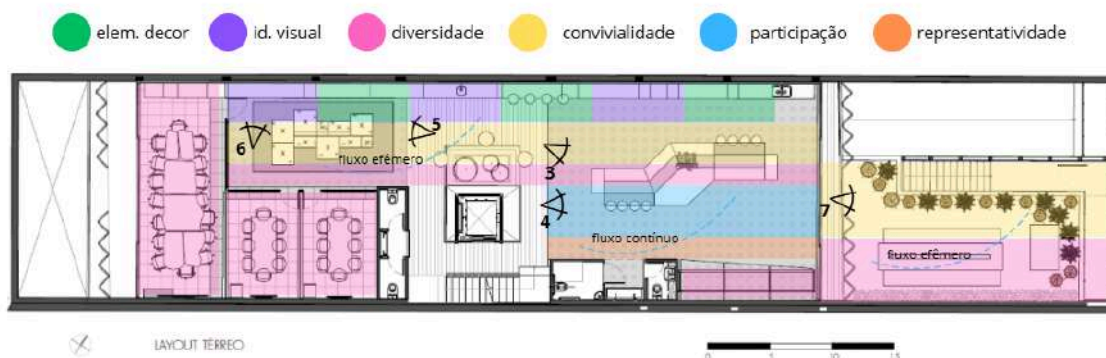
Fundador: Sim. Ao invés de uma arquibancada fixa, optamos por um espaço multiuso, com cadeiras dobráveis e uma mesa alta que pode servir como ilha central.

Entrevistadora: E qual é a dinâmica atual de trabalho no espaço?

Fundador: O ambiente está mais flexível. A ocupação nunca é total, e conseguimos equilibrar atividades presenciais e reuniões online, mesmo com três salas de reunião e áreas abertas.

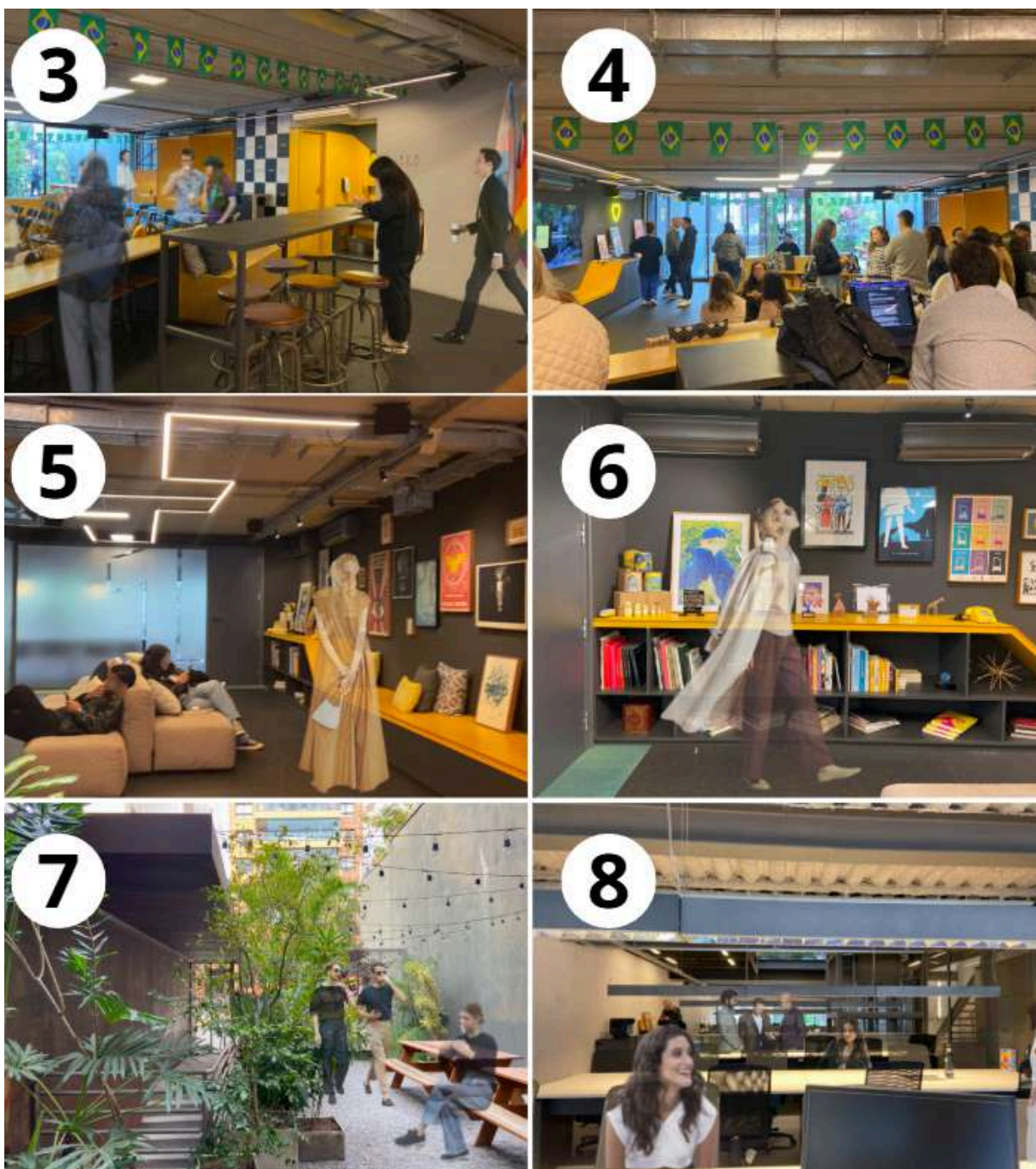
Na imagem da área externa (Figura 43 Imagem 7), figuras humanas interagem com o ambiente natural, entre vegetação e bancos de madeira, evidenciando o espaço como lugar de pausa e socialização. É um ambiente que permite o relaxamento e a desconexão do ambiente interno, trazendo à tona camadas invisíveis como bem-estar emocional e pertencimento coletivo, tais análises também podem ser observadas na planta, da figura 42. A convivência ao ar livre, com iluminação difusa e vegetação abundante, reforça o que Pallasmaa (2011) identifica como qualidades sensoriais essenciais para o conforto e a intimidade.

Figura 42. Planta Térreo - Pavimento de convivência - Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Planta esquemática do pavimento térreo indicando, por cores, os atributos das camadas invisíveis identificados: elementos decorativos (verde), identidade visual (roxo), diversidade (rosa), convivalidade (amarelo), participação (azul) e representatividade (laranja). As áreas em rosa e roxo representam as zonas onde se destacam diversidade e identidade visual, respectivamente, enquanto as setas indicam fluxos efêmeros e contínuos observados no espaço. As indicações em “V” mostram a direção dos olhares, cuja numeração corresponde às vistas apresentadas nas figuras seguintes. Fonte: Superlimão, disponibilizado em 2024. Imagem editada pela autora.

Figura 43. Pavimento de convivência - Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Sequência de vistas (3 a 8) correspondentes às direções indicadas na planta do pavimento de convivência (Figura 42), registrando atributos das camadas invisíveis em uso cotidiano. A numeração permite correlacionar cada fotografia com sua posição e direção de olhar indicadas no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editadas pela autora.

As imagens analisadas revelam diferentes camadas de apropriação dos espaços internos, evidenciando como a arquitetura se molda às dinâmicas humanas. Na Imagem 03, observa-se um ambiente multifuncional onde café, trabalho e conversa coexistem de forma espontânea. A estética industrial se alia à apropriação cotidiana, com uma copa que atua como catalisadora da convivialidade, reforçando as camadas invisíveis de sociabilidade. Já na Imagem 04, o espaço amplo e descontraído, com abertura para o exterior, bandeirolas e disposição circular dos usuários, sugere um ambiente de escuta horizontal e participação coletiva, onde a arquitetura se dissolve na fluidez dos encontros. A Imagem 05 mostra uma sala de decompressão com atmosfera intimista, marcada por sofá, almofadas e quadros variados, criando um ambiente voltado à introspecção e à estética afetiva. A Imagem 06 evidencia uma estante com livros, objetos lúdicos e referências gráficas, transformando a parede em suporte narrativo das identidades coletivas, abrindo espaço para a expressão do cotidiano criativo. No pátio externo (Imagem 07), elementos como vegetação, mesas de piquenique e luzes suspensas constituem um espaço de transição e decompressão, onde se promove o reencontro com a natureza e a cidade, evocando princípios da biofilia (Kellert, 2008). Por fim, a Imagem 08 retrata as estações de trabalho com layout aberto e hierarquias dissolvidas, favorecendo a integração visual e a colaboração entre os setores. As expressões descontraídas dos usuários revelam um cotidiano produtivo onde o fazer e o conviver se entrelaçam organicamente.

As imagens da figura 44, capturam a transição para o pavimento de trabalho, onde o comportamento muda perceptivelmente. As figuras humanas, mais estáticas ou concentradas, revelam uma atmosfera de foco e produtividade (Figura 44 Imagem 12). Os postos de trabalho, organizados em linhas e cercados por divisórias parcialmente transparentes, simbolizam a permeabilidade espacial. Neles há controle visual, mas sem isolamento total (Figura 44 Imagem 14), pois equilíbrio entre visibilidade e privacidade reafirma a coexistência entre colaboração e individualidade.

Outro aspecto crítico destacado pelo fundador do Ampfy, Gabriel, é o impacto da pandemia na relação com o espaço. Se antes havia lugares fixos e estruturas rígidas, hoje os colaboradores podem escolher onde se sentar, promovendo

interações casuais e múltiplas formas de apropriação (Entrevista 11, 2024 - Ver Anexo E). Essa nova dinâmica espacial também trouxe reflexos sobre os hábitos cotidianos, inclusive na maneira como os pertences pessoais são armazenados.

Nesse contexto, foram instalados *lockers*³² (Figura 44 Imagem 9) como uma estratégia para garantir maior conforto aos usuários, eliminando a necessidade de escaninhos dispersos pelo espaço. No entanto, o uso desses armários foi diretamente impactado pelo contexto pandêmico: muitas pessoas passaram a manter seus objetos em casa, reduzindo a utilização desses equipamentos. Essa escolha evidencia como mudanças comportamentais influenciam a apropriação física dos ambientes corporativos e desafiam o planejamento espacial prévio.

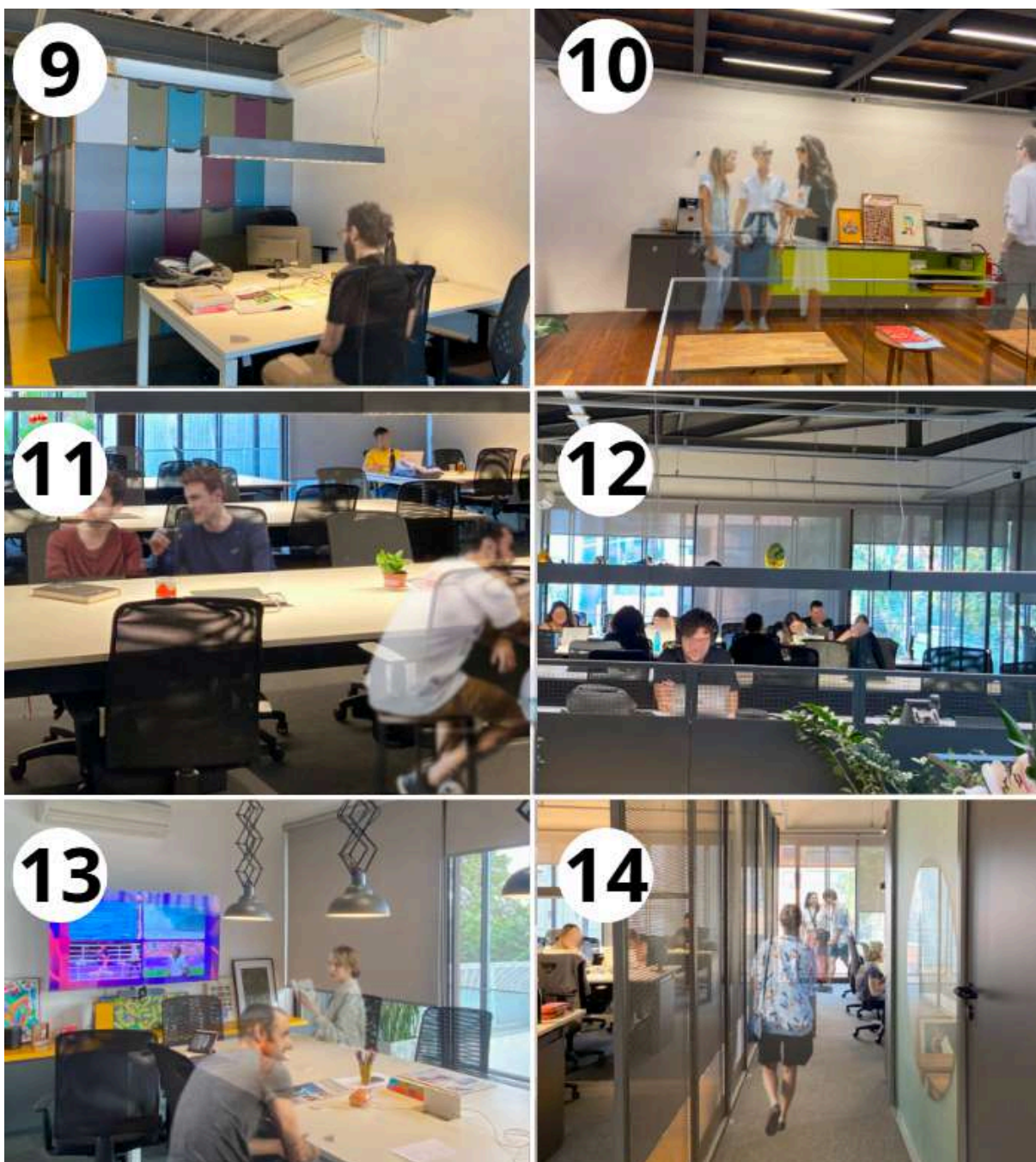
Em algumas imagens, figuras humanas interagem em grupo (trabalho coletivo) (Figura 44 Imagem 10 e 11), enquanto em outras estão sozinhos, focados ou em trânsito. Uma cena mostra três figuras próximas à copa (Figura 44 Imagem 10), local de apoio alimentar, revelando o espaço como ponto de encontro informal, onde se compartilham pausas e conversas breves. A presença de objetos pessoais, como vasos e adornos, embora sutis, sugere tentativas de apropriação, ainda que limitadas, do ambiente laboral (Figura 44 Imagem 11 e 12). Como Zumthor (2006, p. 35 - tradução nossa) observa, "as coisas se juntam de uma maneira muito carinhosa e afetuosa", transformando o espaço em extensão da subjetividade.

A percepção crítica emerge de forma sutil ao observar que, embora existam elementos decorativos e objetos pessoais espalhados pelo ambiente, a personalização parece, em muitos casos, restrita ou padronizada. Os itens decorativos, por vezes, soam como escolhas institucionais (Figura 43 Imagem 6), mais do que expressões genuínas dos colaboradores. A ausência de intervenções mais espontâneas no design, como se nota na uniformidade das mesas e na repetição de elementos visuais (Figura 43 Imagem 8 e Figura 44 Imagem 11 e 12), sugere um espaço ainda pouco moldado pelas mãos de seus usuários. A representação das figuras humanas reforça essa leitura, evidenciando comportamentos mais neutros ou reservados, com poucos gestos que expressem apropriação direta do espaço de trabalho.

³² Armários individuais.

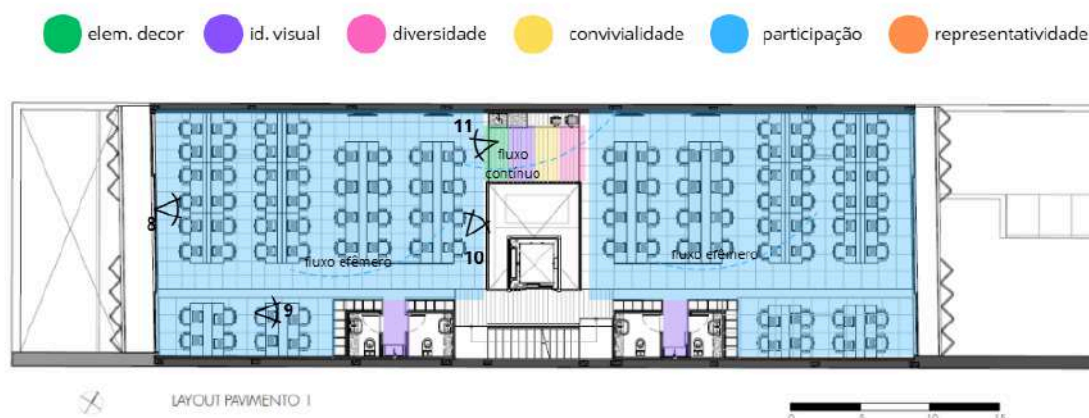
Nas salas de reunião, especialmente na reservada aos sócios, nota-se uma distinção clara no uso e na ambientação (Figura 44 Imagem 13). A presença de figuras humanas com trajes mais formais e o isolamento da sala em relação às demais áreas sinalizam uma diferenciação que, embora funcional, também pode ser lida como simbólica. Essa separação, ainda que justificada por questões operacionais, contrasta com a proposta mais fluida e colaborativa do restante do projeto (tais observações podem ser observadas em planta, nas figuras 45 e 46). A hierarquização espacial, nesse caso, pode limitar a percepção de igualdade e pertencimento, restringindo o alcance de atributos como representatividade e participação.

Figura 44. Pavimento de trabalho - Colagens das Camadas Invisíveis



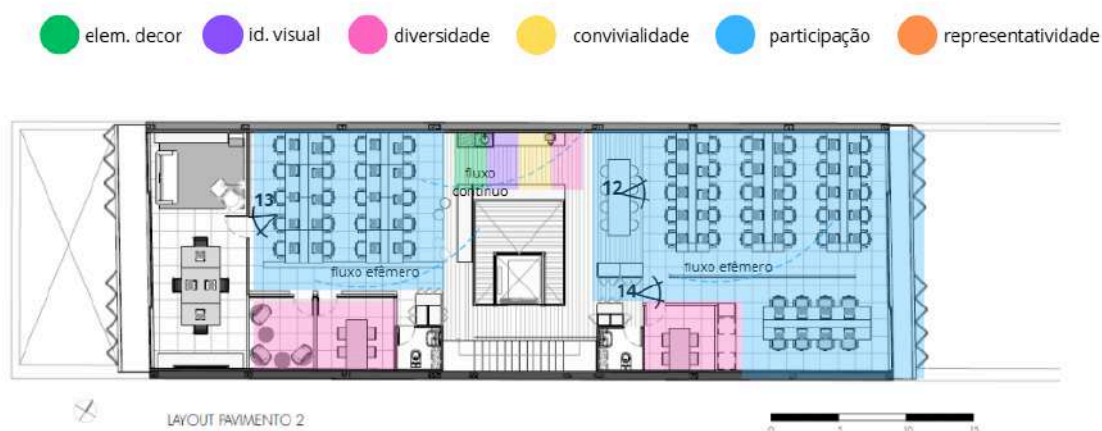
Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. As numerações (9 a 14) indicam as direções do olhar registradas na visita, permitindo a correlação entre a vista fotografada e sua posição espacial no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagens editadas pela autora.

Figura 45. Planta Pav. Pavimento 1- Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Planta esquemática do pavimento 1 com mapeamento dos atributos das camadas invisíveis (elementos decorativos, identidade visual, diversidade, convivialidade e participação). Observa-se predominância do atributo participação (cor azul), configurando grandes áreas de estações de trabalho coletivas, conectadas por fluxos contínuos e áreas de circulação que favorecem a integração entre equipes. Fonte: Superlimão, disponibilizado em 2024. Imagem editada pela autora.

Figura 46. Planta Pav. Pavimento 2 - Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. As marcações em “V” indicam a direção dos olhares correspondentes às vistas numeradas (12 e 14), registradas nas figuras anteriores, permitindo a associação espacial entre a planta e as fotografias.

Fonte: Superlimão, disponibilizado em 2024. Imagens editadas pela autora.

As imagens de 9 a 14 revelam diferentes nuances da espacialidade corporativa na sede da Ampfy, articulando aproximações e distanciamentos entre os usuários e o ambiente. Na imagem 9, a estação de trabalho marcada por armários coloridos modulares confere um ar jovem e vibrante, mas ainda organizada em uma lógica linear e pouco orgânica. A imagem 10 apresenta a copa central como um ponto de encontro descontraído, projetado para fomentar trocas informais com mobiliário baixo, objetos afetivos e atmosfera acolhedora, uma tentativa de suavizar a rigidez institucional. A imagem 11, por sua vez, mostra a sala de coworking interno com mesas compartilhadas, onde a presença de vasos e itens pessoais indica tentativas tímidas de apropriação individual. Já a imagem 12 evidencia as estações principais de trabalho, dispostas de forma simétrica e funcional, com separações claras entre baias, reforçando uma estrutura segmentada que pouco estimula a flexibilidade espacial. A imagem 13 destaca a sala dos sócios, um espaço reservado e visualmente personalizado, cujo afastamento físico simboliza a manutenção de uma hierarquia, mesmo em um discurso arquitetônico que se pretende mais horizontal. Por fim, a imagem 14 retrata um corredor de circulação com divisórias de vidro e painéis opacos, onde o contraste entre transparência e bloqueio visual expõe a tensão entre visibilidade, controle e liberdade no ambiente corporativo.

Ao observarmos o conjunto das imagens e colagens, torna-se evidente como os atributos, identidade visual, elementos decorativos, diversidade, convivialidade, participação e representatividade, se manifestam de formas variadas no projeto. As figuras humanas tornam perceptíveis essas camadas invisíveis: o encantamento diante da recepção envolvente; a liberdade nos ambientes dinâmicos; e o distanciamento nas zonas mais controladas ou formais. A leitura imagética contribui para ampliar a análise proposta por Zumthor (2006) e Pallasmaa (2011), ao revelar como o espaço é sentido através de suas camadas e vivido de maneira afetiva, simbólica e social. Um relato de Pallasmaa se referindo à obra de Alvar Aalto, exemplifica esta relação:

Ela incorpora deslocamentos, confrontos oblíquos, irregularidades e ritmos múltiplos que visam acentuar as experiências corporais, musculares e táteis. Seus elaborados detalhes e texturas superficiais, trabalhados artesanalmente para as mãos humanas, convidam ao toque e criam uma atmosfera de intimidade e aconchego. (Pallasmaa, 2011, p. 67)

A sede do Ampfy se apresenta, assim, como um projeto que busca sensivelmente criar um ambiente corporativo mais humano e acolhedor. No entanto, ainda restam oportunidades para aprofundar a apropriação pelos próprios usuários, permitindo que eles não apenas sintam-se parte, mas também transformem e moldem ativamente o espaço ao seu redor.

Como destacou o fundador da Ampfy, o projeto evoluiu em resposta a novas exigências culturais e organizacionais (Entrevista 11, 2024 - Ver Anexo E). Tal adaptação contínua é justamente o que permite ao espaço ativar e sustentar suas camadas invisíveis, aquelas que conectam funcionalidade, afeto e subjetividade em uma experiência arquitetônica integrada.

2.2 SUPERLIMÃO – SÃO PAULO, 2024

2.2.1 Análise segundo a metodologia composicional de Gillian Rose (2001)

A sede do escritório Superlimão, situada na Vila Madalena (São Paulo) (figura 47), encontra-se em um trecho marcado pela predominância de edificações comerciais e de serviços. Nessa área, a circulação intensa de pedestres e veículos ao longo do dia confere dinamismo ao espaço urbano, e torna a relação entre edificação e calçada um aspecto central da experiência espacial.

Figura 47. Localização – Sede do Superlimão



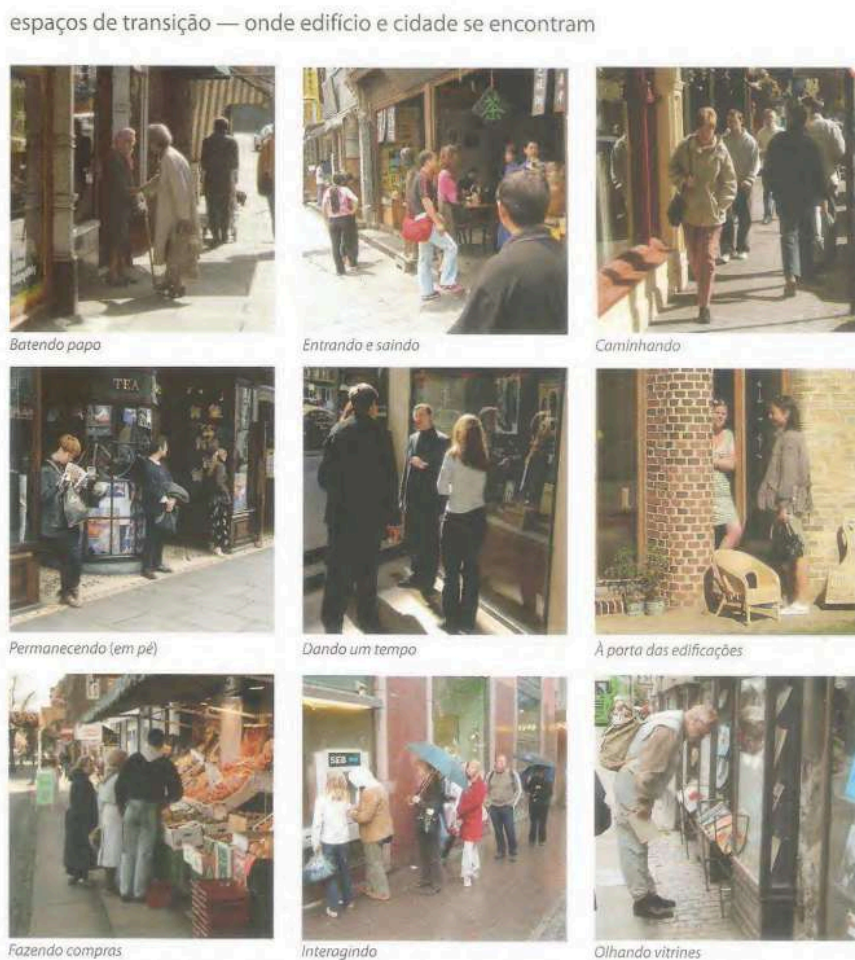
Mapa de localização da sede do escritório Superlimão, situada no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo, Brasil. A marcação em vermelho indica o endereço exato da edificação estudada. Fonte: Google Maps.

O padrão arquitetônico da região é caracterizado pelo recuo frontal, frequentemente utilizado como área de estacionamento. No entanto, algumas construções reinterpretam esse elemento, transformando-o em espaços de permanência e encontro.

Outro aspecto recorrente é a transformação de antigas residências em espaços comerciais, preservando a escala e tipologia original, ao mesmo tempo em que introduzem novos usos. Essa abertura das fachadas à rua favorece interações

espontâneas (figura 48) e a curiosidade do transeunte, contribuindo para um ambiente urbano mais acolhedor, conforme argumenta Gehl (2013, p. 74).

Figura 48. Interações na cidade – Jan Gehl



Sequência de registros fotográficos que exemplificam diferentes formas de interação em espaços de transição — pontos de encontro entre edifício e cidade, segundo a abordagem de Jan Gehl. Fonte: Gehl, 2013, p. 74.

Nesse contexto, a obra do Superlimão adota uma abordagem peculiar. Sua fachada discreta (figura 49), associada ao uso abundante de vegetação, busca integrar-se ao tecido urbano sem se impor visualmente. Essa escolha configura o que Kevin Lynch (1960, p. 132) chama de “espaço poético”, no qual a arquitetura se expressa de forma simbólica e sutil. Por outro lado, o resguardo visual promovido pela vegetação gera certa introversão, afastando o edifício do contato direto com o pedestre.

Figura 49. Vista da fachada da obra Superlimão.



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. A fachada apresenta composição gráfica característica do escritório, com sobreposição de cartazes e cores vibrantes que reforçam sua identidade visual e conexão com a linguagem urbana. Fonte: Autora, 2024.

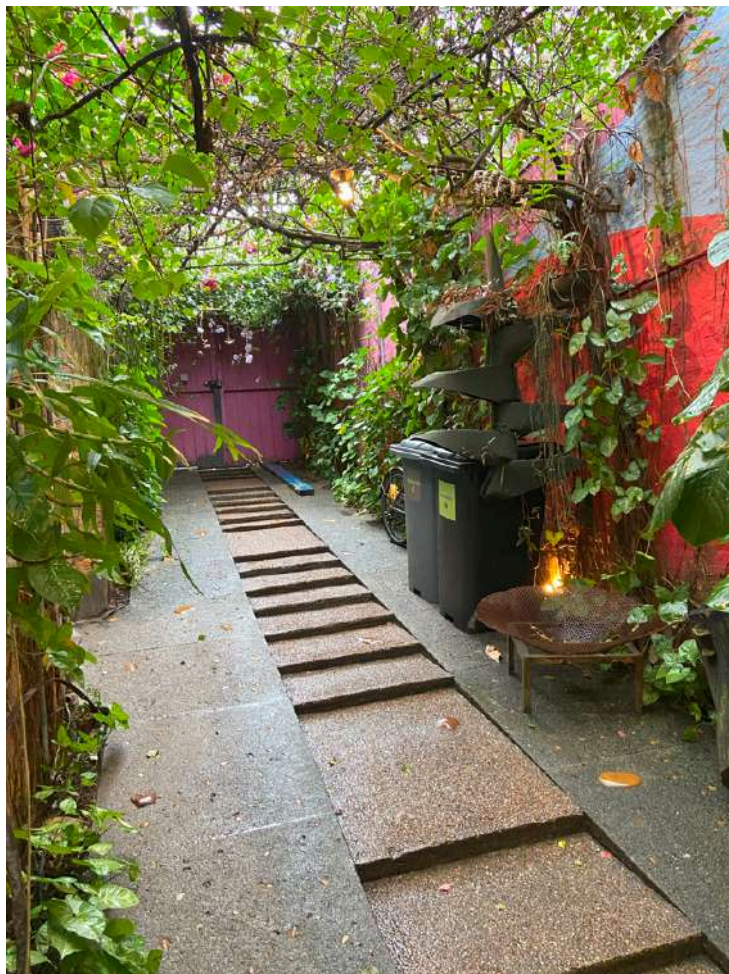
A figura 49 mostra a fachada do Superlimão, registrada de um ponto frontal e levemente lateral, com um portão revestido por painéis azuis estampados em diferentes tons e grafismos, criando um mosaico visual vibrante. A paleta cromática é dominada por azuis de média e alta saturação, combinados com brancos e detalhes em tons terrosos, contrastando fortemente com o verde da vegetação que envolve o espaço. A organização espacial revela um enquadramento vertical estreito, no qual o portão centralizado se destaca, emoldurado por plantas trepadeiras floridas que descem da parte superior e por elementos laterais como a grade branca à direita e o muro à esquerda. A iluminação natural difusa, decorrente

de um céu nublado, suaviza as sombras e realça a intensidade das cores, mantendo uma atmosfera homogênea e sem contrastes bruscos. O conteúdo expressivo transmite uma sensação de informalidade criativa e acolhimento, marcada pela fusão entre arte urbana, natureza e arquitetura, sugerindo um espaço de identidade única e aberta a interpretações mais lúdicas e descontraídas.

Enraizada na preexistência do edifício original, a forma foi sendo transformada ao longo do tempo para responder às necessidades funcionais e conceituais do grupo. A arquitetura se apresenta, assim, como um organismo em constante adaptação, que interage com seus ocupantes e com o contexto urbano em que se insere.

O percurso de chegada ao edifício propõe uma transição sensível entre o exterior e o interior (figura 50). A antiga garagem, convertida em passagem permeada por vegetação, funciona como um microclima que suaviza a luz e a temperatura, ao mesmo tempo em que antecipa a experiência sensorial do espaço. Ao descer pela rampa, a vegetação e os objetos dispostos, como mobiliário e protótipos, revelam a dimensão criativa da prática arquitetônica do Superlimão. Assim, “um jardim que cresce de acordo com suas próprias leis não é uma selva, mas também não é inteiramente artificial” (Alexander, Sara Ishikawa e Murray Silverstein, 1977, p. 802 - tradução nossa)

Figura 50. Entrada principal Superlimão.



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. O percurso de entrada é marcado por vegetação abundante e elementos rústicos, criando um ambiente acolhedor e descontraído que reflete a identidade do escritório. Fonte: Autora, 2024.

A figura 50 apresenta a entrada principal do Superlimão, enquadrada a partir de um ponto de vista frontal e ligeiramente baixo, que enfatiza a perspectiva linear do percurso pavimentado com placas retangulares intercaladas. A paleta cromática combina tons vibrantes, como o vermelho saturado da parede lateral, com o verde intenso e variado da vegetação que envolve e cobre parcialmente o espaço, formando um túnel natural. A organização espacial é marcada pela forte linearidade do piso e pelo estreitamento das laterais, conduzindo o olhar até o portão lilás ao fundo, enquanto elementos como lixeiras e um braseiro metálico introduzem camadas de uso cotidiano. A iluminação natural, filtrada pela vegetação, cria áreas

de luz suave e sombra densa, acentuando a textura das superfícies e a sensação de frescor. O conteúdo expressivo sugere acolhimento rústico e descontraído, reforçado pela proximidade com a natureza e pela presença de elementos funcionais que revelam o espaço como um ambiente vivido e informal, onde a estética se entrelaça com a praticidade.

O primeiro nível concentra funções como copa, oficina, banheiros e uma sala de reunião, organizadas de forma a promover interação e flexibilidade (figura 51). A circulação entre os ambientes se dá, muitas vezes, por áreas externas, intensificando o contato com a natureza. A diferenciação de usos, perceptível na planta e nas atmosferas espaciais, remete à leitura de Hertzberger (1999, p. 21), para quem o layout evidencia acessos, demarcações e responsabilidades:

[...] mostrará claramente que aspectos de acesso existem na arquitetura, quais são as demarcações de áreas específicas e a quem se destinam, e que espécie de divisão de responsabilidades pode ser esperada no que diz respeito aos cuidados e à manutenção dos diferentes espaços, de modo que essas forças possam ser intensificadas (ou atenuadas) na elaboração posterior da planta. (1999, p. 21)

Figura 51. Primeiro Nível - Escritório Superlimão

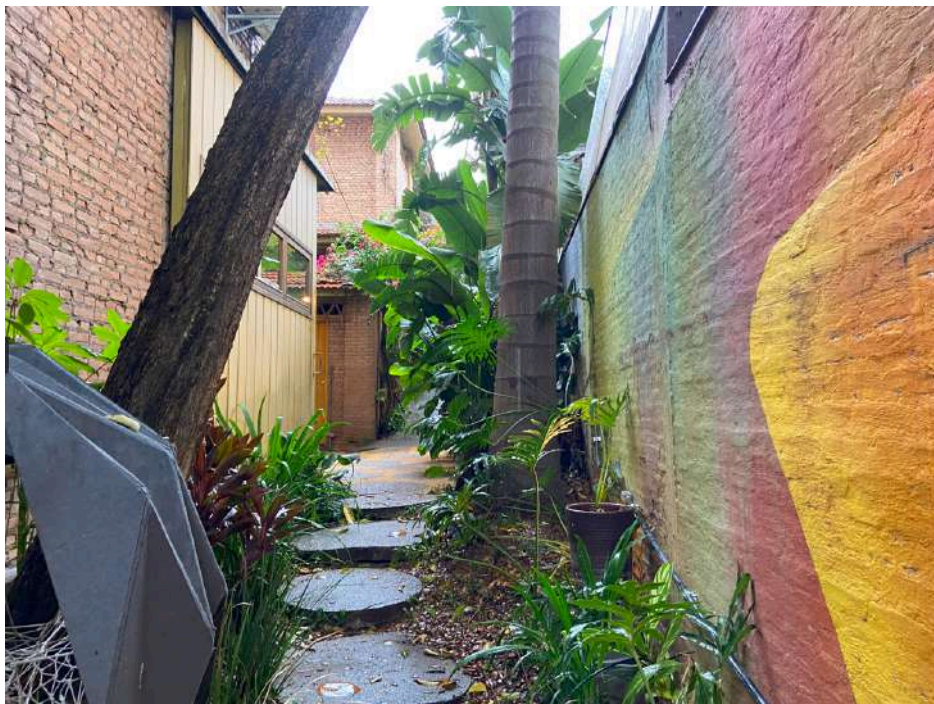


Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. O espaço do primeiro nível integra mobiliário rústico, vegetação natural e elementos construtivos originais, criando um ambiente informal e convidativo para encontros coletivos e pausas ao ar livre. Fonte: Autora, 2024.

A figura 51 mostra o primeiro nível do Superlimão, configurado como um espaço de convivência semiaberto, emoldurado por paredes de tijolo aparente e elementos de madeira pintados em amarelo vivo. A paleta cromática combina tons quentes (amarelo, marrom e vermelho-alaranjado do tijolo) com toques pontuais de cores frias nos assentos, resultando em contraste harmonioso e de média saturação. A organização espacial é definida por um eixo central marcado pela mesa retangular de madeira, acompanhada por bancos e cadeiras de diferentes estilos, posicionada sob a copa de uma árvore que cresce integrada ao piso, enquanto portas de abrir conectam visualmente o ambiente a outro espaço adjacente. A iluminação natural abundante, filtrada parcialmente pela cobertura e pela vegetação, cria áreas de luz e sombra que acentuam texturas e volumes. O conteúdo expressivo evoca rusticidade e informalidade acolhedora, reforçada pelo uso de materiais naturais, pela integração entre interior e exterior e pela presença de mobiliário diverso, que sugere um espaço flexível e apropriado para encontros, refeições e trocas informais.

Descendo mais um nível (figura 52), encontra-se um espaço dedicado à experimentação prática, com laboratório, área de alimentação e oficinas (figura 53), um núcleo que evidencia a arquitetura como meio e fim do próprio processo projetual. A escada que conecta esse andar ao mezanino reforça a continuidade visual e física entre os níveis, enquanto a escolha de materiais naturais, como o aço e tijolinho, cria uma atmosfera de acolhimento e autenticidade, proporcionando a ativação das camadas invisíveis.

Figura 52. Descida para o piso inferior - Escritório Superlimão



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. O percurso para o piso inferior é marcado por vegetação abundante e um muro colorido, criando uma transição suave e sensorial entre os níveis do edifício. Fonte: Autora, 2024.

A figura 52 mostra a descida para o piso inferior do Superlimão, capturada a partir de um ponto de vista que acompanha o percurso delimitado por um piso de pedras circulares embutidas no concreto. A paleta cromática mescla tons quentes e terrosos, como o laranja e amarelo esmaecidos do mural à direita e o avermelhado do tijolo à esquerda, com o verde vivo da vegetação que ocupa ambos os lados do trajeto. A organização espacial é linear e estreita, guiando o olhar ao longo do caminho até o fundo, onde a vegetação se adensa e um volume construído se insinua parcialmente. A iluminação natural é abundante, filtrada pelas copas das árvores e palmeiras, criando jogos de sombra suave sobre o piso e a parede pintada. O conteúdo expressivo transmite uma sensação de percurso imersivo e acolhedor, no qual a integração entre arquitetura e paisagismo promove um caráter lúdico e sensorial, reforçando a identidade descontraída e criativa do espaço.

Figura 53. Segundo nível - Escritório Superlimão.

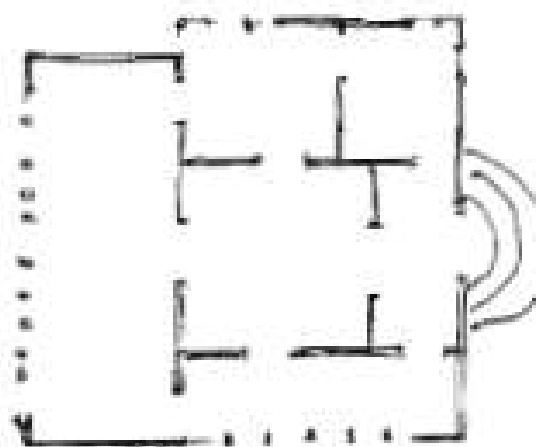


Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Espaço de convivência externo no segundo nível, com mesas coletivas e acesso por escada metálica, favorecendo a integração entre os pavimentos e o uso flexível do ambiente. Fonte: Autora, 2024.

A figura 53 retrata o segundo nível do Superlimão, composto por um espaço de convivência ao ar livre, delimitado por paredes de tijolo, marrons e avermelhados da madeira e do tijolo, com o verde-escuro da escada metálica e o colorido vibrante do mural ao fundo, que apresenta matizes azulados, roxos e amarelos de alta saturação, conferindo identidade visual marcante ao ambiente. A organização espacial é estruturada a partir da escada lateral que conecta diferentes níveis, enquanto mesas e bancos longos se dispõem paralelamente às paredes, criando áreas de uso coletivo e circulação livre no centro. A iluminação natural predomina, suavizada pela cobertura parcial da vegetação e complementada por luz artificial embutida sob a marquise lateral, garantindo clareza e aconchego. O conteúdo expressivo revela um ambiente multifuncional, descontraído e criativo, onde a integração entre arte urbana, elementos naturais e materiais rústicos constrói uma atmosfera convidativa tanto para trabalho colaborativo quanto para momentos de socialização.

Neste nível inferior, a existência de um mezanino e a circulação em laço (loop) (figura 54) entre os ambientes ampliam a complexidade espacial. Essa configuração evoca o conceito apresentado por Christopher Alexander, Murray Silverstein e Sara Ishikawa (1977, p. 630 - tradução nossa), para quem: “um percurso, que passa por todos os principais ambientes, públicos e comuns, estabelece uma enorme sensação de generosidade”.

Figura 54. Circulação em Loop



A generous circulation loop.

Esquema que representa a circulação contínua (loop) entre ambientes, conceito descrito por Alexander, Silverstein e Ishikawa (1977), no qual o percurso conecta todos os principais espaços, públicos e comuns, gerando uma sensação de amplitude e generosidade. Fonte: Alexander, Silverstein e Ishikawa, 1977, p. 630.

O salão de trabalho (figura 55) é acessado no primeiro piso, conduzido por uma escada. A iluminação natural, por sua vez, é amplamente aproveitada, permitindo uma conexão direta com o exterior. A disposição das estações de trabalho favorece a colaboração entre os profissionais, dissolvendo hierarquias rígidas e promovendo uma dinâmica de troca. A fluidez espacial e as conexões visuais entre ambientes reafirmam a ideia de uma arquitetura que estimula e ressignifica as práticas cotidianas.

Figura 55. Salão de trabalho - Escritório Superlimão.



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. O salão de trabalho apresenta amplas janelas que permitem iluminação natural abundante, pé-direito elevado com estrutura aparente em madeira e disposição aberta das estações, favorecendo a comunicação e integração entre os colaboradores. Fonte: Autora, 2024.

A figura 55 apresenta o salão de trabalho do Superlimão, ocupado por colaboradores distribuídos em longas mesas compartilhadas, repletas de computadores, papéis e objetos pessoais, transmitindo a ideia de um espaço ativo e em uso contínuo. A paleta cromática é clara e aconchegante, com predominância de tons neutros, brancos e bege das paredes e teto, combinados ao marrom quente das vigas de madeira aparente e à presença pontual de cores vibrantes em objetos e garrafas sobre as mesas. A organização espacial é aberta e linear, favorecendo a comunicação visual e a interação entre as estações de trabalho, enquanto amplas janelas laterais permitem a entrada de luz natural abundante e proporcionam vista para o exterior. A iluminação natural é suavizada por elementos como persianas de bambu, que filtram a luz e acrescentam textura ao ambiente, complementada por luminárias de mesa e de teto para garantir uniformidade luminosa. O conteúdo

expressivo revela um espaço funcional e colaborativo, no qual a combinação de materiais naturais, luz suave e arranjos coletivos de trabalho reforça um clima de proximidade, dinamismo e conforto visual.

A separação entre ambientes é clara, mas não rígida. A fluidez espacial e a permeabilidade entre as zonas revelam uma arquitetura pensada para ser apropriada, modificada e experimentada. A forma, aqui, não é apenas resposta a um programa, mas parte do próprio processo de investigação do Superlimão.

Em síntese, a sede do coletivo manifesta uma arquitetura em constante mutação, que valoriza a experiência, o uso e a transformação. Ao incorporar elementos naturais, dissolver fronteiras entre interior e exterior e adotar estratégias de flexibilidade, o projeto reafirma sua condição de laboratório vivo de arquitetura, no qual a forma não é definitiva, mas sim resultado contínuo das práticas e reflexões, evidenciando as camadas invisíveis do espaço.

2.2.2 As camadas invisíveis da Sede do Superlimão

A análise da sensorialidade e da apropriação do espaço corporativo do Superlimão revela um ambiente que transcende a mera função utilitária de um local de trabalho, apresentando-se como um organismo vivo e em constante transformação, moldado pelas interações, memórias e subjetividades de seus ocupantes. O percurso espacial, desde a entrada até os ambientes internos, se configura como uma narrativa arquitetônica fluida, na qual a disposição dos elementos rompe com o padrão funcionalista de espera e recepção. A arquitetura atua aqui como mediadora de experiências, instaurando um campo sensível através das camadas invisíveis que despertam sensações de estranhamento, curiosidade e, por fim, pertencimento.

Diferentemente dos escritórios convencionais, onde a recepção ocupa papel burocrático e de controle, a entrada da sede do Superlimão introduz o visitante a um percurso imersivo (Figura 56 Imagem 1 e 2 e Figura 58 Imagem 8). A vegetação densa e os grafismos nas paredes já anunciam, desde os primeiros metros, a presença dos atributos de identidade visual e elementos decorativos. Como sustenta

Pallasmaa (2013, p. 129), os materiais possuem uma carga sensorial inerente que dialoga com a percepção humana, permitindo que os espaços sejam sentidos e vividos antes mesmo de serem compreendidos racionalmente. Nas colagens interpretativas, essa primeira impressão é acentuada pelo jogo entre sombra, cor e textura, ativando camadas táteis, visuais e olfativas que sugerem acolhimento e provocam o desejo de explorar.

Figura 56. Entrada - Colagens das Camadas Invisíveis



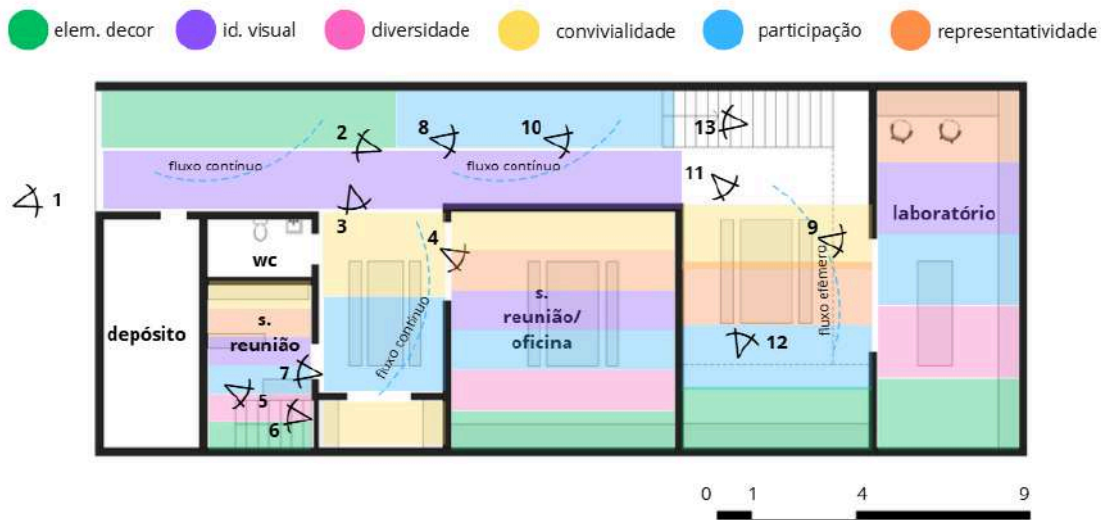
Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Entrada da edificação, configurada como ponto de transição e recepção, com presença marcante de vegetação e elementos gráficos. A numeração (1 e 2) refere-se às direções do olhar indicadas na planta, permitindo correlacionar as vistas registradas com suas posições espaciais no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

O painel de lambe-lambes com a identidade do estúdio, somado à vegetação exuberante e ao ambiente informal, expressa uma estética afetiva e cotidiana. O espaço não se impõe; ele acolhe, em um gesto de aproximação que já ativa as camadas invisíveis antes mesmo da entrada.

A trilha é sombreada por vegetação, marcada por degraus orgânicos e iluminação suave. A circulação é pensada como percurso sensorial, onde o verde e as texturas criam uma ambiência de pausa e encantamento. Essa transição entre o exterior e o interior do estúdio materializa o conceito de “habitar poético” (Bachelard, 2000) e reafirma a arquitetura como experiência vivida, mais do que apenas funcionalidade.

No primeiro nível acessado (figura 57), o espaço de espera foge à normatividade. Como indicam Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977, p. 709), o ato de aguardar pode ser ressignificado como experiência ativa e interativa quando o ambiente oferece estímulos visuais e oportunidades de convivência. Nesse ponto, o layout identificado em planta, com seus espaços híbridos, reforça a percepção da espera como espaço de permanência e troca. As colagens (Figura 58 Imagem 3) evidenciam essa dupla funcionalidade: trata-se de um lugar de transição, mas também de descanso e diálogo, onde o corpo se acomoda, observa e participa. Essa apropriação dinâmica se estende à área externa e aos espaços de apoio, como apontado por Julyana, integrante do time, o que mais a interessa é a “A liberdade e a versatilidade. Zonas como a Jaboticabeira ou a área da oficina podem ser usadas conforme a necessidade.” (Entrevista 12, 2025 - Ver Anexo E). A planta revela essa articulação entre espaços internos e externos, reforçando uma ambiência aberta à múltipla função.

Figura 57. Planta esquemática térreo Sede Superlimão - Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Planta esquemática do pavimento térreo com mapeamento dos atributos das camadas invisíveis (elementos decorativos, identidade visual, diversidade, convivialidade, participação e representatividade). Observa-se a presença de fluxos contínuos conectando diferentes áreas, com destaque para os pontos de reunião e passagem que favorecem a interação e a visibilidade entre ambientes. As setas numeradas correspondem às direções do olhar indicadas na planta, permitindo a correlação com as vistas apresentadas nas colagens. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

Figura 58. Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. As imagens registram desde áreas de encontro e convivência até espaços de trabalho e circulação, revelando como a materialidade, a personalização e os usos cotidianos contribuem para a experiência espacial. As numerações (3 a 8) correspondem às direções do olhar indicadas na planta (Figura 57), permitindo a correlação entre os pontos de observação e suas localizações no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

Nesta área central da planta (Figura 57 e Figura 58 Imagem 3), epicentro do cotidiano coletivo, manifestam-se com nitidez os atributos de convivialidade e

participação. Mesas coletivas, vegetação, objetos pessoais e a circulação fluida revelam a presença das camadas invisíveis do espaço como campo relacional. As colagens reforçam essa vitalidade, evidenciando cenas de pausas, encontros e gestos espontâneos de apropriação. Mais do que um espaço funcional, ali se configura uma ambiência que responde às necessidades emocionais e sociais dos usuários.

Essa zona híbrida funciona como extensão sensível do cotidiano do estúdio, onde o tempo desacelera e a troca entre visitantes e colaboradores acontece de forma informal. A arquitetura aqui atua como mediação afetiva entre o público e o interior do edifício.

A sala de reuniões principal (Figura 57 e Figura 58 Imagem 4) subverte a lógica hierárquica convencional. Ao reunir protótipos, livros, lembranças e objetos acumulados ao longo do tempo, o ambiente manifesta simultaneamente os atributos de diversidade, elementos decorativos e identidade visual. A representação gráfica da planta, cruzada com as colagens, revela esse acúmulo como forma de memória materializada. A oficina contígua à sala intensifica essa condição, permitindo a ação direta dos colaboradores sobre o espaço. Assim, arquitetura e cultura organizacional se entrelaçam, como expressão da filosofia experimental e participativa do Superlimão. A estética reforça a dimensão inacabada do espaço, em linha com os princípios do processo criativo aberto do Superlimão.

As marcas deixadas pelos usuários, visíveis nas colagens (Figura 57 e Figura 58 Imagem 4), prateleiras improvisadas, bilhetes, desenhos e objetos afetivos, reforçam a tese de Alexander, Silverstein e Ishikawa. (1977, p. 1166), de que o espaço ganha sentido ao absorver as histórias e rituais de seus ocupantes. Essa perspectiva reverbera visualmente nos registros gráficos, onde cada recanto exhibe uma estratificação simbólica, uma arquitetura que, mais do que construída, é constantemente vivida através de suas camadas invisíveis. Nesse sentido, Alexander, Silverstein e Ishikawa (1977, p. 1166) defendem que:

Não se deixe enganar acreditando que a decoração moderna precisa ser sofisticada ou psicodélica, 'natural' ou 'arte moderna', 'plantas' ou qualquer outra coisa que os formadores de gosto atuais afirmam. Ela é mais bonita

quando vem diretamente da sua vida — das coisas pelas quais você se importa, das coisas que contam a sua história. (Alexander, Silverstein e Ishikawa, 1977, p. 1166)

A pequena sala de reunião próxima à entrada é paradigmática (Figura 57 e Figura 58 Imagem 5, 6 e 7). Mesmo em sua escala reduzida, o espaço incorpora todos os atributos investigados. Diversidade de mobiliário, plantas, colagens nas paredes e objetos pessoais tornam o ambiente um microcosmo da filosofia do escritório. A estética do cotidiano, defendida por Bachelard (2000) como portadora de afetos e memórias, se concretiza ali de forma sensível e tangível. A existência de uma lojinha interna com frutas nesse espaço, mostra como pequenas decisões projetuais ativam camadas invisíveis de cuidado, hospitalidade e bem-estar subjetivo, indo além da lógica programática tradicional.

Neste local observa-se uma escada, ladeada por plantas em vasos suspensos, que demonstra cuidado cotidiano e valorização da natureza em espaços de menor circulação. Pequenos gestos como esse revelam apropriações afetivas que ativam camadas invisíveis de pertencimento. Ao lado está uma parede com fotos estilo *Polaroid* dos membros da equipe, acompanhadas de seus nomes, funcionando como dispositivo de representatividade simbólica. Essa visualidade reitera a identidade coletiva do estúdio, tornando visíveis os sujeitos por trás do espaço criativo — uma forma poética de “habitar” o lugar. E por fim, também se encontra nessa sala um arranjo de peças sobre o armário técnico, as quais evidenciam um gesto espontâneo de expressão estética. O imprevisto decorativo reforça a dimensão não-planejada do ambiente, onde o acúmulo material e simbólico constrói narrativas sensíveis à margem do programa arquitetônico formal.

Seguindo, o caminho até a parte inferior da planta, é um percurso estreito, ladeado por muros grafitados e vegetação madura, conectando diferentes camadas do edifício. A presença da árvore em meio ao caminho e a pintura colorida nas paredes criam uma atmosfera lúdica e orgânica, onde a arquitetura cede lugar à paisagem vivida.

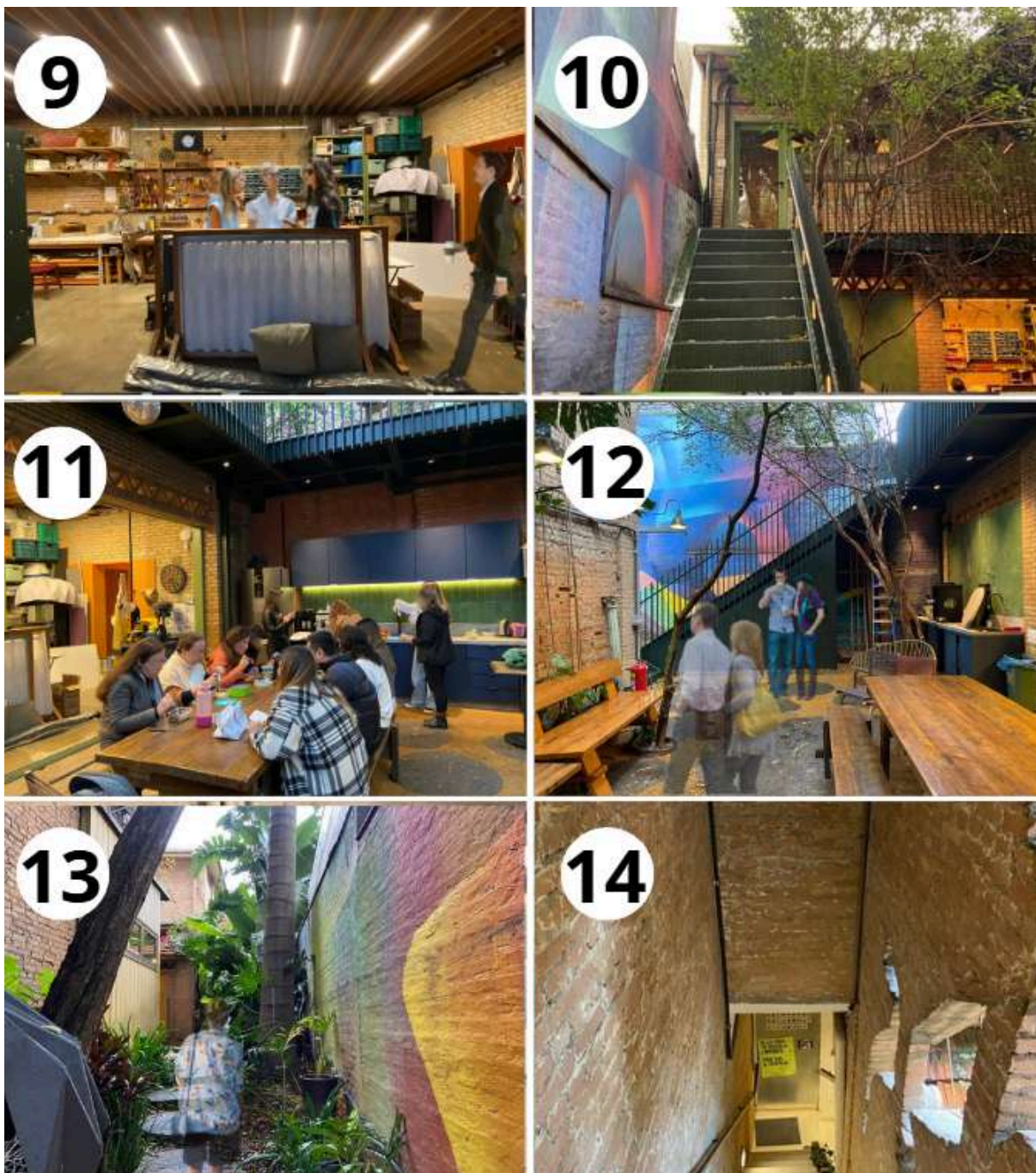
Ao atingir esse piso inferior, o laboratório preserva uma ambiência voltada ao trabalho técnico (Figura 57 e Figura 59 Imagem 9), mas ainda assim permeada por

signos afetivos. Essa estrutura física dá suporte direto à prototipagem e à experimentação em escala real, consolidando o espaço como ferramenta de criação.

Este espaço é um ambiente de criação compartilhado, com bancadas, ferramentas e protótipos em uso visível. O espaço combina organização e improviso, onde o “fazer” é valorizado como parte da identidade arquitetônica. A materialidade bruta e a iluminação quente criam uma atmosfera de pertencimento produtivo.

Ao lado está o acesso vertical para o mezanino, envolto por árvores e muros de tijolos aparentes. A justaposição entre o urbano e o natural revela a sensibilidade do projeto ao tempo e ao entorno, ativando um percurso simbólico de transição entre ritmos e ambiências.

Figura 59. Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Conjunto de vistas que registram diferentes perspectivas dos percursos e áreas adjacentes, evidenciando a integração entre espaços de convivência, circulação e transição. As imagens mostram desde áreas de encontro até percursos verticais e passagens externas, revelando a presença de vegetação, mobiliário e cores que caracterizam a identidade do local. As numerações (9 a 14) correspondem às direções do olhar indicadas na planta (Figura 57), permitindo correlacionar os pontos de observação com suas localizações no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

A convivialidade se manifesta com força na área de confraternização externa através das camadas invisíveis (Figura 57 e Figura 59 Imagem 10, 11, 12, 13), onde a configuração em bancos coletivos e a presença de vegetação reforçam a proposta de um espaço de pausa, não apenas física, mas emocional. As imagens e colagens documentam tais usos como práticas de cuidado coletivo e pertencimento simbólico.

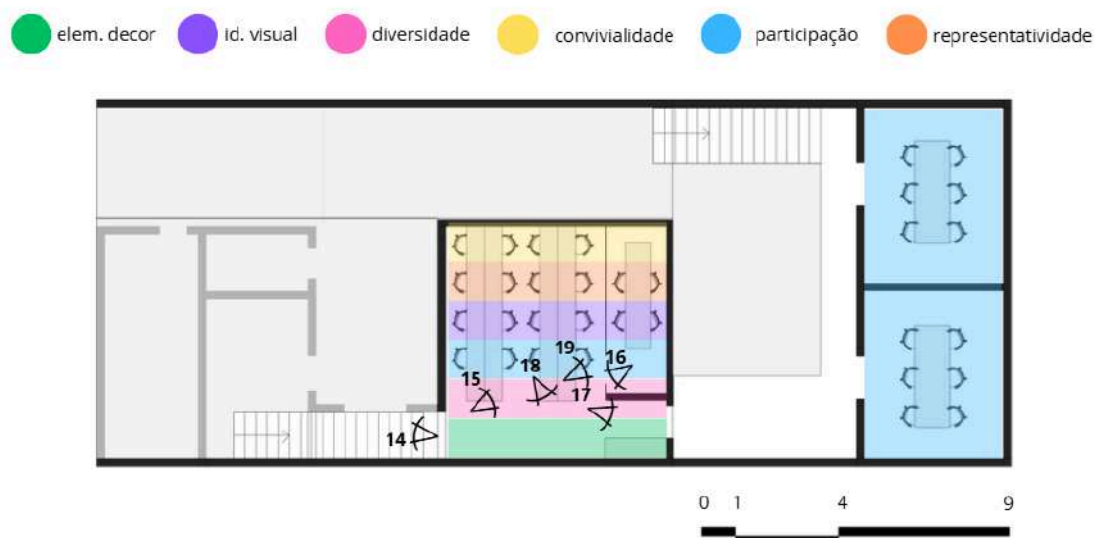
É neste espaço de alimentação e encontro, que o coletivo se manifesta cotidianamente. O mobiliário de madeira, a disposição dos usuários e a abertura para o pátio evocam a convivialidade descrita por Hertzberger (1999), reforçando vínculos horizontais e relações afetivas. As escadas e bancos criam diferentes níveis de apropriação, enquanto as cores vibrantes nas paredes sugerem uma espacialidade emocional e lúdica.

O percurso para o pavimento superior, é estreito e contemplativo, marcado por uma parede com pintura degradê e presença vegetal intensa. Esse espaço, funciona como canal de respiro e estética poética, mobilizando memória, tato e silêncio em meio ao cotidiano criativo. Em sequência, ao se direcionar para o salão de trabalho superior, depara-se com uma passagem discreta em tijolo aparente, com sinalização gráfica direta e vegetação pontual. O percurso em declive sugere um mergulho gradual no espaço do estúdio, operando como um ritual de transição entre parte social e íntima do Superlimão.

A principal sala de trabalho (figura 60 e 61) concentra os cinco atributos: é um espaço decorado, vivido e adaptado. As colagens capturam cenas de troca afetiva, reuniões informais e gestos de personalização — indicando que o espaço não apenas acolhe, mas reflete os sujeitos. As salas mais reservadas, no lado direito da planta, embora menos utilizadas, mantêm potencial de apropriação futura, o que atesta a flexibilidade do projeto.

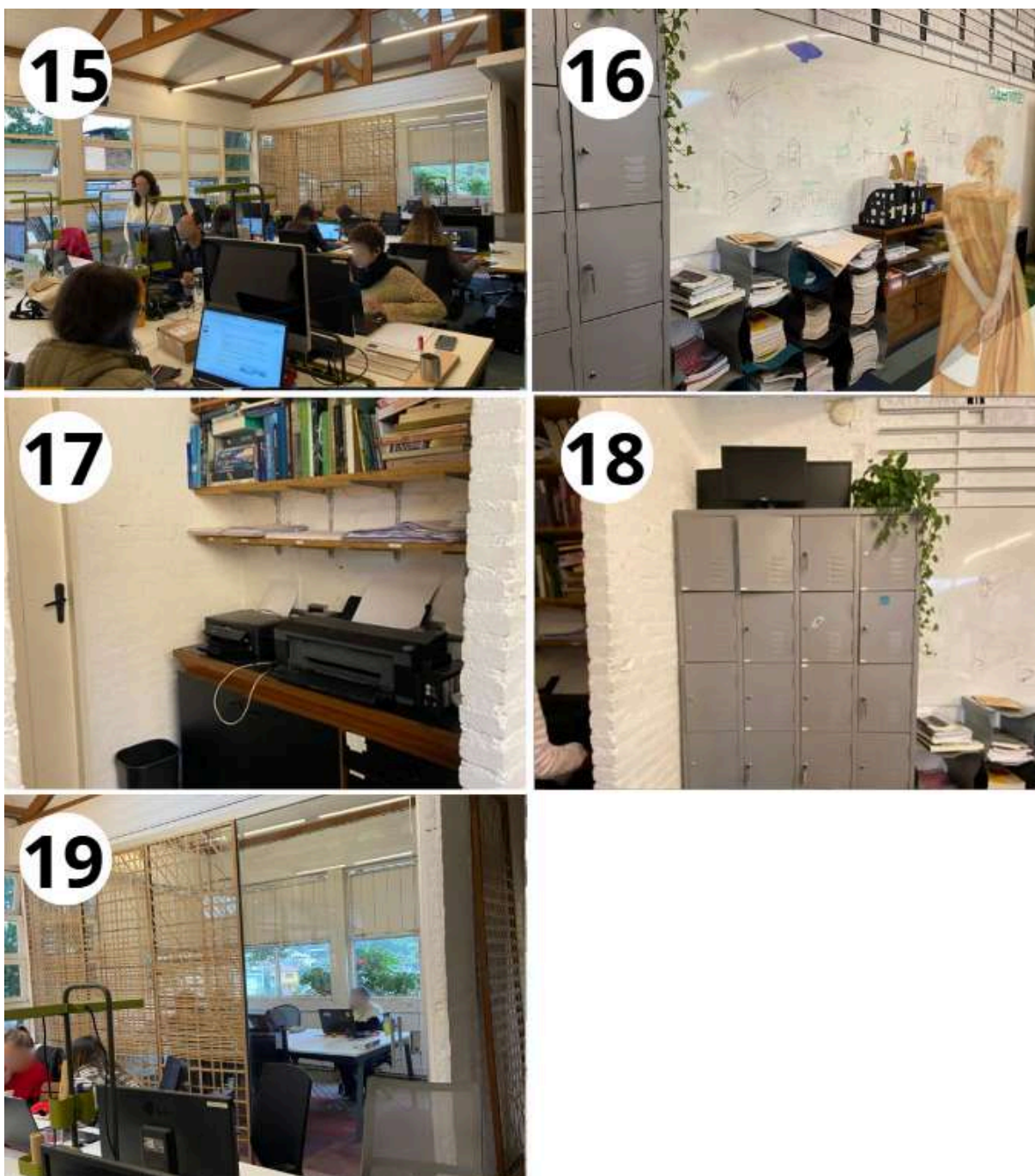
O ambiente é arejado e bem iluminado, com estrutura de madeira aparente e grandes aberturas para o exterior. A organização das mesas em fileiras compartilhadas favorece a horizontalidade e a comunicação entre os colaboradores, promovendo um espaço fluido, funcional e relacional. A leveza da divisória em trama natural reforça a estética natural e informal.

Figura 60. Planta esquemática Pav. Superior Sede Superlimão - Atributos das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Planta esquemática do pavimento superior com mapeamento dos atributos das camadas invisíveis (elementos decorativos, identidade visual, diversidade, convivialidade, participação e representatividade). Observa-se a presença de áreas de trabalho coletivo, com incidência de atributos ligados à identidade visual e convivialidade, além de pontos de participação em salas específicas. As setas numeradas (14 a 19) indicam as direções do olhar registradas nas colagens, permitindo correlacionar as vistas aos seus pontos de observação no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

Figura 61. Colagens das Camadas Invisíveis



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Conjunto de vistas internas do pavimento superior, evidenciando áreas de trabalho coletivo, mobiliário funcional, elementos decorativos e suportes de organização. As imagens revelam diferentes ângulos do espaço, desde o ambiente principal de estações compartilhadas até áreas de apoio e armazenamento. As numerações (15 a 19) correspondem às direções do olhar indicadas na planta (Figura 60), permitindo correlacionar os pontos de observação com suas localizações no layout. Fonte: Acervo pessoal, 2025. Imagem editada pela autora.

Nas paredes estão registros gráficos, rabiscos e ideias em processo, revelando o pensamento projetual como algo vivo e coletivo (Figura 61, Imagem 16). A presença dos armários baixos e da vegetação pendente compõem um cenário de trabalho espontâneo, onde o acúmulo é parte do fazer criativo. A materialidade improvisada reforça o caráter orgânico da prática do estúdio.

Até no espaço de suporte técnico com impressoras, as estantes estão repletas de livros, manuais e materiais (Figura 61, Imagem 17). O arranjo informal e a mescla entre o analógico e o digital revelam a pluralidade dos processos do Superlimão, onde a experimentação convive com a técnica.

Ao lado, está a área de armazenamento pessoal, onde cada colaborador possui um compartimento individual. Esses armários reforçam a autonomia dos usuários e expressam um cuidado com a individualidade dentro do coletivo. O contraste entre o branco da parede e o metal reforça a estética bruta e funcional.

A divisória em trama natural (Figura 61, Imagem 19), da sala de reuniões fechada, delimita, mas não isola, criando uma sensação de continuidade espacial. A presença de janelas grandes permite a entrada abundante de luz natural, articulando conforto ambiental e conexão com o exterior. A planta no canto e os detalhes pessoais sobre as mesas demonstram apropriação sensível do espaço.

Hertzberger (1999, p. 24) observa a importância da liberdade na organização espacial, permitindo que os usuários tenham autonomia para transformar o ambiente de acordo com suas necessidades e dinâmicas sociais. Essa fluidez se manifesta no Superlimão através de mobiliário flexível, arranjos espontâneos e dinâmicas de uso moldadas pela autonomia. A planta esquemática mostra a distribuição não hierárquica dos ambientes, enquanto as colagens revelam sua ativação afetiva. Esse princípio se reflete também na cultura interna do uso dos espaços do escritório: “É bem flexível. Temos locais para reuniões, trabalho individual ou informal. Cada um escolhe onde quer trabalhar, desde que respeite o bom senso no uso coletivo.” (Antonio, Entrevista 12, 2025 - Ver Anexo E).

Bachelard (2000, p. 45) argumenta que a experiência de habitar um espaço não se limita à sua física tangível, mas se expande para as emoções e memórias

evocadas por ele e nesse sentido, o Superlimão desafia o paradigma do escritório neutro. Ele se apresenta como um lugar onde a arquitetura abriga tanto as funções quanto os desejos. A leitura imagética, que integra planta, colagens e sensações, permite captar essas camadas invisíveis que constituem o verdadeiro ethos do espaço.

A sede do Superlimão se impõe como contraponto a essa esterilização dos ambientes contemporâneos. Ao articular dimensões sensíveis, simbólicas e funcionais, o espaço promove novas formas de viver/exercer as camadas invisíveis no trabalho: mais horizontais, abertas e subjetivas. A arquitetura, aqui, não organiza apenas corpos, ela organiza sentidos. E ao fazer isso, transforma o escritório em lar, e o cotidiano em paisagem.

3 PARA UMA CRÍTICA DA ARQUITETURA CORPORATIVA DO SUPERLIMÃO ATRAVÉS DAS CAMADAS INVISÍVEIS

3.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS — ESTUDO DE CASO: SEDE DO AMPFY

A análise da sede da Ampfy evidencia como a arquitetura corporativa contemporânea se constrói entre duas forças complementares: de um lado, a afirmação institucional e, por outro, a busca pela humanização do espaço de trabalho. A identidade visual extrapola a dimensão gráfica da marca e se inscreve na própria espacialidade. O túnel de acesso em amarelo, por exemplo, funciona como um limiar simbólico, convertendo o ingresso no edifício em um ritual de passagem. Como sugere Bachelard (2000), a soleira não é apenas um limite físico, mas um lugar de transição que carrega densidade poética; aqui, ela se expande cromaticamente, intensificando a experiência sensorial do visitante e dos colaboradores. Trata-se de um gesto que, ao mesmo tempo em que reforça o pertencimento coletivo, direciona a vivência, conformando a camada simbólica do espaço.

Essa dimensão se articula àquilo que Heidegger (1951) entende como a “espacialidade existencial” do habitar: estar em um lugar é também assumir modos de ser-no-mundo mediados pela arquitetura. O projeto da Ampfy mobiliza esse sentido ao valorizar atmosferas que, como aponta Zumthor (2006), se constroem a partir de luz, cor, textura e materialidade. A presença da vegetação e da luz natural, associadas ao conceito de biofilia (Kellert, 2008), reitera essa perspectiva, aproximando o interior do ambiente urbano e oferecendo uma experiência que reforça vínculos afetivos e psicológicos com o espaço. Mesmo ambientes informais, como o chamado “fumódromo” (figura 62), funcionam como lugares de decompressão, confirmando a relevância das zonas de transição na ativação da convivialidade cotidiana.

Figura 62. Área Externa/ Fumódromo



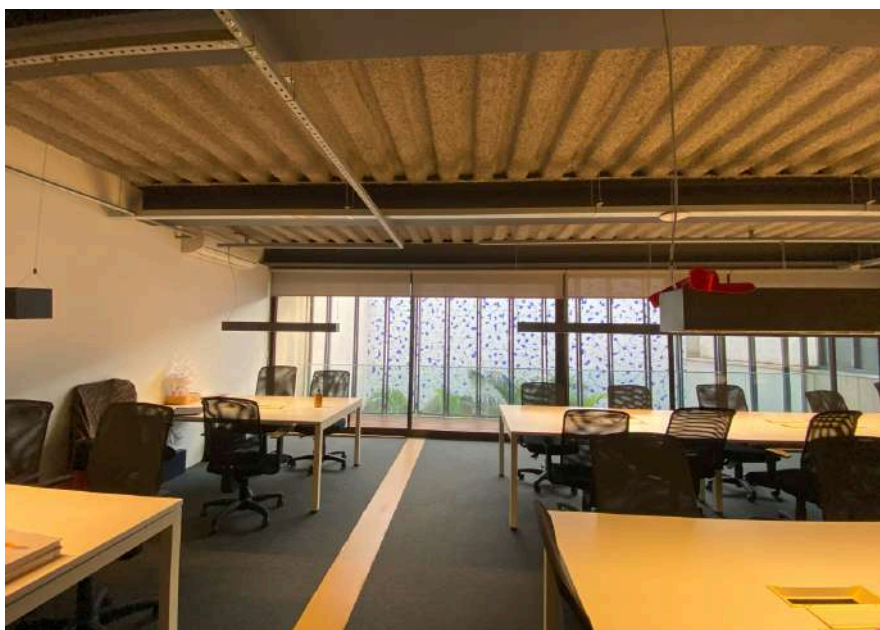
Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Espaço externo configurado como área de convivência e fumódromo, com mobiliário coletivo em madeira, vegetação distribuída ao longo das laterais e iluminação cênica por cordões de lâmpadas. O ambiente cria um ponto de pausa e interação, integrado ao contexto urbano ao redor. Fonte: Acervo autora, 2025.

Os elementos decorativos e os mobiliários híbridos introduzem uma escala mais doméstica e afetiva, instaurando camadas sensoriais que suavizam a rigidez do ambiente corporativo. Nesse sentido, o projeto dialoga com Hertzberger (1999), para quem a arquitetura deve oferecer estruturas abertas, passíveis de apropriação e ressignificação pelo usuário. Ainda que a personalização permaneça tímida, restrita a objetos discretos nas estações de trabalho, percebe-se a intenção de estimular vínculos de pertença, mesmo em meio às normativas organizacionais que regulam o grau de expressão individual.

A diversidade de layouts, que combina áreas de lounge, mesas coletivas e estações individuais, favorece a autodeterminação do uso e se conecta à camada

existencial ao ampliar as possibilidades de escolha e de modos de estar. Tal multiplicidade traduz o que Pallasmaa (2011) chama de corporeidade da experiência arquitetônica: o espaço convida o corpo a múltiplas formas de presença, escapando à homogeneização funcional. Entretanto, nas áreas de mesas de trabalho, prevalece uma configuração mais tradicional e funcional (figura 63), marcada pelo alinhamento e pela lógica da produtividade, o que contrasta com a fluidez e a informalidade dos demais ambientes. Ainda assim, a separação sutil entre áreas de liderança e equipe revela permanências hierárquicas, lembrando que, como discute Norberg-Schulz (1980, p. 23), o espaço não se reduz a um fluxo de fenômenos, mas possui estruturas e significados que organizam a experiência e fundamentam formas coletivas de habitar.

Figura 63. Pavimento de trabalho



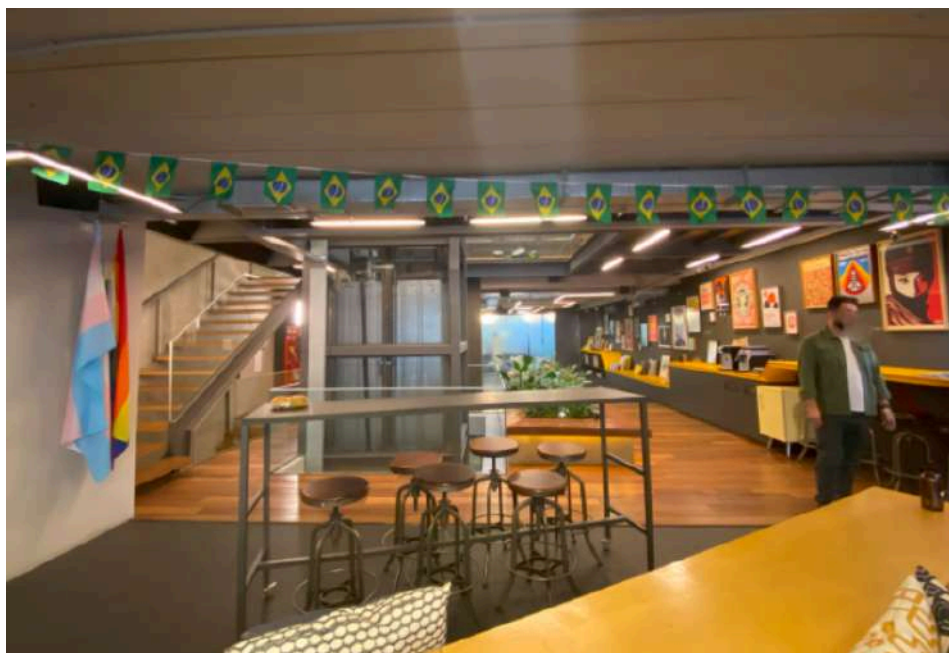
Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Área de trabalho coletivo com estações distribuídas em planta livre, iluminação natural proveniente de esquadrias amplas e fechamento em vidro com padrão gráfico. Fonte: Acervo autora, 2025.

A participação dos colaboradores, embora ainda discreta, manifesta-se nas formas como os espaços são vividos e reinterpretados no cotidiano. As áreas coletivas, como lounges e varandas, tornam-se lugares de encontro e socialização, frequentemente ressignificados para além do uso previsto no projeto. Esse uso criativo e, por vezes, improvisado, mostra que a apropriação não ocorre apenas na

dimensão física, mas também na simbólica, quando os usuários inscrevem no espaço seus gestos, ritmos e memórias.

A convivialidade, na sede da Ampfy, encontra-se estruturada sobretudo no térreo (figura 64 e 65), concebido como espaço de informalidade e desconpressão. O uso de mobiliário móvel, áreas abertas e percursos fluidos favorece encontros espontâneos e a circulação entre diferentes grupos, estimulando interações que extrapolam a lógica estritamente produtiva. Essa espacialidade responde ao que Hertzberger (1999) chama de “estrutura aberta”, em que o edifício não impõe funções rígidas, mas oferece suporte a múltiplas formas de uso. Do ponto de vista das camadas invisíveis, o térreo ativa a camada comunitária, pois ao invés de reproduzir hierarquias, fomenta vínculos horizontais e relações de sociabilidade que se entrelaçam às tarefas cotidianas, aproximando o espaço de um lugar de convivência compartilhada.

Figura 64. Transição de pisos, decorações, materialidades - Ampfy



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Vista interna evidenciando a integração entre diferentes pavimentos por meio da transição de pisos, mobiliário e elementos decorativos. A cena destaca a diversidade de materiais e texturas, a presença de elementos gráficos e simbólicos, além de áreas de estar e circulação que favorecem a interação entre usuários. Fonte: Acervo autora, 2025.

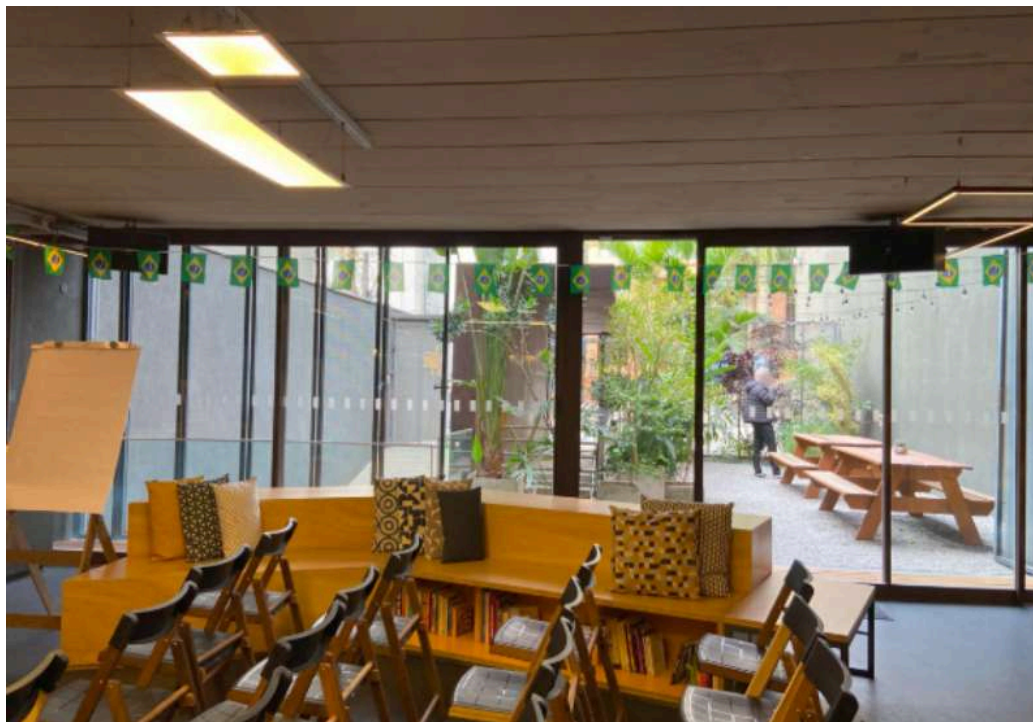
Figura 65. Elementos decorativos - Ampfy



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Vista interna da sede da Ampfy, evidenciando a integração de elementos gráficos, mobiliário e vegetação no espaço de convivência. A composição apresenta uma curadoria de pôsteres e objetos decorativos que reforçam a identidade visual e a atmosfera descontraída do ambiente. Fonte: Acervo autora, 2025.

Essa dimensão comunitária conecta-se àquilo que Yi-Fu Tuan (1974) descreve como topofilia, isto é, o enraizamento afetivo no espaço. O uso de texturas naturais, mobiliários com escala doméstica e ambientações familiares amplia a sensação de aconchego, transformando o escritório em um lugar vivido (figura 66). Essa leitura dialoga com Bachelard (2000), para quem a casa é matriz da experiência íntima do habitar, e com Pallasmaa (2011), ao afirmar que a arquitetura só se torna significativa quando incorporada pelo corpo e pela memória. Na Ampfy, essa estratégia projeta o escritório como extensão de experiências sensoriais e afetivas que ultrapassam a função laboral.

Figura 66. Vista para área externa - Ampfy



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil. Ambiente interno configurado como área de apresentações e reuniões informais, com mobiliário flexível e elementos de conforto. A vista para o pátio externo, composta por vegetação e mesas coletivas, reforça a integração visual e funcional entre os espaços interno e externo. Fonte: Acervo autora, 2025.

Por fim, a representatividade emerge como atributo ambivalente. De um lado, a identidade institucional se materializa na paleta cromática e nos dispositivos visuais que remetem à marca, inscrevendo a cultura corporativa na materialidade do espaço. De outro, a flexibilidade das áreas comuns e a abertura a usos múltiplos permitem que expressões individuais e coletivas dos colaboradores coexistem com essa inscrição institucional. Tal ambiguidade revela, à luz de Norberg-Schulz (1980, p. 5; p. 23), a capacidade do espaço de articular significados compartilhados — ligados ao caráter e à estrutura dos lugares — ao mesmo tempo em que se abre à pluralidade de interpretações que emergem da experiência vivida. Assim, as camadas invisíveis da Ampfy operam em tensão: servem como suporte à cultura da empresa, mas também como campo de construção de identidades pessoais.

A seguir, na tabela 03, são sintetizados os cinco atributos investigados em planta e em imagens que representam nos espaços construídos e apropriados, evidenciando como esses elementos operam na constituição das camadas

invisíveis, aquelas que não se manifestam apenas na materialidade arquitetônica, mas nos usos, percepções e simbolismos:

Tabela 03. Resultados atributos Ampfy

Atributo	Observações no Projeto Ampfy
Identidade visual	<p>A identidade visual do projeto não se limita à comunicação institucional da empresa, mas se manifesta de forma mais ampla nos próprios espaços construídos. Se o amarelo vibrante, cor da marca, contribui para a coesão simbólica e o reconhecimento desde o acesso, a identidade visual também se desdobra em outras camadas. Os ambientes de trabalho apresentam uma linguagem funcional e contida, marcada por mobiliário modular e organização simétrica, enquanto os espaços de convivência adotam uma estética mais afetiva e descontraída, com objetos decorativos, iluminação suave e materiais naturais. Já o contato com o exterior, mediado por pátios e recuos ajardinados, evoca sensações de respiro e reconexão com o urbano. Assim, a identidade visual do edifício emerge da articulação entre a marca, os usos e a atmosfera de cada ambiente, revelando diferentes registros simbólicos que coexistem no cotidiano corporativo.</p>
Elementos decorativos	<p>A estética híbrida observada nos interiores da sede da Ampfy expressa-se pela justaposição de elementos arquitetônicos típicos do universo corporativo, como divisórias envidraçadas, estações de trabalho organizadas e iluminação técnica, com características do ambiente doméstico. Essa hibridização se manifesta em detalhes como estantes com livros e objetos afetivos, quadros com referências gráficas variadas, mobiliário com tecidos confortáveis e cores vibrantes, além da presença de almofadas, vasos de plantas e iluminação indireta. Tais escolhas espaciais criam uma ambiência acolhedora e sensorialmente envolvente, ativando memórias e afetos do cotidiano³³. No contexto deste trabalho, entende-se ambiência como a qualidade sensível e simbólica que emerge da interação entre forma, materialidade, uso e percepção, capaz de influenciar o comportamento e a experiência dos</p>

³³ Como propõem Pallasmaa (2011) e Bachelard (2000).

	usuários. Ao incorporar o doméstico no espaço de trabalho, o projeto promove a humanização do ambiente corporativo e reforça o vínculo emocional com o espaço.
Diversidade	A diversidade no projeto se manifesta não apenas por objetos pessoais dispersos nas estações de trabalho, mas, sobretudo, pela variedade de mobiliários e pelas possibilidades de uso que eles oferecem. A coexistência de mesas coletivas, estações individuais, áreas lounge e espaços informais de reunião permite que cada colaborador encontre um modo de ocupação mais alinhado às suas preferências e ritmos de trabalho. Essa multiplicidade espacial sugere uma abertura à subjetividade e à autodeterminação do uso, ainda que de forma implícita. A linguagem visual despojada e a organização não rígida dos ambientes apontam para uma disposição em acolher diferentes estilos de trabalho e modos de estar, contribuindo para a construção de um espaço mais inclusivo e adaptável às singularidades dos usuários.
Convivialidade	O térreo da edificação é dedicado à convivência e à informalidade, com mobiliário móvel e áreas de desconpressão. Esses espaços favorecem encontros espontâneos e troca entre os colaboradores. ³⁴
Participação	Há uma apropriação moderada do espaço pelos usuários. Embora sejam encontrados objetos pessoais e marcas cotidianas, a personalização ainda é contida, muitas vezes restrita a áreas específicas e pouco visível nas zonas de maior circulação. No entanto, é possível perceber uma participação significativa por meio da forma como os espaços são efetivamente ocupados no dia a dia. A arquitetura oferece liberdade de uso e estimula a autonomia dos colaboradores na escolha de onde e como trabalhar, seja em mesas coletivas, áreas de convivência ou ambientes mais introspectivos. Essa flexibilidade de ocupação evidencia que, ainda que os gestos de personalização física sejam discretos, há uma apropriação simbólica do espaço, traduzida em usos diversos e espontâneos que reforçam o vínculo entre usuários e ambiente.

³⁴ Em consonância com Hertzberger (1999) e Gehl (2013).

Representatividade e	Elementos como o paredão de azulejos personalizado, o corredor amarelo vibrante e a configuração fluida dos ambientes revelam uma intenção projetual de inscrever a cultura institucional na materialidade do espaço. No entanto, a representatividade não se limita à marca: observa-se também uma abertura à expressão dos colaboradores. A valorização de zonas informais de convivência, como a copa central com objetos afetivos, o mobiliário modular de uso coletivo e a estante com livros e adornos variados, aponta para uma tentativa de acolher diferentes modos de estar e trabalhar. Esses recursos ativam camadas simbólicas de pertencimento e identificações subjetivas, permitindo que o espaço reflita não apenas a identidade da empresa, mas também as identidades múltiplas dos indivíduos que o habitam cotidianamente. Assim, a arquitetura atua como mediadora entre os valores corporativos e as vivências pessoais, promovendo uma ambiência mais inclusiva e relacional.
----------------------	--

Fonte: Autora, 2025.

Esses atributos foram representados por meio de colagens interpretativas, que se configuram não apenas como recurso ilustrativo, mas como instrumento crítico. A metodologia adotada orienta a análise visual para além da descrição, transformando a colagem em um processo de interpretação simbólica e cultural, no qual o observador participa ativamente da construção de sentidos. Ao sobrepor camadas perceptivas e projetar atmosferas, a colagem reitera o caráter fenomenológico da investigação, funcionando como gesto analítico e criativo que revela dimensões invisíveis à leitura tradicional da planta.

Nesse sentido, o uso das colagens na análise da sede da Ampfy não apenas representou os ambientes, mas evidenciou suas atmosferas emocionais, os gestos cotidianos de apropriação e as subjetividades que emergem nas margens do espaço normatizado. Aqui, a imagem operou justamente como meio sensível de revelação dessas vivências, em paralelo à leitura fenomenológica.

Assim, a sede da Ampfy evidencia que a arquitetura corporativa contemporânea se constrói em permanente tensão: entre identidade institucional e apropriação individual, entre convivialidade e normatividade, entre humanização e controle simbólico. Essas contradições não invalidam a potência do espaço, mas a revelam: é justamente na coexistência desses paradoxos que se ativam as camadas invisíveis, transformando o escritório em território de disputa simbólica e de construção de sentidos. É nesse campo de tensões que a fenomenologia se mostra uma chave interpretativa fecunda, capaz de iluminar como os ambientes corporativos configuram não apenas práticas de trabalho, mas modos de habitar o mundo.

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS — ESTUDO DE CASO: SEDE DO SUPERLIMÃO

A análise crítica da sede do Superlimão, em São Paulo, evidencia como a arquitetura corporativa pode operar como campo de articulação das *camadas invisíveis* — dimensões simbólicas que se manifestam nos usos cotidianos, nas percepções sensoriais e nos significados compartilhados. A identidade visual do escritório não se apoia em um branding gráfico previamente estruturado, ainda que exista uma identidade comercial, mas se constrói de modo orgânico e processual no espaço. Amostras de materiais, desenhos nas paredes e objetos afetivos convivem com elementos preservados do galpão original, como tijolos aparentes e estruturas metálicas (figura 67), transformando o edifício em suporte da vida cotidiana.

Figura 67. Detalhes - Superlimão



Projeto: Superlimão, 2016. Localização: São Paulo, Brasil.
Vista interna destacando elemento de alvenaria aparente com recortes orgânicos, que funcionam como aberturas

para iluminação e enquadramento visual da vegetação externa. O detalhe evidencia a integração entre materialidade rústica e paisagem, reforçando o caráter artesanal e expressivo da obra. Fonte: Acervo autora, 2025.

A estética experimental e inacabada reforça a ideia de autenticidade e aproxima o projeto tanto da noção de “atmosferas” de Zumthor (2006), em que a experiência sensível prevalece sobre a forma, quanto da defesa de Hertzberger (1999) por ambientes abertos à apropriação e ao vivido. No Superlimão, a arquitetura não se encerra em sua materialidade, mas se completa na prática cotidiana, no gesto, no imprevisto e na presença dos usuários, confirmando a potência do espaço como mediador de experiências e significados.

Os elementos decorativos constituem outra camada crítica: protótipos, peças de design em teste e materiais brutos expostos não cumprem apenas função estética, mas traduzem o processo criativo como parte da própria arquitetura. Simitch (2014) lembra que a materialidade é portadora de significados culturais; aqui, ela atua como extensão do corpo criador, revelando uma estética de imperfeição que resiste à homogeneização do ambiente corporativo. Pallasmaa (2013) reforça essa leitura ao destacar a dimensão tátil da arquitetura como meio de memória corporal e enraizamento no espaço.

A diversidade espacial se manifesta na multiplicidade de ambientes, da oficina aberta às áreas de descanso, dos pátios íntimos às mesas coletivas, permitindo que o espaço seja apropriado segundo diferentes ritmos e modos de estar (figura 68), se alinhando a ideia de “shearing layers” (Brand, 1994). Essa abertura conecta-se à corporeidade defendida por Pallasmaa (2013), em que o corpo é convidado a experimentar a arquitetura de forma plural e multissensorial, escapando da homogeneização funcional. Alexander, Silverstein e Ishikawa (1977) reforçam essa ideia ao destacar a importância de níveis variados de intimidade, do coletivo ao reservado, o que aqui se traduz em espacialidades que acolhem tanto a concentração quanto a interação.

Figura 68. Laboratório - Superlimão



Projeto: Superlimão, 2024. Localização: São Paulo, Brasil. Espaço destinado à prototipagem e experimentação, equipado com bancadas de trabalho, ferramentas, materiais diversos e mobiliário de apoio. Fonte: Acervo autora, 2025.

No atributo da convivialidade, o projeto revela sua maior força crítica: a copa integrada, os jardins internos e os espaços de prototipagem funcionam como catalisadores da vida coletiva, ativando sociabilidade sem impor regras rígidas. Hertzberger (1999) já defendia a necessidade de arquiteturas abertas à apropriação e ao encontro, e nesse caso, a disposição de mobiliário flexível e áreas abertas permite que a convivência emerja de forma espontânea.

A participação dos usuários se evidencia na apropriação cotidiana: objetos pessoais, intervenções gráficas, colagens e marcas de uso tornam-se constitutivos da espacialidade. A configuração não hierárquica, sem imposição rígida de setores, amplia esse sentido participativo.

Por fim, a representatividade da sede do Superlimão ultrapassa a dimensão institucional e se projeta como extensão simbólica da própria cultura criativa do grupo. O edifício não apenas acolhe o trabalho, mas materializa a memória coletiva, o tempo e os gestos cotidianos dos seus usuários. Nesse sentido, aproxima-se do “habitar poético” de Bachelard (2000) na medida em que o espaço não é apenas

cenário, mas ressonância do modo de vida ali praticado. A seguir, sintetiza-se a análise segundo os atributos espaciais investigados na tabela 04:

Tabela 04. Resultados atributos Superlimão

Atributo	Observações no Projeto Ampfy
Identidade visual	A identidade do Superlimão é construída por meio de uma estética espontânea e autêntica, expressa em amostras de materiais, desenhos nas paredes e objetos afetivos. Essa visualidade não decorre de um projeto gráfico deliberado, mas de um acúmulo orgânico, coerente com a ideia de ambiente com marcas da vida real ³⁵ . A presença de colagens e esquemas visuais também atua como narrativa em construção, evidenciando o cotidiano produtivo e coletivo do grupo.
Elementos decorativos	Os elementos decorativos não seguem um padrão institucionalizado, mas derivam da prática experimental do escritório: peças de design, protótipos e materiais em teste. Essa estética inacabada reforça a dimensão do processo, deslocando o foco da representação para o fazer. Como observa Simitch (2014), a materialidade carrega significados culturais, e aqui ela é compreendida como extensão do próprio corpo criador, tátil, mutável, imperfeita.
Diversidade	O projeto não impõe um modo único de estar. A multiplicidade de ambientes, da oficina aberta aos pátios íntimos, passando por mesas coletivas e áreas de descanso, permite que cada usuário encontre modos diversos de habitar o espaço. Essa abertura espacial favorece as camadas invisíveis em diferentes ritmos, preferências e posturas de trabalho, em linha com as proposições de Hertzberger (1999) sobre apropriação ativa e com o princípio fenomenológico da corporeidade do espaço desenvolvido por Pallasmaa (2013). De acordo com Alexander, Silverstein e Ishikawa (1977, p. 613-619), a arquitetura deve

³⁵ Alexander, Silverstein e Ishikawa. (1977).

	considerar diferentes níveis de intimidade, variando do espaço social até as áreas mais reservadas.
Convivialidade	A espacialidade do Superlimão estimula encontros casuais, interações informais e trocas horizontais. Ambientes como a copa integrada, os jardins internos e os espaços de prototipagem atuam como catalisadores da vida coletiva. Aqui, a convivência não é imposta por regras espaciais, mas emergente de oportunidades de encontro.
Participação	A apropriação do espaço pelos usuários é visível nos objetos pessoais, intervenções gráficas e no próprio modo como o espaço é utilizado no cotidiano. A arquitetura oferece liberdade de ocupação e estimula a autonomia. A configuração não hierárquica também favorece essa participação, reforçando o pertencimento coletivo e tocando nas camadas invisíveis.
Representatividade e	A sede do Superlimão representa não apenas uma empresa, mas uma cultura. A arquitetura se transforma em extensão simbólica da prática criativa, permitindo que a memória, o corpo e a coletividade deixem marcas. A alternância de escalas e o uso da matéria bruta reforçam essa representação como algo tangível e sensível.

Fonte: Autora, 2025.

Assim, a crítica à sede do Superlimão mostra que cada atributo ambiental influencia diretamente a constituição das *camadas invisíveis*. A identidade e os elementos decorativos ativam significados culturais; a diversidade e a convivialidade estruturam sociabilidades; a participação inscreve o espaço no cotidiano; e a representatividade consolida a arquitetura como mediação entre corpo, memória e coletividade. Nesse sentido, a sede do Superlimão demonstra que a arquitetura corporativa, quando aberta à experimentação, pode ser simultaneamente infraestrutura produtiva e campo de produção cultural, afetiva e simbólica — um

espaço que não apenas abriga o trabalho, mas o ressignifica em sua dimensão humana e existencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral investigar como a arquitetura corporativa pode fomentar ou limitar as camadas invisíveis, sensoriais, simbólicas e relacionais, que atravessam a experiência dos usuários nos espaços de trabalho. A partir de uma abordagem fenomenológica, buscou-se compreender o espaço não apenas como suporte físico para a atividade laboral, mas como lugar vivido, carregado de afetos, memórias e significados. A pesquisa partiu da seguinte questão central: *De que maneira a arquitetura corporativa pode promover experiências como pertencimento, representatividade e identificação por meio da ativação das camadas invisíveis no espaço de trabalho?*

Para responder a essa pergunta, foram analisados dois estudos de caso: a sede da agência Ampfy e a sede do próprio escritório Superlimão. Ambos os projetos, embora distintos em linguagem e estratégia, compartilham o intento de superar os paradigmas tradicionais da arquitetura corporativa, promovendo uma relação mais sensível e subjetiva com o espaço. A análise se deu por meio de três etapas metodológicas: levantamento empírico (visitas, entrevistas, registros fotográficos e técnicos), análise fenomenológica com base em autores como Bachelard (2000), Hertzberger (1999), Pallasmaa (2011) e Zumthor (2006).

Os principais achados revelam que a arquitetura, quando pensada a partir do corpo e da experiência cotidiana, é capaz de ativar dimensões subjetivas profundas presentes nos espaços corporativos. A sede da Ampfy, com seu forte apelo visual e cromático, operou em uma chave de identidade institucional controlada, oferecendo zonas de convivialidade, uso biofílico e momentos de transição sensorial. No entanto, revelou limitações quanto à personalização dos espaços e apropriação simbólica pelos usuários, em função da manutenção de estruturas hierárquicas. Já a sede do Superlimão apresentou-se como um ambiente mais orgânico, construído por acúmulo e apropriação contínua, em que a identidade visual emerge do cotidiano, da experimentação material e da liberdade de ocupação. O espaço tornou-se, assim, uma extensão viva da prática criativa do escritório, possibilitando múltiplas formas de habitar e coexistir.

Embora ambas as sedes, Ampfy e Superlimão, compartilhem a intenção de superar os paradigmas tradicionais da arquitetura corporativa, seus caminhos projetuais divergem significativamente na maneira como articulam espaço, identidade e sensorialidade. A Ampfy adota uma linguagem mais controlada e simbólica, em que a cor amarela e os elementos visuais da marca estruturam o espaço como extensão institucional. Já o Superlimão opta por uma estética espontânea e orgânica, onde os elementos decorativos emergem do cotidiano e a identidade visual é construída por acúmulo, não por imposição. Enquanto a sede da Ampfy revela um discurso mais formalizado de branding arquitetônico, a do Superlimão privilegia a experiência como processo contínuo de criação e apropriação simbólica.

Tabela 05. Quadro sintético comparativo dos dois casos

Atributo	Ampfy	Superlimão
Identidade Visual	Uso institucionalizado da cor amarela e elementos visuais da marca; coesão simbólica explícita.	Construída por acúmulo orgânico; marca aparece de forma espontânea, ligada ao cotidiano criativo.
Elementos Decorativos	Livros, quadros e mobiliário descontraído com estética híbrida e toque doméstico, mas ainda moderado.	Decoração com protótipos, mockups e objetos afetivos; estética de processo e não de finalização.
Diversidade	Múltiplas formas de uso do espaço, com variedade de mobiliários; diversidade implícita.	Pluralidade de ambientes e modos de uso; abertura sensível às singularidades e ritmos dos usuários.

Convivialidade	Térreo com áreas de descompressão e convivência informal; encontros espontâneos incentivados.	Copa integrada, jardins internos e pátios íntimos promovem trocas informais e vida coletiva.
Participação	Apropriação simbólica discreta; pouca personalização física visível em zonas de circulação.	Apropriação explícita e criativa por parte dos usuários; objetos pessoais, intervenções gráficas.
Representatividade	Elementos como o túnel amarelo e paredes personalizados representam a cultura da empresa.	Arquitetura como extensão simbólica da prática criativa; representação plural e afetiva.

Fonte: Autora, 2025

Além disso, há diferenças importantes na relação com o urbano e com os usuários. A Ampfy insere-se com um gesto mais explícito de visibilidade e transparência, criando zonas de transição bem delimitadas entre rua e interior, numa operação que se alinha aos conceitos de Gehl. Já o Superlimão assume uma presença silenciosa na cidade: a fachada opaca, o recuo vegetado e a permeabilidade controlada produzem uma convivência respeitosa com o entorno. Internamente, a Ampfy ainda guarda traços hierárquicos e layouts lineares que limitam a personalização dos espaços, enquanto o Superlimão se organiza em camadas invisíveis de apropriação progressiva, promovendo pertencimento e horizontalidade por meio da hierarquização afetiva do espaço, conforme defendem Alexander, Silverstein e Ishikawa, Hertzberger e Pallasmaa.

A leitura comparativa entre os dois estudos evidenciou que camadas invisíveis como pertencimento, memória, afeto e convivência são altamente sensíveis às decisões projetuais, especialmente no que tange à abertura para a apropriação, à diversidade de escalas de intimidade e à linguagem visual adotada.

Pequenos gestos arquitetônicos, como uma copa integrada, uma parede de colagens, ou a manutenção de texturas imperfeitas, se mostraram potentes dispositivos simbólicos de ativação dessas camadas. Ao mesmo tempo, a pesquisa evidenciou que o espaço atua em interdependência com a cultura organizacional, com os regimes de gestão e com as normativas institucionais visíveis e invisíveis.

Nesse sentido, ao incorporar os aportes críticos de autores como David Harvey (1992), Maurizio Lazzarato (2001) e Byung-Chul Han (2015), a dissertação reconhece que os espaços de trabalho são atravessados por dinâmicas mais amplas de controle, performatividade e estetização típicas do capitalismo contemporâneo. A arquitetura participa dessas dinâmicas, mas também pode agir como resistência simbólica, como gesto crítico e ético que desloca normativas e abre possibilidades para formas mais plurais de existir nos ambientes corporativos. A fenomenologia, ao centrar-se as experiências corporificadas pelo sujeito no espaço, mostrou-se uma ferramenta teórica e metodológica eficaz para desvelar essas ambiguidades, permitindo acessar dimensões que escapam à análise técnica tradicional.

A partir dessa investigação, é possível destacar três frentes de contribuição da pesquisa. Na área de conhecimento, a dissertação avança em relação ao estudo da arquitetura corporativa contemporânea e da arquitetura contemporânea produzida no Brasil: ao abordar o trabalho de um escritório brasileiro que tem um trabalho internacionalmente reconhecido e cuja obra ainda não foi estudada amplamente em meio acadêmico. Em relação ao viés de análise: a leitura dos aspectos subjetivos que envolvem as formas de percepção, significação e apropriação dos espaços de trabalho. Em relação aos procedimentos de análise: a adoção de procedimentos de análise gráfica, por meio de fotografias, montagens e colagens para a análise das formas de percepção, significação e apropriação dos espaços de trabalho.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho se destaca pela integração entre levantamento empírico, leitura fenomenológica e representação imagética. A utilização das colagens interpretativas mostrou-se especialmente produtiva para captar as atmosferas, os gestos e os afetos que atravessam os espaços, abrindo um caminho inovador para leituras críticas em arquitetura que valorizem a subjetividade.

Por fim, em termos de contribuição social, a pesquisa insere-se em um debate urgente sobre saúde mental, bem-estar e precarização do trabalho, apontando como o projeto arquitetônico pode, e deve, ser um agente ético e político na promoção de ambientes de trabalho mais humanos, inclusivos e significativos.

Como toda pesquisa situada, este estudo apresenta limitações. A análise se concentrou em dois projetos corporativos inseridos na cidade de São Paulo, ambos ligados a uma cultura empresarial sensível à experimentação arquitetônica. Isso implica um viés de recorte, que pode não refletir a realidade de ambientes de trabalho em empresas com práticas mais conservadoras ou localizadas em contextos regionais distintos. Além disso, por se tratar de uma abordagem qualitativa e interpretativa, os resultados não têm caráter generalizante, mas sim exploratório e propositivo. Tais limitações, no entanto, não invalidam os achados, e sim apontam para a necessidade de aprofundamento em outros contextos.

Ademais, esta dissertação optou por não incluir entrevistas com os usuários dos espaços de trabalho nem a técnica da observação participante. Ainda assim, essa escolha não comprometeu a análise proposta, uma vez que a vivência cotidiana foi explorada de forma consistente a partir de outras fontes como, registros visuais, documentação projetual e entrevistas com os autores dos projetos, permitindo compreender nuances significativas da apropriação e do uso dos ambientes estudados.

Embora o levantamento de dados desta pesquisa tenha se concentrado em fontes produzidas pelo próprio escritório, essa escolha não implicou em vieses ou tendências interpretativas. O procedimento adotado visou compreender a lógica projetual e as intenções que estruturam os espaços de trabalho a partir de um ponto de vista interno, mantendo, contudo, uma postura analítica e crítica diante do material estudado. Reconhece-se que a ausência do olhar direto dos usuários delimita o escopo da investigação, mas não reduz sua validade; ao contrário, abre campo para que pesquisas futuras possam incorporar essa dimensão perceptiva, ampliando a compreensão das experiências e ressignificações cotidianas que emergem desses ambientes.

Nesse sentido, abrem-se várias perspectivas para pesquisas futuras. Estudos que integrem usuários de diferentes perfis, áreas de atuação e cidades podem contribuir para uma cartografia mais diversa das camadas invisíveis nos espaços de trabalho. Há também um campo promissor na investigação de ambientes híbridos e remotos, nos quais a relação entre corpo e espaço é mediada por tecnologias digitais, com novos desafios para a construção de pertencimento e bem-estar. Interdisciplinarmente, aproximar a arquitetura da psicologia ambiental, da neurociência, dos estudos de gênero e da teoria crítica pode enriquecer a compreensão das dinâmicas afetivas e políticas que estruturam os ambientes laborais.

Por fim, esta pesquisa não se encerra em suas respostas, mas se abre como provocação contínua à escuta do espaço vivido, em sua complexidade sensível, simbólica e política. A arquitetura, enquanto linguagem cultural, tem o potencial de mediar não apenas fluxos, funções e formas, mas subjetividades, vínculos e modos de vida. Reafirma-se, aqui, que projetar é também cuidar, de atmosferas, de relações e de sentidos compartilhados. E que a arquitetura corporativa, quando orientada por uma escuta atenta às camadas invisíveis, pode ser não apenas um reflexo das estruturas do trabalho, mas um instrumento para sua reinvenção.

REFERÊNCIAS

- ABALOS, Iñaki; HERREROS, Juan. **Técnica y Arquitectura: En la ciudad contemporánea**. Madrid: Nerea, 1992.
- ANDRADE, C. M. A. de. **A História do Ambiente de Trabalho em Edifícios de Escritórios: Um Século de Transformações**. São Paulo: C4, 2007.
- ANDRADE, C. M. A. de. **O escritório no Século XXI**. São Paulo: C4, 2013.
- AHH. **Centraal Beheer Offices, Apeldoorn**. 2024. Disponível em: <<https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/12-utiliteitsbouw/85-centraal-beheer-offices-apeldoorn>>. Acesso em: 27 de fev. 2024.
- ALEXANDER, Christopher; SILVERSTEIN, Murray; ISHIKAWA, Sara. **A Pattern Language**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ANDRADE, Cláudia Miranda de. **Avaliação da ocupação física em edifícios de escritórios utilizando métodos quali-quantitativos: o caso da Editora Abril em São Paulo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ANDRADE, M. M. Protocolo de observação: a racionalização da Casa City Boaçava. **Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 62–74, 2020.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARCHDAILY. **Superlimão. Projeto Marília / SuperLimão**. 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/625460/projeto-marilia-superlimao-studio>> Acesso em: 31 de out. de 2024.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço** [1957]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERNSTEIN, Ethan S.; TURBAN, Stephen. The impact of the ‘open’ workspace on human collaboration. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, Londres, v. 373, n. 1753, p. 1-8, mai. 2018.
- BETTEGA, Maria Lúcia. **Rituais corporativos como comunicação e suas relações com cultura organizacional: um estudo no centro corporativo das empresas Randon**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016.

BINI, Carolina. **Atmosferas do lugar – Relação entre rito e arquitetura**: o caso da Capela Universitária Jesus Mestre. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015

BRAND, Stewart. **How buildings learn**: What happens after they're built. Nova York: Penguin Books, 1994.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo. Quando o escritório “fala”: identificação de aspectos culturais dos usuários no ambiente de trabalho. In: **Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC 08 - Fortaleza**. Anais [...]. Porto Alegre: ANTAC, 2008.

BULA, Natalia Nakadomari. **Arquitetura e fenomenologia**: qualidades sensíveis e o processo de projeto. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

BURREL, Gibson e MORGAN, Gareth. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann, 1979.

CARREIRO, Líbia Martins. Morte por excesso de trabalho (karoshi). **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região**, Belo Horizonte, v. 46, n. 76, p. 131–141, jul./dez. 2007.

CELERI, Márcio José; PEREIRA, Marcio Roberto. Resenha: A poética do espaço. **InterEspaço**: Grajaú, v.4, n.13, p. 275-278, jan./abr. 2018.

CLARK, Taylor Richard. **On Sensorial Encounter with Architecture**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Politécnica de Virginia, Alexandria, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10919/35274>>. Acesso em: 28 de setembro de 2022.

CHANLAT, Jean-François. **Ciência Sociais e Management**. São Paulo: Atlas, 1999.

CLOSEL, Ursula de Oliveira. **Bem-estar no ambiente de trabalho**: uma análise à luz da psicologia positiva. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Econômicas) - Programa de Pós graduação em Gestão Pública, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017

Colling, Karine. **Interiores Corporativos Paulistas**: estudos de caso de layout de escritórios projetados na década de 2010 e publicados nas revistas AU e Projeto. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

COMBINE CONSULTING. **Quickborner Team and the office landscape**: visionary concepts and excellence in consulting for over 60 years. 2024. Disponível em: <https://www.combine-consulting.com/en/heritage/>. Acesso em: 01 de janeiro de 2024.

DEJOURS, Christophe. **O Fator Humano** [1997]. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004

DUARTE, Cristiane Rose *et al.* O Projeto como Metáfora: Explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, Cristiane Rose *et al* (org.). **O lugar do projeto: no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, p. 504-519.

ESTÚDIO GUTO REQUENA. **SOBRE**. 2024. Disponível em: <https://www.gutorequena.com/sobre/>. Acesso em: 31 dez. 2024.

FIALHO, Roberto Novelli. **Edifícios de escritórios na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

FICHER, Sylvia. Edifícios altos no Brasil. **Espaço & Debates**, São Paulo, v.24, n.37, p.61-76, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FURTADO, Maria Cristina de Oliveira. **Espaços de Refúgio em Pirenópolis: Uma análise fenomenológica e sensorial do habitar na natureza**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018

GHISLENI, Camilla. **Arquitetura sinestésica: conhecendo a obra do Superlimão**. 2022. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/974131/arquitetura-sinestesica-conhecendo-a-obra-do-superlimao-studio>> Acesso em: 04 de out. de 2022.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GHOSN, Aparecida A. Bou. **Análise comparativa de layouts de espaços de trabalho em ambientes acadêmicos**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GONSALES, Celia. CIAM, Team X e espaço urbano nos conjuntos habitacionais brasileiros. **Arquitetura Revista**, São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 101-111, dez. 2011.

GUILHERMINO, Leila Araújo. **Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Natal, Natal, 2015.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus – Nova arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço** [2010]. Petrópolis: Vozes, 2015

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Construir Habitar Pensar** [1951]. In: Ensaaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** [1927]. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERMAN MILLER. **O escritório que acompanha as mudanças**. 2024. Disponível em:

https://www.hermanmiller.com/pt_br/products/workspaces/workstations/action-office-system/design-story/. Acesso em: 26 de fev. de 2024.

HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura [1991]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas** - Fenomenologia e teoria do conhecimento [1990]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

IMBRIZI, Jaqueline Maria. **A formação do indivíduo no capitalismo tardio**: uma análise de estudos que vinculam a esfera subjetiva ao mundo do trabalho. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades** [1961]. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JUNQUEIRA, Juliana. **Jeca Tatu e a poética do espaço**: intersecções entre as casas de Bachelard e Mazzaropi. Renefara, Goiânia, v. 14, n. 3, set./dez. 2019.

KAMITA, João Masao. A casa como “atitude crítica”. In: MEDRANO, Leandro; RECAMÁN, Luiz (Orgs.). As virtualidades do morar: Artigas e a metrópole. São Paulo: FAUUSP, 2015. p. 74-86.

KELLERT, Stephen R., HEERWAGEN, Judith H., MADOR, Martin L. **Biophilic design**: the theory, science, and practice of bringing buildings to life. New Jersey: Joh Wiley & Sons, Inc., 2008.

LAZZARATO, Maurizio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção da subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço** [1974]. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEUPEN, Bernard; GRAFE, Christoph; KÖRNIG, Nicola; LAMPE, Marc; ZEEUW, Peter de. **Design and Analysis**. Rotterdam: 010 Publishers, 1997.

LIMA, A. C.; PACHECO, F. P.; BOMFIM, Z. A. C. Psicologia Ambiental e Simbolismo do espaço: mapeamento afetivo da relação de trabalhadores da política de assistência social com seus lugares de trabalho. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 244-255, jun. 2021.

LULA GOUVEIA - Sócio Superlimão - Tô em casa #23. Entrevistadores: Giovanna Gogosz e Bruno Bordón, Canal Tô em casa, 2022. 1 vídeo (54min15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4rQBZ804MNU>>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MALTA, F. P. ; GOUVEIA, J. L. F. ; ALBUQUERQUE, CYRO . A study of a solar chimney to improve comfort inside shipping containers. In: **The 27th International Conference on Efficiency, Cost, Optimization, Simulation and Environmental Impact of Energy Systems**, 2014.

MALTA, F. P. ; GOUVEIA, J. L. F. ; Albuquerque, C. . Investigation of natural convection in solar chimney with trapezoidal section to improve comfort inside shipping containers. In: **22nd International Congress of Mechanical Engineering**, 2013, Ribeirão Preto. Anais do 22nd International Congress of Mechanical Engineering, 2013.

MARCHI, Ligia Betim. **Pontes da passagem: Por uma fenomenologia do lugar**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015

MARTINEZ, Marcella. **A influência do ambiente de trabalho na produtividade e qualidade do trabalho: percepção dos funcionários em um escritório do setor público**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** [1945]. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Corporativo**. 2024. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corporativo/>>. Acesso em: 31 dez. 2024.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Escritório**. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=escrit%C3%B3rio> . Acesso em: 31 dez. 2024.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Subjetividade**. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/subjetividade#:~:text=1%20Car%C3%A1ter%20ou%20qualidade%20de,e%20considerados%20por%20ele%20seus>. Acesso em: 31 dez. 2024.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. 2. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture**. Minnesota: Academy Editions, 1980.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Heidegger's Thinking on Architecture**. *Perspecta*, v. 20, p. 61-68, 1983.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Los principios de la arquitetura Moderna: Sobre la nueva tradición del siglo XX**. Barcelona: Reverté, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existencia, espacio y arquitetura**. Barcelona: Blume, 1975.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; LEITE, Brenda Chaves Coelho; ANDRADE, Cláudia Miranda. Occupancy evaluation of offices in the financial sector. **Facilities**, v. 19, n. 11/12, p. 404-412, out. 2001.

OSEI, Yvonne Mabel. **Exploring Sensory Design in Therapeutic Architecture**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Carleton University, Ottawa, 2014.

PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEREIRA, Matheus. **Área Social Sede Nubank / SuperLimão**. 2020. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/953831/area-social-sede-nubank superlimao](https://www.archdaily.com.br/br/953831/area-social-sede-nubank-superlimao)> Acesso em: 04 de out. de 2022.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.1-21, mar. 2011.

PITÁ ARQUITETURA. **QUEM SOMOS. 2024**. Disponível em: <https://www.pita.arq.br/pt/quem-somos> . Acesso em: 31 dez. 2024.

QUEIROZ, Adriane Farias Santos de. **Influências da Mudança de Layout: uma análise das relações do indivíduo com o seu ambiente de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.

RAPOPORT, Amos. **Culture, Architecture, and Design**. Chicago: Locke Science Publishing Company, 2005.

REIS, Nathalia Tiago dos. **Unicidade: Uma proposta de Edifício Corporativo na cidade de Goiânia sob o viés da fenomenologia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Cidade de Goiás, 2023.

REIS, Nathalia Tiago dos; REZENDE, Wagner de Souza. Análise das condições de alteridade e pertencimento em um espaço corporativo da cidade de Goiânia. In: **Congresso Internacional sobre Ambiências**, 5., 2024, Rio de Janeiro. *Anais*

eletrônicos... Rio de Janeiro: UFRJ; Lusófona, 2024. Disponível em: <https://ambiances2024.ambiances.net/download/rio-2025.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2025.

RÍO, Rebeca Merino del. Centraal Beheer: Un instrumento en el proceso de concienciación humano. **VLC Arquitetura**, Valência, v. 9, n. 1, p. 127-159, abr. 2022.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**: an Introduction to the Interpretation of visual materials. London: SAGE, 2001

ROSSI, Aldo. **The Architecture of the City**. Londres: The MIT Press, 1982.

SAMPAIO, Rita de Cassia Soares. **Desenho, Organização e Tecnologia dos Escritórios**. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Mackenzie, São Paulo, 2003.

SAVAL, Nikil. **Cubiculados**: A história secreta do local de trabalho. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2015.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 34-50, jul. 2000.

SHARR, Adam. **Heidegger for Architects**. New York: Routledge, 2007.

SIEBRA, L.M.G; BOMFIM, Z.Á.C; SOUSA, L.C.A OLIVEIRA, M.F, SOARES, M.R. Metodologias de investigação-ação em psicologia ambiental. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 1, n. 8, p. 42-55, jan/jul. 2015.

SILVA-JUNIOR, João Silvestre; FISCHER, Frida Marina. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 04, p. 735-744, out-dez. 2015

SIMITCH, Andrea. The language of architecture: 26 principles every architect should know. Beverly: Rockport Publishers, 2014.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal**. São Paulo: EPU, 1973.

Super Limão e um Oásis Colorido no Centro da cidade: Projeto inovador de uma Hamburgueria moderna. Canal Life By Lufe, 2019. 1 vídeo (14min25s) .Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wu0gMEIKtRc>>. Acesso em: 28 de out. 2024.

SUPERLIMÃO. **Insight**, temporada 3, ep. 6. Direção: Todd Phillips. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2019.

SUPERLIMÃO STUDIO. Canal Galeria da Arquitetura, 2018. 1 vídeo(4 min e 51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Z8PnvOOLjM>. Acesso em: 28 de out. de 2024.

SYKES, A. K. **Constructing a new agenda for architecture: architectural theory 1993-2009**. Nova York: Princeton Architectural Press, 2010.

TATEOKA, Rosana Simprini. **Edifícios de escritórios na cidade de São Paulo no início do século XXI – 2001 a 2012**: as principais características dos projetos atuais. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

THIBAUD, Jean-Paul. O devir ambiente do mundo urbano. **Contraponto**: v. 7 n. 2, p. 01-07, jan. 2012.

TORRES, Ofélia de Lanna Sette. GONÇALVES, Marilson Alves. O indivíduo na organização - dimensões esquecidas. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 31 n. 4, p. 107-108, out./dez. 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia**: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values. New York: Columbia University Press, 1974.

VILLAS-BOAS, T. F. ; MALTA, F. P. ; GOUVEIA, J. L. F. ; Albuquerque, C. . Study of a wall solar chimney to remove air from the top of an indoor environment. In: 16th Brazilian Congress of Thermal Sciences and Engineering, 2016, Vitória. Proceedings of 16th Brazilian Congress of Thermal Sciences and Engineering, 2016.

VILLAS-BOAS, T. F. ; MALTA, F. P. ; GOUVEIA, J. L. F. ; Albuquerque, C. . Study of different configurations of solar chimney to improve comfort inside shipping containers. In: 23rd International Congress of Mechanical Engineering, 2015, Rio de Janeiro. Proceedings of the 23rd International Congress of Mechanical Engineering, 2015.

Vencedor da categoria Novo Olhar: SuperLimão. **CASA E JARDIM**, 2020. 1 vídeo (1 min 29 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_FORzdbQIc>. Acesso em: 28 out. 2024.

VON MEISS, P. **Elements of Architecture**: From Form to Place. Chapman and Hall, Lausanne, 1991.

VOS, P.G.J.C., VAN DER VOORDT, D.J.M. Tomorrow's offices through today's eyes. **Journal of Corporate RealEstate**. v. 4 n. 1, p. 48-65, dez. 2001.

ZEIN, Ruth Verde. **Leituras Críticas**: Pensamento da América Latina. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

ZUMTHOR, Peter. **Atmospheres: Architectural Environments. Surrounding Objects**. Berlin: Birkhauser, 2006.

ENTREVISTAS

BRINHOLE, Inaiá. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

BORGES, Gabriel. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

DOMINGUES, Letícia. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

GALANTE, Ana Cristina. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

GOUVEIA, José Luiz Furtado. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

MELLO, Antonio Carlos Figueira. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

RODRIGUES, Thiago. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

VICENTINI, Marília de Barros. Entrevista concedida a Nathalia Tiago dos Reis. São Paulo, set. 2023. Celular Iphone 11 (20min).

MEMORIAL DESCRITIVO

Superlimão. **Memorial descritivo Ampfy**. São Paulo, 2016.

Superlimão. **Memorial descritivo Canary**. São Paulo, 2024a.

Superlimão. **Memorial descritivo Marília**. São Paulo, 2024b.

Superlimão. **Portfólio Superlimão**. São Paulo, 2022-2025.

COLAGENS

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8373949297787566/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/70437489509161/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/2462974790851664/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/3096293488092161/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/70437489509161/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8373949297787566/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/4574037113837574/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/351912462698117/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/13581236383475962/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/422281202087367/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/60235713760944897/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8866530509733283/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/3096293490232827/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8303580558675661/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/50735933298373311/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/ARbqJ4irgpnJNxsWmxwXeZDOGj3g8cFTLCEqkzJinHlkx6vkjETePKU/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/15270086237328437/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/56787645303863659/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/4151824649830354/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/2111131065781444/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/87257311533431458/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/7177680650324070/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/985231160626860/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/17381148554058570/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8233211824976896/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Colagem Figura Humana. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/94575660920108890/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

APÊNDICE A- ROTEIRO ENTREVISTAS ARQUITETOS SUPERLIMÃO

Perfil do entrevistado

- a. Nome, cargo e tempo de trabalho na empresa

O espaço corporativo

- a. Como você vê a evolução dos espaços de escritórios ao longo dos anos em termos de design e funcionalidade?

A trajetória na tipologia

- a. Conte a sua experiência (trajetória) com espaços corporativos
- b. Com que frequência você participa de projetos corporativos?
- c. Quais foram os principais motivos que suscitaram o desejo de executar esta tipologia da arquitetura?

Histórico

- d. Qual é o histórico conhecido e estudado antes de projetar esta tipologia?
- e. Como a preocupação com o bem-estar dos funcionários influenciou as decisões de design em seus projetos de espaços corporativos?
- f. Como você acredita que a pandemia de COVID-19 influenciou ou continuará a influenciar o design de espaços de escritórios?
- g. Como você vê a evolução dos espaços de escritórios ao longo dos anos em termos de design e funcionalidade?

Inovação na tipologia

- a. Quais são os principais pontos a serem observados e dados como ponto de partida ao iniciar um projeto desta tipologia?
- b. Qual é o papel da produtividade nesses espaços?

- c. Qual é o papel do bem-estar nesses espaços?
- d. Você acredita que os aspectos de bem-estar em projetos corporativos têm algum impacto na produtividade dos funcionários?
- e. Você acredita que a inclusão de aspectos de bem-estar em projetos corporativos pode afetar positivamente a imagem da empresa perante os clientes?
- f. Quais são os principais princípios de design que você incorpora ao criar espaços de escritórios contemporâneos que promovam o bem-estar e a qualidade de vida dos ocupantes?
- g. Quais são algumas das tendências mais recentes na arquitetura de escritórios que você observou ou que tem implementado em seus projetos?
- h. Como você equilibra as necessidades práticas, como eficiência e produtividade, com os aspectos estéticos e de bem-estar ao projetar espaços de escritórios?
- i. Quais desafios você enfrentou ao projetar espaços de escritórios que incorporam aspectos de qualidade de vida e bem-estar? Como os superou?

Incorporação do bem-estar

- a. Em sua opinião, como a experiência subjetiva dos ocupantes afeta sua produtividade e satisfação em espaços de escritórios modernos?
- b. Você pode compartilhar exemplos específicos de projetos que tenham tido um impacto significativo na vida dos ocupantes e no sucesso das empresas?
- c. Como a fenomenologia na arquitetura pode ser aplicada de forma prática ao projetar espaços de escritórios que atendem às necessidades e experiências dos usuários?
- d. Quais são os sentimentos que vocês querem provocar no ocupante do espaço?
 - e. Quais aspectos intrínsecos dos funcionários são levados em consideração? Sua história, seu desejo por pertencimento...

Prática

- a. Como isso é refletido no mobiliário?
- b. Como vocês abrem margem para a apropriação e experiência no espaço?
- c. Quais são as principais estratégias utilizadas para posicionar o layout?
- d. Há alguma relação com sentimentos, experiências, percursos...

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada *Entre camadas invisíveis: Uma análise da interioridade da Arquitetura Corporativa*, orientador pela professora Dr. Eline Maria Mora Pereira Caixeta e coorientado pelo professor Dr. Wagner de Souza Rezende. Meu nome é Nathalia Tiago dos Reis, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é as Ciências Sociais Aplicadas dentro do programa Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás, com pesquisas na linha da História e Teoria da Arquitetura e da Cidade. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail XX@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (11) XXXX-7XXXX, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como estes espaços corporativos avançaram em relação ao debate sobre experiência do usuário e a qualidade de vida. Você será entrevistado e para isso deverá reservar um período de 20 minutos. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Como o projeto de pesquisa propõe estudar os espaços corporativos e entender o olhar dos arquitetos perante este processo, é importante considerar que os participantes da pesquisa poderão estar expostos a algum desconforto ao relatar alguma experiência pessoal na participação do projeto, ou ainda se sentirem desconfortáveis em compartilhar alguma informação, essas reflexões podem ser desafiadoras e causar desconforto ou ansiedade nos participantes. No entanto, ao menor sinal desses sintomas, o participante pode se sentir à vontade para interromper a entrevista.

Por outro lado, é importante destacar os benefícios que a pesquisa traz, como: 1. Sensação de voz e empoderamento ao compartilhar experiências. 2. Contribuição para o avanço do conhecimento na área da arquitetura corporativa. 3. Reflexão pessoal sobre a relação com o ambiente de trabalho. 4. Possibilidade de influenciar mudanças positivas nos espaços corporativos.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Permito a utilização de gravador durante a entrevista.

Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Autorizo o uso de minha voz em publicações.

Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFMG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo-assinado, concordo em participar do estudo intitulado Entre camadas invisíveis: Uma análise da interioridade da Arquitetura Corporativa. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Nathalia Tiago dos Reis sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Se iletrado, é necessário a assinatura de duas testemunhas:

Assinatura por extenso da testemunha 1

a por extenso da testemunha 2



Assinatur

ANEXO B- TERMO DE COMPROMISSO

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12* e/ou da *Resolução CNS n.º 510/16*, bem com suas complementares, como pesquisadora responsável e/ou pesquisador participante do projeto intitulado "Entre camadas invisíveis: Uma análise da interioridade da Arquitetura Corporativa". Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Data: 22 / 05 / 2023

Nome do(a) Pesquisador(a)	Assinatura Manuscrita ou Digital
1. Nathalia Tiago dos Reis	
2. Eline Maria Mora Pereira Caixeta	
3.	
4.	

ANEXO C- TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUIÇÃO

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O SuperLimão está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado *Entre camadas invisíveis: Uma análise da interioridade da Arquitetura Corporativa*, coordenado pelo(a) pesquisador(a) Nathalia Tiago dos Reis, desenvolvido em conjunto com a pesquisadora orientadora Eline Maria Mora Pereira Caixeta na Universidade Federal de Goiás.

O SuperLimão assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de setembro 2023 até março 2025 havendo combinado prévio, e quando o mesmo tiver disponibilidade.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

São Paulo, 23 de maio de 2023


Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

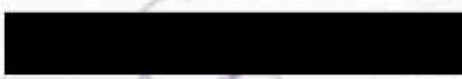
TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O/A GABRIEL S. A. BORGES está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado Entre camadas invisíveis: Uma análise da interioridade da Arquitetura Corporativa, coordenado pelo(a) pesquisador(a) Nathalia Tiago dos Reis, desenvolvido em conjunto com a pesquisadora orientadora Eline Maria Mora Pereira Caixeta e coorientador Wagner de Souza Rezende na Universidade Federal de Goiás.

O/A GABRIEL S. A. BORGES assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante o dia 29/07/2024 havendo combinado prévio, e quando o mesmo tiver disponibilidade.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

São Paulo, 29 de julho de 2024


Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

Endereço (rua, número, bairro, cidade, país), Contato (telefone e e-mail)
Rua Girassol, 953 - Vila Madalena, SP
cep: 05433-092, tel: 11 98182-8321

ANEXO D- APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera a presente solicitação de Emenda APROVADA, pois a mesma foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para janeiro de 2025.

ANEXO E - Transcrição das Entrevistas

Entrevistas in Loco Superlimão - 2022

Entrevista 01 - Coordenadora Comercial Superlimão - 13/09/2023 - Ana Galante

Entrevistadora: Poderia me contar um pouco sobre a sua trajetória no Superlimão?

Entrevistada: Claro. Eu entrei quando o escritório ainda tinha uma equipe bem reduzida. Eu atuava como coordenadora geral, fazendo a ponte entre os sócios e os times de projeto.

Entrevistadora: E essa função mudou com o tempo?

Entrevistada: Mudou sim. Com o crescimento do escritório, surgiram novas subdivisões e coordenações para otimizar a gestão dos projetos. Hoje, atuo como coordenadora comercial, focada no desenvolvimento de propostas, atendimento ao cliente e gestão estratégica.

Entrevistadora: E como você vê a evolução dos espaços corporativos nesse período?

Entrevistada: Ah, mudou muito. Antes, os escritórios eram mais segmentados, com divisórias e mesas individuais. Com o tempo, passamos a adotar layouts mais colaborativos e ambientes que lembram o conforto doméstico. Um exemplo é o projeto da Microsoft que entregamos em 2019.

Entrevistadora: E o que motivou essa mudança?

Entrevistada: Foi a necessidade de tornar os escritórios mais atrativos, principalmente em comparação com o home office, o que se intensificou após a pandemia da COVID-19.

Entrevistadora: E a pandemia trouxe outros impactos?

Entrevistada: Com certeza. Ela consolidou o modelo híbrido e aumentou a demanda por ambientes que promovem bem-estar e interação social. Mas percebi que esse movimento teve um pico entre 2021 e 2022. Em 2023, houve uma desaceleração na busca por reformulações espaciais.

Entrevistadora: Você mencionou em outra conversa sobre materiais autênticos...

Entrevistada: Sim, no Superlimão temos a diretriz de nunca usar materiais que imitam outros. Isso prejudica a experiência sensorial. Por exemplo, um piso de madeira natural é muito superior a um porcelanato que a imita, em termos térmicos, acústicos e táteis.

Entrevistadora: E sobre o processo de concepção dos projetos?

Entrevistada: Ele é muito orientado pela experiência e pela experimentação. A gente usa referências teóricas, claro, mas o foco é encontrar soluções que conciliem estética, funcionalidade e viabilidade de execução.

Entrevistadora: Para finalizar, qual a sua percepção sobre o home office hoje?

Entrevistada: Eu acho que a pandemia não só mudou os escritórios, como também quebrou paradigmas sobre o trabalho remoto. Muitas empresas que tinham receio passaram a adotar como modelo viável. Então acredito que os espaços corporativos vão continuar evoluindo para serem mais flexíveis e adaptados às novas dinâmicas.

Entrevista 03 - Coordenadora de projetos Superlimão - 13/09/2023 - Inaiá

Entrevistadora: Você poderia me contar um pouco sobre sua atuação no Superlimão?

Entrevistada: Claro. Eu trabalho mais voltada para projetos de interiores, incorporação e espaços residenciais, mas já participei de projetos corporativos importantes, como o da Microsoft.

Entrevistadora: E como você percebe a evolução dos escritórios ao longo do tempo?

Entrevistada: Antes, os escritórios eram segmentados, com layouts tradicionais e muita demanda por salas individuais. Com o tempo, passamos a ter espaços mais abertos e flexíveis, seguindo a tendência de colaboração.

Entrevistadora: A pandemia teve um papel nessa transformação?

Entrevistada: Sim, acelerou muito essa mudança. Ela reforçou a importância de espaços colaborativos e híbridos, e no pós-pandemia houve uma valorização ainda maior das áreas de socialização.

Entrevistadora: Sobre o projeto da Microsoft, como foi essa experiência?

Entrevistada: Foi um processo desafiador e muito enriquecedor. Tivemos que seguir um guia de identidade global, mas também incorporar elementos da cultura brasileira.

Entrevistadora: E que tipo de diretrizes a Microsoft trouxe?

Entrevistada: Eles tinham padrões detalhados de design para garantir conforto e bem-estar, como salas para mães lactantes, salas de massagem e serviços de bem-estar. Essa abordagem centrada no usuário fez diferença, e os funcionários ficaram muito satisfeitos com o resultado.

Entrevistadora: E como vocês chegaram a essas soluções?

Entrevistada: Fizemos pesquisas sobre escritórios anteriores e tendências globais, e no caso da Microsoft também estudamos escritórios da empresa em outros países. Assim conseguimos criar algo alinhado aos padrões globais, mas com o contexto local.

Entrevistadora: E sobre o futuro dos escritórios, o que você acha?

Entrevistada: Mesmo com o crescimento do trabalho remoto, o escritório continua essencial para interação e colaboração. A pandemia mostrou que precisamos de espaços mais flexíveis, confortáveis e humanizados. No Superlimão, buscamos equilibrar identidade, funcionalidade e bem-estar nos projetos.

Entrevista 04 - Coordenadora de projetos Superlimão - 13/09/2023 - Letícia

Entrevistadora: Você poderia me contar um pouco sobre a sua trajetória no Superlimão?

Entrevistada: Claro. Já estou aqui há quase 10 anos. Entrei quando o escritório estava começando a explorar mais a evolução dos espaços corporativos.

Entrevistadora: Você lembra de algum projeto marcante desse início?

Entrevistada: Sim, em 2014 tivemos um projeto em que discutimos criar áreas diferenciadas, como espaços específicos para chamadas telefônicas e reuniões.

Entrevistadora: E quais foram as principais influências para essa forma de projetar?

Entrevistada: Desde o começo, fomos muito influenciados por empresas como o Google. Adaptamos conceitos de ambientes mais flexíveis e menos rígidos, voltados ao bem-estar e à colaboração. No primeiro projeto que participei, em 2016, já aplicamos isso, criando espaços funcionais e layouts inovadores, como bancadas para reuniões informais.

Entrevistadora: E como essas ideias foram aplicadas no projeto da Microsoft?

Entrevistada: No caso da Microsoft, tivemos muita atenção aos detalhes, como iluminação e organização espacial. Por exemplo, escolhemos bancadas que não pegassem sol à tarde, para evitar desconforto e ansiedade, criando um ambiente mais relaxante.

Entrevistadora: Esse foco no bem-estar sempre fez parte do escritório?

Entrevistada: Sempre. Desde o início, olhamos para as necessidades humanas e para o conforto dos usuários. Acredito que um ambiente confortável e humanizado deixa as pessoas mais felizes, e isso reflete na produtividade.

Entrevistadora: E como a pandemia influenciou essa concepção dos espaços?

Entrevistada: Antes, a estrutura tradicional de mesas e cubículos era vista como essencial. Com a pandemia, as empresas perceberam que mais importante que isso

são os momentos de colaboração e troca. Isso trouxe a necessidade de espaços flexíveis e layouts mutáveis para diferentes tipos de trabalho.

Entrevistadora: E a experiência subjetiva das pessoas, como entra nesse processo?

Entrevistada: É fundamental. No começo, muita gente estranhou não ter mesa fixa. Mas quando as pessoas se identificam com o ambiente, se sentem mais à vontade e produtivas.

Entrevistadora: Então a arquitetura também precisa refletir a cultura da empresa?

Entrevistada: Exatamente. O espaço deve transmitir os valores da empresa e permitir que todos, inclusive os líderes, se sintam parte de um ambiente colaborativo. Um bom projeto de trabalho não reflete apenas funcionalidade, mas também a identidade do lugar.

Entrevista 06 - Sócio Superlimão - 13/09/2023 - Lula Gouveia

Entrevistadora: Como você vê a evolução dos espaços corporativos ao longo do tempo?

Entrevistado: Antes da pandemia, muitos escritórios ainda seguiam modelos tradicionais, salas para diretores, baias para funcionários, e havia pouca preocupação com a qualidade do ambiente de trabalho.

Entrevistadora: E a pandemia mudou isso?

Entrevistado: Muito. Trouxe novas necessidades, como reduzir a ocupação física e adotar modelos mais flexíveis e colaborativos.

Entrevistadora: Você citou o conceito de “escritório como universidade”. O que significa isso?

Entrevistado: É a ideia de projetar o espaço para incentivar o trabalho em equipe, e não apenas para tarefas individuais.

Entrevistadora: E a produtividade, como entra nessa discussão?

Entrevistado: Ela não depende apenas da presença física. A pandemia mostrou que é possível trabalhar bem de forma remota, mas o ambiente precisa ser pensado para potencializar a colaboração.

Entrevistadora: Isso se conecta ao modelo híbrido?

Entrevistado: Sim. O futuro dos escritórios está nesse modelo híbrido, mais focado na qualidade do ambiente e na interação.

Entrevistadora: Você também mencionou o Google...

Entrevistado: Sim, o Google foi pioneiro nessas mudanças. Eles ajudaram a mostrar para outras empresas que vale a pena repensar a funcionalidade dos escritórios em função do bem-estar e das necessidades dos colaboradores.

Entrevista 08 - Coordenadora de Projetos Superlimão - 13/09/2023- Marília

Entrevistadora: Como você percebe a evolução dos espaços de escritório ao longo dos anos?

Entrevistada: Acho que houve uma mudança importante. Antes, era um modelo muito voltado para controle e vigilância. Hoje, buscamos um design que traga mais conforto e bem-estar para os funcionários. Ambientes mais agradáveis e menos rígidos incentivam participação e melhor desempenho.

Entrevistadora: E a pandemia, como impactou esses projetos?

Entrevistada: Forçou uma repensada total na dinâmica de trabalho. As videoconferências se tornaram parte do dia a dia e passamos a precisar de ambientes mais flexíveis. Isso também dissolveu hierarquias no layout, eliminando, por exemplo, mesas maiores para líderes, para criar um espaço mais colaborativo.

Entrevistadora: Pode dar um exemplo de projeto que seguiu essa lógica?

Entrevistada: Sim, no projeto da Ambev, misturamos características de ambientes corporativos e universitários, pensando nas dinâmicas e necessidades de diferentes grupos e adaptando os espaços para ensino e preparação para o mercado de trabalho.

Entrevistadora: E quais outras mudanças você percebeu no pós-pandemia?

Entrevistada: Houve uma aceleração nas soluções tecnológicas para ambientes híbridos, mais flexibilidade e mais atenção à ventilação e ao conforto térmico — coisas que antes não eram tão prioritárias.

Entrevistadora: E sobre produtividade, mudou algo?

Entrevistada: Antes era vista de forma mais rígida, muito focada na quantidade. Hoje, olhamos mais para o equilíbrio entre quantidade e qualidade, considerando o bem-estar dos colaboradores.

Entrevistadora: O trabalho remoto influenciou essa visão?

Entrevistada: Sim. A pandemia mostrou as deficiências dos espaços domésticos, móveis desconfortáveis, falta de iluminação, e isso valorizou os ambientes corporativos. No modelo híbrido, é importante escolher o local adequado para cada tipo de tarefa.

Entrevistadora: E as cores no design, têm influência nesse processo?

Entrevistada: Com certeza. Elas podem estimular criatividade ou promover relaxamento, dependendo da paleta escolhida. Já fizemos projetos em que essa definição foi estratégica para atingir o objetivo do cliente.

Entrevistadora: E como vocês criam espaços para interação?

Entrevistada: Apostamos em corredores, áreas de descanso, lugares que incentivem encontros informais. Isso melhora muito a dinâmica de trabalho.

Entrevistadora: Pode citar algum elemento projetual específico?

Entrevistada: Em um projeto, por exemplo, criamos uma bancada multifuncional que serve tanto para apresentações quanto para descanso, adaptando-se às necessidades dos colaboradores.

Entrevista 09 -Sócios Superlimão - 13/09/2023- Thiago, Lula e Antonio

Entrevistadora: Como vocês enxergam a evolução do design de espaços corporativos ao longo do tempo?

Sócios: Antes, eram modelos altamente funcionais, mas pouco humanos. Hoje, buscamos espaços mais colaborativos, com conforto e flexibilidade como prioridades.

Entrevistadora: Podem dar um exemplo de projeto onde isso ficou evidente?

Sócios: No Google, por exemplo, conseguimos adaptar o escritório para suportar uma ocupação maior que a prevista inicialmente. Mas isso trouxe desafios, como ajustar o sistema de ar-condicionado.

Entrevistadora: E em termos de configuração de espaços, o que mudou?

Sócios: Há uma tendência de reduzir o tamanho das salas de reunião e criar mais espaços pequenos e flexíveis, para fomentar a interação.

Entrevistadora: E como a cultura local entra no projeto?

Sócios: Sempre buscamos integrar elementos culturais e históricos do entorno. No projeto da OAB, por exemplo, usamos referências da história da região, como a extração de borracha, para criar uma conexão emocional com o local.

Entrevistadora: Vocês também mencionaram fenomenologia...

Sócios: Sim. Ela é importante para criar sensações — conexão com o clima, o ambiente, as memórias. Esses elementos trazem mais significado e tornam o projeto mais acolhedor e humano.

Entrevistadora: E no design em si, como vocês estimulam conexões entre as pessoas?

Sócios: Criando percursos que favoreçam encontros e trocas, mas sem sacrificar a funcionalidade e o conforto. Buscamos ambientes que se adaptem às necessidades dos usuários, mantendo a identidade cultural e o contexto local.

Entrevista 10 -Sócio Superlimão - 13/09/2023 - Thiago

Entrevistadora: Como você descreveria o processo criativo no Superlimão?

Entrevistado: Ele começa captando informações de diferentes pontos de vista. Os membros mais novos trazem perspectivas diferentes, e isso enriquece muito o trabalho.

Entrevistadora: E como a ética entra nesse processo?

Entrevistado: É essencial equilibrar a técnica com o bem-estar dos usuários e com

as necessidades práticas do projeto. Buscamos criar espaços flexíveis, que atendam a diversos grupos, desde áreas colaborativas até ambientes mais privados. A personalização também é fundamental para gerar pertencimento.

Entrevistadora: Pode dar um exemplo de projeto que seguiu essa abordagem?

Entrevistado: Sim, o projeto para a Microsoft. Fizemos um estudo profundo das necessidades do cliente, considerando a cultura e as tecnologias da empresa. Criamos um design que integra, de forma fluida, espaços colaborativos e silenciosos, sem muitas divisões físicas.

Entrevistadora: E como é a relação do escritório com os clientes nesse processo?

Entrevistado: Procuramos trabalhar muito próximos deles, para que o projeto reflita suas narrativas e histórias.

Entrevistadora: Quais desafios vocês já enfrentaram nesse caminho?

Entrevistado: Muitos (risos). Lidar com prazos apertados e demandas que mudam no meio do caminho é comum. Nosso processo inclui visitas e diagnósticos do espaço, desenvolvimento do layout, modelagem, análise de posicionamento solar e respeito ao regionalismo.

Entrevistadora: E em termos de materiais, o que guia as escolhas?

Entrevistado: Gostamos de contar histórias através do design. Trabalhamos bastante com madeira e pedras, que trazem identidade e conexão com o lugar.

Entrevistadora: Você mencionou outra experiência com a Microsoft...

Entrevistado: Sim, foi um projeto que absorveu muito do espírito de inovação da empresa. Criamos espaços para coworking, hackathons e outras dinâmicas colaborativas.

Entrevistadora: E sobre a trajetória do Superlimão?

Entrevistado: Começamos como um estúdio de design focado em projetos gráficos e arquitetura. Com o tempo, expandimos as habilidades, trabalhando em diferentes projetos e criando nossa própria linha de produtos, como móveis feitos com materiais reciclados.

Entrevista 11 - Sócio Ampfy - 29/07/2024 - Gabriel Borges

Entrevistadora: Como foi a concepção do projeto arquitetônico da Ampfy?

Fundador: Somos inquilinos. Os proprietários idealizaram o prédio para 6 inquilinos. Nós pedimos para sermos monousuários em função do espaço que precisávamos.

Entrevistadora: E quais adaptações foram feitas?

Fundador: Reconfiguramos a entrada de pedestres para o novo uso mono-usuário, mantivemos a garagem e criamos um acesso subterrâneo, preservando a área externa para convívio e atividades sociais.

Entrevistadora: Como vocês distribuíram as funções nos três pavimentos?

Fundador: O térreo ficou como espaço social, com áreas formais e informais para reuniões e eventos. Os dois andares superiores são voltados para a equipe, priorizando funcionalidade.

Entrevistadora: E no aspecto estético?

Fundador: Incorporamos elementos marcantes, como o paredão de azulejos do escritório RMMA e o corredor amarelo, que faz parte da identidade do espaço.

Entrevistadora: A funcionalidade também foi um ponto forte, certo?

Fundador: Sim. O andar social foi pensado para acolher reuniões, eventos e happy hours, com varandas e ambientes que incentivam a interação. Também temos salas de reunião com soluções acústicas e uma central de servidores.

Entrevistadora: E a pandemia, como influenciou o projeto?

Fundador: Ele foi desenvolvido antes da pandemia, mas pensamos depois em como teria sido diferente no pós-pandemia. Isso reforça a importância de espaços flexíveis.

Entrevistadora: E a configuração atual do primeiro pavimento?

Fundador: Originalmente o carpete delimitava áreas para inquilinos distintos, mas agora o espaço é contínuo. Cada lado tem seis máquinas de ar-condicionado, banheiros, copas e circuitos elétricos separados, o que permitiria um uso diversificado no futuro.

Entrevistadora: Como vocês organizaram o uso individual do espaço?

Fundador: Instalamos lockers para evitar escaninhos espalhados, mas, após a pandemia, muitos colaboradores preferem manter seus pertences em casa.

Entrevistadora: E sobre a ocupação das mesas?

Fundador: Antes eram fixas, hoje há liberdade para escolher onde sentar, favorecendo dinâmicas mais fluidas.

Entrevistadora: O auditório também mudou, certo?

Fundador: Sim. Ao invés de uma arquibancada fixa, optamos por um espaço multiuso, com cadeiras dobráveis e uma mesa alta que pode servir como ilha central.

Entrevistadora: E qual é a dinâmica atual de trabalho no espaço?

Fundador: O ambiente está mais flexível. A ocupação nunca é total, e conseguimos equilibrar atividades presenciais e reuniões online, mesmo com três salas de reunião e áreas abertas.

Entrevistadora: Então, no geral, como você define o projeto?

Fundador: É um equilíbrio entre funcionalidade, estética e adaptação. Passou por mudanças importantes para atender às necessidades do usuário final e está alinhado às tendências contemporâneas, sempre preparado para evoluir conforme o trabalho e a convivência mudam.

Entrevista 12 - Sócio e Analista de Comunicação - Superlimão - 27/05/2025 - Antonio Carlos e Julyana

Entrevistadora: Antonio, você pode me contar um pouco sobre a história e o uso do espaço físico do Superlimão?

Antonio: Claro. Nosso escritório já passou por diferentes sedes. Começamos numa casa residencial que abrigava outras empresas criativas. Era um lugar com muita conexão com a natureza, jardins visíveis e espaços de convivência.

Entrevistadora: E como foi a transição para o imóvel atual?

Antonio: Ela aconteceu depois da demolição de uma sede anterior. Surgiu a oportunidade de ocupar um antigo estúdio de fotografia que, para nós, já tinha “a cara do escritório”.

Entrevistadora: O espaço atual sofreu muitas transformações?

Antonio: Sim. No início, a gente compartilhava com outros escritórios. Com o crescimento da equipe, assumimos o imóvel inteiro. Fizemos adaptações, como criar salas de reunião no mezanino, construir a copa e banheiros, além de ajustes na iluminação e na infraestrutura. Sempre cuidamos para preservar a arquitetura existente e valorizar a materialidade original.

Entrevistadora: Você mencionou a oficina...

Antonio: Ela é um dos corações do escritório. Fica no fundo, com marcenaria, serralheria e impressoras 3D. É fundamental para experimentação e produção de protótipos.

Entrevistadora: E como funciona o uso dos espaços no dia a dia?

Antonio: É bem flexível. Temos locais para reuniões, trabalho individual ou informal. Cada um escolhe onde quer trabalhar, desde que respeite o bom senso no uso coletivo.

Entrevistadora: E os espaços de convivência?

Antonio: Temos ambientes externos, copa, áreas verdes e até uma lojinha com frutas e produtos. Isso reforça o conforto e a integração.

Entrevistadora: Julyana, e para você, o que caracteriza esse ambiente?

Julyana: A liberdade e a versatilidade. Zonas como a Jaboticabeira ou a área da oficina podem ser usadas conforme a necessidade.

Entrevistadora: Então o espaço traduz a cultura do Superlimão?

Antonio: Com certeza. A gente incorpora valores como experimentação, flexibilidade e conexão com o entorno. Nossa arquitetura é uma extensão da nossa cultura e da dinâmica da equipe.